

TECNOLOGIAS DIGITAIS NA ESCOLA:

do cruzamento de olhares a uma proposta para a sala de aula do Ensino Médio

WELERSON MAZZO SPADA

LAURA HABCKOST DALLA ZEN (ORIENTADORA)

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL
NÍVEL MESTRADO PROFISSIONAL**

WELERSON MAZZO SPADA

**TECNOLOGIAS DIGITAIS NA ESCOLA: DO CRUZAMENTO DE OLHARES A
UMA PROPOSTA PARA A SALA DE AULA DO ENSINO MÉDIO**

**SÃO LEOPOLDO
2020**

WELERSON MAZZO SPADA

**TECNOLOGIAS DIGITAIS NA ESCOLA: DO CRUZAMENTO DE OLHARES A
UMA PROPOSTA PARA A SALA DE AULA DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão Educacional, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Laura Habckost
Dalla Zen

SÃO LEOPOLDO

2020

S732t Spada, Welerson Mazzo.
Tecnologias digitais na escola : do cruzamento de olhares a uma proposta para a sala de aula do ensino médio / por Welerson Mazzo Spada. – 2020.
110 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional, São Leopoldo, RS, 2020.
“Orientadora: Dr^a. Laura Habckost Dalla Zen”.

1. Cultura digital. 2. Tecnologia digital.
3. Formação de professores. 4. Hibridismo.
5. Multimodalidade. 6. Inovação na educação.
I. Título.

CDU: 373.33:004

WELERSON MAZZO SPADA

**TECNOLOGIAS DIGITAIS NA ESCOLA: DO CRUZAMENTO DE OLHARES A
UMA PROPOSTA PARA A SALA DE AULA DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação de Mestrado apresentada como
requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Gestão Educacional, pelo
Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Laura Habckost
Dalla Zen

Aprovada em: ___/___/2020

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Laura Habckost Dalla Zen (Orientadora)

Prof^o. Dr^o. João Ricardo Bittencourt (Avaliador - Unisinos)

Prof^a. Dr^a. Patrícia Grasel (Avaliadora - Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Rio de Janeiro)

SÃO LEOPOLDO

2020

Para duas pessoas muito importantes, Sr.
Zé e Mauricinho, *in memoriam*, sempre
apoiadores e colaboradores na minha
caminhada.

AGRADECIMENTOS

Lembro-me, exatamente, de como este desafio começou e de cada passo que foi necessário nessa caminhada de dois anos. Grandes distâncias foram percorridas de carro e de avião entre Juiz de Fora – MG e São Leopoldo – RS, sempre acompanhado pelo amigo Rafael. Semanas de imersão nas aulas do mestrado, férias, domingos e muitas noites foram dedicadas aos estudos e aos desdobramentos da pesquisa. Reconheço que não foi tarefa fácil deixar a família e os compromissos laborais com os quais assumi responsabilidades e procurei garantir que estivessem sempre bem. No entanto, não posso falar em solidão, pois, em momento algum, segui na trilha desamparado, mesmo nos momentos em que imaginei estar perdido. Por isso, agradeço...

A Deus pela força que desconheço ser minha;

Ao Colégio dos Jesuítas e à Rede Jesuíta de Educação, por oferecer, acreditar e contribuir com o meu processo de formação;

A Laura Dalla Zen, minha orientadora, pelo acompanhamento qualificado e por nunca “cortar as minhas asas” diante da possibilidade de novos voos;

Aos professores e aos estudantes que participaram da pesquisa e que, gentilmente, dedicaram uma parte preciosa do seu tempo imersos nos grupos de discussão;

Ao Padre Sérgio Mariucci, por todo incentivo e pelo apoio;

Ao professor e amigo Jader Janer Moreira Lopes, pelas indicações de leitura e pelo apoio de sempre;

À Prefeitura Municipal de Juiz de Fora e aos gestores da Escola Municipal Antônio Carlos Fagundes, por acolherem o meu pedido de licença e por cooperarem com o meu processo de formação;

À turma do Mestrado, pelos momentos de planejamento, caronas, conversas, estudos, brincadeiras, carinho e cuidado em tudo;

Ao pai, mãe, Pedro e Jô por serem a razão do que sou e darem sentido ao que faço.

Estendo meu reconhecimento aos tios, tias, primos, primas, sogra e aos amigos do peito, por serem o suporte para todas as horas.

É impossível compreender seu tempo para quem ignora todo o passado; ser uma pessoa contemporânea é também ter consciência das heranças, consentidas ou contestadas.

René Rémond

RESUMO

Esta dissertação é o resultado da pesquisa realizada no Colégio dos Jesuítas em Juiz de Fora – MG, uma das dezessete unidades de educação básica que integra a Rede Jesuíta de Educação no Brasil. A coleta dos dados ocorreu a partir da efetivação de dois grupos de discussão, um envolvendo professores e o outro envolvendo estudantes, no ambiente digital proporcionado pelo aplicativo WhatsApp. A questão inicial e motivadora do estudo surgiu da necessidade de se compreender de que modo a sala de aula, hoje, tem se apropriado da cultura digital sem, no entanto, estabelecer uma dicotomia com o analógico, considerando como referência as mudanças que envolveram a equipe de gestão e o próprio *modus operandi* do Colégio dos Jesuítas, em face da consolidação da Rede Jesuíta de Educação no Brasil e do Projeto Educativo Comum proposto para os colégios. Mediante o estudo de autores que dialogam com temáticas como: cultura e tecnologias digitais, hibridismo, multimodalidade, formação, docência e inovação na educação, foi possível apontar, entre outros aspectos: (i) a importância da formação experiencial e cultural para professores com foco nas tecnologias digitais; (ii) a necessidade de se pensar na implantação de metodologias híbridas e multimodais, mediante clara intencionalidade pedagógica; (iii) a complementaridade da tradição e da inovação, de forma a garantir a aprendizagem do estudante; e (iv) a ratificação e valorização do papel do professor no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que esta é uma demanda dos próprios estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura digital. Tecnologias Digitais. Formação de professores. Hibridismo e Multimodalidade. Inovação na educação.

RESUMEN

Esta disertación es el resultado de una investigación realizada en el Colégio dos Jesuítas en Juiz de Fora – MG, una de las diecisiete unidades de educación básica que conforman la Red de Educación Jesuita en Brasil. La recopilación de datos se realizó a partir de dos grupos de discusión, uno con maestros y otro con estudiantes, en el entorno digital proporcionado por la aplicación WhatsApp. La pregunta inicial y motivadora del estudio surgió de la necesidad de comprender cómo el aula, hoy, se ha apropiado de la cultura digital sin establecer una dicotomía con el análogo, considerando como referencia los cambios que involucraron al equipo. gestión y el modus operandi del Colégio dos Jesuítas, en vista de la consolidación de la Red de Educación Jesuita en Brasil y el Proyecto de Educación Común propuesto para las escuelas. A través del estudio de autores que dialogan con temas tales como: cultura y tecnologías digitales, hibridación, multimodalidad, capacitación, enseñanza e innovación en educación, fue posible señalar, entre otros aspectos: (i) la importancia de la capacitación experiencial y cultural para maestros con un enfoque en tecnologías digitales; (ii) la necesidad de pensar en la implementación de metodologías híbridas y multimodales, a través de una clara intencionalidad pedagógica; (iii) la complementariedad de la tradición y la innovación, para garantizar el aprendizaje de los estudiantes; y (iv) la ratificación y apreciación del papel del maestro en el proceso de enseñanza y aprendizaje, ya que esto es una demanda de los propios estudiantes.

PALABRAS CLAVE: Cultura digital Tecnologías digitales. Formación de profesores. Hibridismo y multimodalidad. Innovación en educación.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1. Cadeia de Pensamento.....	21
Figura 1. Princípios Personalizadores e as Dimensões da Aprendizagem.....	26
Figura 2. QR Code gerado para acesso ao conteúdo eletrônico do jornal El País.....	30
Figura 3. QR Code gerado para acesso ao conteúdo eletrônico da Revista Isto É.....	31
Figura 4. QR Code gerado para acesso ao conteúdo eletrônico do jornal Folha de São Paulo.....	31

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Dispersão dos estudantes no Colégio dos Jesuítas por segmento e ano.....	46
--	----

SUMÁRIO

1 PERCURSO DE UM PROFESSOR PESQUISADOR	12
1.1 Da trajetória profissional e acadêmica.....	12
1.2 Do trabalho e lócus de investigação.....	14
1.3 Das questões emergentes ao problema de pesquisa.....	19
2 A ESCOLA EM TEMPOS DE CULTURA DIGITAL.....	23
2.1 Cultura digital: novos paradigmas para a escola.....	23
2.2 Tecnologias digitais e a aprendizagem no século XXI.....	29
2.3 A sala de aula como espaço híbrido e multimodal.....	36
3 PROPOSTA METODOLÓGICA.....	43
3.1 Pesquisa qualitativa como abordagem metodológica.....	43
3.2 Contexto da pesquisa.....	46
3.3 Grupos de Discussão como técnica de pesquisa.....	50
3.4 Grupos de Discussão no aplicativo WhatsApp	53
3.5 Organização dos Grupos de Discussão e desenvolvimento das etapas de trabalho.....	56
4 TECNOLOGIAS DIGITAIS NA ESCOLA: DO CRUZAMENTO DE OLHARES.....	58
4.1 Centralidade do conteúdo e avaliações externas.....	58
4.2 Formação docente e escolhas metodológicas.....	67
4.3 Tradição e inovação pedagógica.....	74
5 UMA PROPOSTA PARA A SALA DE AULA DO ENSINO MÉDIO.....	81
REFERÊNCIAS.....	91
APÊNDICE.....	98

1 PERCURSO DE UM PROFESSOR PESQUISADOR

1.1 Da trajetória profissional e acadêmica

Início falando sobre minha trajetória acadêmica como estudante do curso de Estudos Sociais, no Centro de Ensino Superior (CES) de Juiz de Fora; formação que garantiu minha habilitação plena para lecionar Geografia. Ingressei no curso motivado pelas disciplinas e pelo corpo docente, em que depuseti grande esperança de encontrar respostas para muitas das minhas inquietações, especialmente as de cunho político e social. Entretanto, encontrei muito mais perguntas do que as respostas que procurava, mas, aos poucos, o embasamento teórico e a prática cotidiana me trouxeram o amadurecimento e o entendimento necessários para a compreensão de que a realidade é formada por diversos atores e influenciada por uma gama imensurável de situações, que estabelecem relações muito complexas entre si: relações sempre dinâmicas e características de determinado momento.

Destaco que o curso de Licenciatura teve um papel muito importante em minha trajetória acadêmica e profissional. Inclusive, meu primeiro contato com o Colégio dos Jesuítas, que conhecia somente pelo nome e pela notoriedade de ser uma escola de excelência, hoje meu local de trabalho, ocorreu exatamente pela necessidade de cumprir o período de estágio obrigatório de observação.

O contato com os conteúdos e com os professores do Curso de Estudos Sociais, de maneira muito especial com a disciplina Geografia Social e, posteriormente, com a Didática, foi de grande estímulo para que eu pudesse avançar em minha formação. Neste período, atuei como assistente de pesquisa a convite de um dos professores, que realizava o Doutorado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). O foco de sua investigação era produzir conhecimentos relativos às relações que as crianças estabelecem com seus espaços de vivência. Assim, mobilizado pelo “fazer pesquisa”, ingressei no curso de Bacharelado em Geografia na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Foram novos desafios; desta vez, em uma Instituição Pública de Ensino Superior.

Nessa segunda graduação, tive contato com produções acadêmicas trilhadas em uma linha mais positivista. Porém, influenciado pela pesquisa qualitativa que me fora anteriormente apresentada, quando então colaborava como assistente de

pesquisa, pode-se dizer que meu Trabalho de Conclusão de Curso foi pioneiro na linha de pesquisa qualitativa, do curso de Geografia da UFJF, em 2003. Sob o título: “Pelo olhar dos moradores – lembranças, memórias e espacialidades nas falas de alguns habitantes de São Pedro”, procurei investigar de que forma os moradores com um maior tempo de relacionamento com o bairro, tradicional e de colonização alemã, percebiam e lidavam com a grande expansão imobiliária observada no local.

Frequentei, por um tempo, os dois cursos: o Bacharelado, durante o dia, e a Licenciatura à noite. Concluí primeiro a Licenciatura, em 2001, e, posteriormente, o Bacharelado, em 2003. Logo em seguida, no ano de 2004, fui aprovado, na mesma Universidade Federal de Juiz de Fora, para o Curso de especialização *lato sensu* em Geografia e Gestão do Território. O curso teve duração de um ano e me possibilitou, sobretudo, analisar as relações entre os elementos físicos e socioeconômicos que organizam os espaços terrestres.

Iniciei a carreira como docente no magistério público municipal, com o qual mantenho o vínculo efetivo, e como professor voluntário no Colégio dos Jesuítas, até a concretização do contrato de trabalho com a instituição em 2004. Lecionei ministrando aulas de Geografia para turmas do 6º ano até a 3ª série do Ensino Médio, em turmas regulares e, também, na Educação para Jovens e Adultos. Segui como professor no Colégio dos Jesuítas até o ano de 2010. No ano seguinte, em 2011, fui convidado para uma nova missão: coordenar o Ensino Médio regular noturno. Esse projeto era parte do trabalho de filantropia realizado pela escola e buscava atender aos jovens oriundos de famílias de menor poder aquisitivo da cidade, oferecendo um espaço para a formação integral dos estudantes com base nos ensinamentos cristãos, à luz de uma formação humana e com excelência acadêmica, como é próprio de uma educação jesuítica.

Em 2015, após recebermos um novo Diretor Geral, iniciou-se uma reestruturação do Ensino Médio regular noturno, tendo como objetivo qualificar as ações desenvolvidas até então. Estimulados, notadamente, pelas discussões que ocorriam na estruturação do Projeto Educativo Comum (PEC) da Rede Jesuíta de Educação, demos início, em 2016, ao Ensino Médio no turno da tarde. Assim, em busca de um caminho de renovação das ações desenvolvidas, iniciou-se, em 2017, o Ensino Médio Integral. A iniciativa possibilitou a atualização do currículo, que passou a valorizar mais o protagonismo do aluno, considerando-o com o centro de seu

processo de aprendizagem, além de estender o turno, que era de seis horas, para sete horas e vinte minutos de atividades.

A citada renovação curricular e um tempo maior com o estudante na escola permitiram uma maior qualificação das ações pedagógicas e possibilitaram a inserção de aulas de Teatro, Estudo Dirigido, aulas em laboratórios de Química, Física e Biologia, aulas de Redação, aulas de Matemática com foco no ENEM e em outros vestibulares, aulas de Jogos Matemáticos, além de monitorias entre os estudantes do Ensino Médio do turno matutino e do vespertino, ampliando sobremaneira um currículo que atendia apenas ao requisitos básicos. Tratou-se de um movimento intenso, que exemplifica bem o momento atual do Colégio.

Como suporte ao novo currículo e ao trabalho docente, alguns espaços da escola também foram renovados: receberam um novo mobiliário e passaram a contar com recursos de internet, quadro interativo, computadores e recursos de mídia. Fomentou-se, também, a utilização de plataformas digitais para que pudesse se intensificar a relação entre os estudantes, entre os educadores docentes e não docentes e entre os próprios professores e alunos.

Vivenciar o período como gestor e participar ativamente dessa grande movimentação, despertou-me, ao longo do processo, o desejo de avaliar os resultados de tais ações, notadamente nos processos de ensino e de aprendizagem no Colégio dos Jesuítas. Afinal, as ações surtiram efeitos? É possível validá-las enquanto proposta para a sala de aula do Ensino Médio?

1.2 Do trabalho e lócus de investigação

É, pois, diante deste contexto de transformação, que a presente pesquisa se estrutura, ao ter aspectos dessa transformação no Colégio dos Jesuítas como foco de análise. Para tanto, a fim de qualificar um olhar sobre o presente da instituição, recapitulo alguns elementos de sua história.

Segundo o Projeto Político-Pedagógico 2018 do Colégio dos Jesuítas, em seu capítulo contextual, o início de atuação da instituição data da década de 1940, com a aquisição da propriedade conhecida como “Chácara das Palmeiras” e, posteriormente, com a construção de sua primeira sede, nos anos 50. A primeira aula, por sua vez, ocorreu no dia 05 de março de 1956, para uma turma de 40 discentes,

todos do sexo masculino, que estudavam em horário integral. O corpo docente era composto por quatro padres jesuítas, que se alternavam para ministrar as disciplinas do currículo oficial do Curso de Admissão ao Ginásio. A breve memória faz referência ao início de uma instituição de ensino que possui, até os dias atuais, reconhecida relevância no município, bem como em toda a região da Zona da Mata mineira.

O colégio está localizado em um município que se destaca como grande prestador de serviços, entre eles, os ligados à educação. Juiz de Fora conta com cerca de 516 mil habitantes; no entanto, durante o dia, esse número é acrescido por uma grande quantidade de pessoas, que se deslocam das cidades do entorno para desenvolverem, principalmente, atividades ligadas ao trabalho, lazer, saúde e educação. Em relação ao contexto educativo, vale atentar, ainda, para a presença de uma Universidade Federal e de um Instituto Federal de Educação na cidade.

Dito isso, é importante destacar que o segmento da educação, em Juiz de Fora, é um mercado bastante disputado. O que faz do Colégio dos Jesuítas uma referência em educação na região vai muito além de sua reconhecida excelência acadêmica. A educação baseada em valores e orientada pela espiritualidade inaciana é uma marca, um diferencial da presença jesuítica na formação de homens e mulheres, para que estes sejam capazes de atuar muito além dos limites de suas casas e dos muros da escola. Conforme afirma o Projeto Político-Pedagógico da instituição (2018, p. 07),

[...] o Colégio dos Jesuítas está centrado na formação da pessoa e para toda a vida, trabalhando na perspectiva de uma aprendizagem integral que leve o aluno a participar e a intervir, autonomamente, na sociedade: uma educação capaz de formar homens e mulheres comprometidos, compassivos, competentes e críticos.

A partir do que aponta o documento, tem-se claro o perfil de aluno que se pretende formar. É muito caro para a instituição o investimento na formação da pessoa humana em seu caráter integral. São várias as ações institucionais que hoje contribuem neste sentido. Vale destacar, em especial, o próprio desenvolvimento de um pensamento estratégico na instituição, que vem repercutindo, decisivamente, na qualificação da gestão escolar ou, de modo mais amplo, na qualificação da gestão educacional da própria Rede Jesuíta. Nesse sentido, torna-se importante a elucidação do conceito de gestão educacional, para que seja possível contextualizar a realidade do Colégio dos Jesuítas, como instituição que se encontra em um processo de

transição entre dois perfis de governo completamente distintos. Em relação à gestão escolar, Lück, (2015, p. 111), enfatiza que:

Gestão educacional corresponde ao processo de gerir a dinâmica do sistema de ensino como um todo e de coordenação das escolas em específico, afinado com as diretrizes e políticas educacionais públicas, para a implementação das políticas educacionais e projetos pedagógicos das escolas, compromissados com os princípios da democracia e com métodos que organizem e criem condições para um ambiente educacional autônomo (soluções próprias, no âmbito de suas competências) de participação e compartilhamento (tomada conjunta de decisões e efetivação de resultados), autocontrole (acompanhamento e avaliação com retorno de informações) e transparência (demonstração pública de seus processos e resultados).

Na contramão do que a autora aponta, até o segundo trimestre do ano de 2015, a estrutura da direção, por si só, já demonstrava o quanto a organização e as decisões eram, de certa forma, centralizadas. Os cargos de Diretor Geral e de Diretor Acadêmico, por exemplo, estavam sob a responsabilidade de uma única pessoa. A interpretação dos processos e daquilo que ocorria no dia-a-dia, bem como a tomada de decisões, ocorriam a partir da análise de um grupo bastante restrito. Essa prática acabava por limitar a atuação dos colaboradores a tarefas determinadas, e qualquer necessidade ou iniciativa de ação pressupunha o aval da instância superior do colégio. Motta (1979, p.14-15), ao se referir sobre o receio diante de possíveis problemas oriundos de novas ideias, comenta:

A necessidade de manter a aparência de uniformidade e estabilidade faz nascer internamente o receio a problemas que possam alterar a ordem existente. Como planejar e inovar significa buscar melhores metas e formas de atuação e, portanto, criticar a ordem existente, o planejamento tende a ser mais analisado gerencialmente mais no sentido de se “evitar males do que de se alcançar objetivos”. Na discussão de novos planos, os aspectos negativos que concorreriam para um possível fracasso muitas vezes são mais ressaltados do que as dimensões positivas que levariam a um possível sucesso.

Outras marcas perceptíveis, relativas a este modelo diretivo, anterior a 2015, eram o isolamento frente aos demais colégios pertencentes à Rede Jesuíta no Brasil, a resistência às inovações organizacionais e o desinteresse frente à implementação de novas tecnologias. Nesse aspecto, Estevão (1994, p. 97), ao tratar da interação e

da abertura das organizações, ajuda-nos a perceber a contradição entre o rumo do Colégio dos Jesuítas no que diz respeito às novas demandas da sociedade.

Na abordagem que revela a interação e abertura dos diversos sistemas que compõem uma dada organização, a inovação tende a surgir como inevitável, ultrapassando o próprio planeamento, dado que este é incapaz de prever todas as contingências que afectam as suas operações ou controlar a variabilidade humana.

O *modus operandi* do colégio demonstrava, portanto, certa incoerência da instituição frente às circunstâncias do seu tempo, tendo em vista a resistência aos movimentos de renovação interna que, não raras vezes, se contrapunham aos interesses emergentes da sociedade. Segundo Estevão (2008, p. 99), “essa forma de gestão caracteriza um “modelo racional-burocrático”, em que as decisões são centralizadas e há um carácter avesso às inovações”. Neste cenário, emerge o questionamento: que razões justificavam tanta resistência dos gestores? Sem pretender dar uma resposta definitiva à pergunta, Lück (2013, p. 77-78) contribui com a reflexão:

Esse processo de resistência se explica porque mudanças promovem desestabilização da ordem vigente e de nichos de poder estabelecidos, instaurando desacomodação geral, despertando reações contrárias. É muito comum se observar que os gestores que reclamam da incapacidade dos professores em mudar sua percepção sobre o seu trabalho resistem às novas ideias; esses diretores o fazem, porém, expressando forte conotação reativa e de fixação em ideias preconcebidas a respeito dos professores.

Segundo o PEC (2016), em 2013, todos os colégios da Rede Jesuíta, em território nacional, passaram à jurisdição do Provincial do Brasil. Tal fato, pouco a pouco, compeliu os colégios a darem-se a conhecer, levando-os a uma maior abertura e, conseqüentemente, a uma maior exposição de seus processos gerenciais. No ano seguinte, os colégios foram convidados a um trabalho integrado, em uma experiência colaborativa que conduziu ao início das discussões, das quais resultou, em 2016, na apresentação do Projeto Educativo Comum das Unidades da Rede Jesuíta de Educação (PEC).

Tanto a experiência da Rede, quanto as discussões entre as Unidades sobre a elaboração do PEC, serviram de disparadores para uma grande ruptura na estrutura

gerencial que ordenava os processos no Colégio de Juiz de Fora. Inicialmente, apresentou-se um novo Diretor Geral para a Unidade, este Jesuíta. Posteriormente, várias ações foram desencadeadas em um processo que conduzia ao autoconhecimento institucional. E, por fim, foram indicados um novo Diretor Acadêmico e um novo Diretor Financeiro.

Inicia-se, após definida a nova equipe gestora, uma série de ações que provocaram mudanças profundas na cultura organizacional da escola e em seu modelo de gestão, apresentando à comunidade educativa sinais de um “novo tempo”, orientados por um novo paradigma. Sobre isso, Lück (2015, p.110-111) alerta:

[...] na mudança de paradigma, o que ocorre não é uma substituição de um enfoque por outro, pois na medida em que isso seja feito, nega-se uma dimensão da realidade, mesmo que limitada, por outra que, pelo enfoque da substituição (que corresponde ao da negação), se torna igualmente limitada. A gestão, em vista disso, se assenta sobre bons procedimentos de administração bem resolvidos e os supera mediante ações de sentido mais amplo, maior compromisso de pessoas com processos sociais.

Nesse sentido, o Colégio dos Jesuítas convida a comunidade educativa a participar das discussões que o cercam. Organiza, de fato, suas práticas à luz do PEC e orienta-se pelos ensinamentos de Inácio de Loyola, tendo como base os Exercícios Espirituais e a Pedagogia Inaciana. São esses os diferenciais de uma educação que promete ser personalizada, por meio do acompanhamento acadêmico, e formadora de cidadãos competentes, conscientes, comprometidos e compassivos, preparados para intervenções positivas na sociedade da qual fazem parte. A própria elaboração do seu Projeto Político-Pedagógico (2018), esclarece, em sua introdução, que, além das orientações de natureza legal, os mencionados diferenciais marcam a presença da educação jesuítica na cidade.

No entanto, a prática desse novo paradigma, que está em curso, exige mudanças não só na forma de pensar, mas também na forma de agir de toda a Comunidade Educativa do Colégio dos Jesuítas. Por exemplo, nas ações que ocorrem no campo pedagógico, especialmente as que envolvem os docentes, a orientação é ter o aluno como centro, em um movimento de ampliar a perspectiva do conhecimento para além do que é ensinado em sala de aula. O que está em questão são as aprendizagens, o desenvolvimento das habilidades e das competências por parte do educando – um movimento que poderá alinhar as ações desenvolvidas no Colégio

com as orientações que são propostas pela Rede Jesuíta de Educação, em conformidade com as características da própria Pedagogia Inaciana.

1.3 Das questões emergentes ao problema de pesquisa

Conforme mencionado, a Rede Jesuíta de Educação do Brasil, no ano de 2016, lançou o PEC, com o objetivo de apontar um caminho de renovação para seus colégios. Esse direcionamento exigiu e exige mudanças, de ordem formativa e cultural, no cotidiano de toda a comunidade educativa envolvida em cada contexto. Alunos, pais, professores e os demais educadores são convidados a um movimento de ruptura com o modelo posto até então, fazendo com o que as escolas transponham as estruturas atuais de um centro de ensino e passem a atuar como centros de aprendizagem.

O cenário educativo atual aponta, na maioria dos casos, para o ensino do conteúdo e para o esgotamento do programa que foi definido para cada grupo de estudantes. Muitas famílias desejam a aprovação nos exames externos e tendem a classificar as escolas como boas ou ruins, de acordo com a capacidade que possuem em levar um número cada vez maior de alunos a cursarem uma graduação. O próprio PEC (2016, p. 37) corrobora esta proposição, ao destacar:

O atual contexto educacional mostra-se muito diverso e competitivo. Observa-se uma emergência educativa como consequência de um mercado constituído em torno da educação. A alta competitividade, impulsionada pelo mau uso das avaliações padronizadas de âmbito nacional e internacional, traz o risco de um “reduccionismo antropológico”.

Na contramão desse viés puramente mercadológico e fiel aos seus valores cristãos, a Companhia de Jesus propõe uma educação que eleve o discente a ser mais para os demais. Propõe-se a formação da pessoa em sua integralidade, para que atue como um agente de transformação social. Segundo o PEC (2016, p. 37),

A proposta pedagógica dos colégios jesuítas está centrada na formação da pessoa toda e para a vida toda; trabalhamos para realizar uma aprendizagem integral que leve o aluno a participar e intervir autonomamente na sociedade: uma educação capaz de formar homens e mulheres conscientes, competentes, compassivos e comprometidos.

Outro aspecto reconhecido dentro das escolas jesuíticas, um imperativo hoje em grande parte das instituições educativas, é a incessante busca por novas metodologias de trabalho e pela utilização de novas tecnologias nos diferentes espaços de aprendizagem oferecidos pelos colégios. Este contexto, no qual as Tecnologias Digitais – TD atuam como vetores para outras formas de ser e estar no mundo, é referido no próprio PEC (2016, p. 38): “há uma conexão em tempo real entre os seres humanos e os coletivos, independentemente de onde estejam, na qual virtual e real se misturam e afetam, principalmente, os nativos da cultura digital”.

No tocante às possibilidades dessas “novas e surpreendentes tecnologias”, destaca-se que a relação estabelecida entre seu uso e a sala de aula emerge como um ponto de partida para pensarmos a educação contemporânea. Assim sendo, **a pesquisa propõe analisar, justamente, de que modo a sala de aula do Ensino Médio tem se estabelecido hoje, considerando a cultura digital, sem, com isso, estabelecer uma dicotomia com o analógico, ou mesmo um ufanismo no que tange ao uso das tecnologias na escola.**

Dalla Zen e Freitas (2018), ao discutirem a ideia de uma docência inovadora, referem o “uso das tecnologias” como um dos mitos que concorreriam para a materialização dessa docência em sala de aula, ao lado de três outros mitos, quais sejam: “metodologias ativas”, “exposição ao risco” e “ênfase na aprendizagem em detrimento do ensino”. No ensaio, as autoras buscam “[...] problematizar acerca de uma suposta neutralização de nosso senso crítico, como professores e professoras, no que tange à adesão ao que estamos chamando de mitos educacionais, diretamente ligados à ideia de inovação na educação” (Idem, p. 2).

Dorn et. al (2017, p. 41), ao tratarem dos fatores que influenciam o sucesso escolar na América Latina, afirmam que, “embora a tecnologia possa dar suporte ao aprendizado dos alunos fora da escola, os efeitos de sua utilização dentro das escolas são ambíguos”. Isto é, embora as tecnologias se configurem, conforme Dalla Zen e Freitas (2018), como uma espécie de mito na educação contemporânea, os resultados de aprendizagem oriundos de seu uso não nos dão clareza quanto a seus reais benefícios.

Observa-se que tal constatação expressa um ponto de conflito importante, ao questionar o quanto o simples investimento em tecnologia nas escolas, sem clara

intencionalidade pedagógica por parte de quem a mobiliza em sala de aula – o professor –, não garante nem o aluno no centro do processo, nem uma aprendizagem significativa. Nesse sentido, **não se trata, aqui, de defender ou não a utilização de tecnologias digitais na escola. Pretende-se, sim, reconhecer as novas territorialidades e espacialidades que hoje constituem o ambiente escolar e, particularmente, as salas de aula do Colégio dos Jesuítas, com vistas a um olhar sobre a temática que se coadune à missão¹ e contribua para a formação integral do aluno no contexto da cultura digital.**

É notável que está posto um desafio do qual gestores e professores do Colégio têm se esforçado para dar conta. Do mesmo modo, está claro que “uma cultura não é mudada por desejo, mas a partir de ação competente e bem orientada de acordo com os propósitos definidos” (LÜCK, 2013, p. 77). As pessoas têm, de forma geral, resistência em aceitar aquilo que é novo. A novidade exige mudança, qualificação, adaptação. O diferente desaloja, tira o sujeito de sua zona de conforto e exige dele um novo olhar, uma nova forma de pensar e de agir, especialmente quando o assunto é a escola na contemporaneidade.

Assim, diante desse contexto e atento às mudanças que têm ocorrido no Colégio dos Jesuítas, esboço, abaixo, uma espécie de cadeia de pensamento, constituída pelas dimensões que organizam a estrutura da pesquisa:

QUADRO 1 – CADEIA DE PENSAMENTO

Se é verdade que a sala de aula é um espaço onde diferentes estratégias de ensino e aprendizagem são empregadas, proponho-me a investigar:

De que modo a sala de aula, hoje, tem se apropriado da cultura digital sem estabelecer uma dicotomia com o analógico, buscando:

- **identificar como as Tecnologias Digitais são mobilizadas pelos professores de Ensino Médio em uma escola da Rede Jesuíta;**
- **compreender de que maneira os alunos percebem a presença das Tecnologias Digitais em seu processo de aprendizagem;**

¹ Segundo o Projeto Político Pedagógico 2018, a Missão do Colégio dos Jesuítas é realizar a proposta pedagógica da Companhia de Jesus no Brasil por meio do Apostolado Educativo e comprometido com a aprendizagem integral, de acordo com os princípios e valores estabelecidos no Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação.

- **propor um alinhamento conceitual entre as concepções trazidas pelo PEC sobre as Tecnologias Digitais e os dados produzidos pela pesquisa.**

Os dados, por sua vez, serão gerados através da realização de dois grupos de discussão, um com estudantes e outro com professores, ambos vinculados à 2ª série do Ensino Médio Integral Vespertino do Colégio dos Jesuítas. Os grupos de discussão terão lugar no ambiente digital do aplicativo WhatsApp.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A intenção, ao se pesquisar a relação entre professores e estudantes com a sala de aula do Colégio dos Jesuítas, aqui compreendida como um espaço híbrido, no qual dialogam elementos de natureza digital e analógica, é suscitar questões que auxiliem no levantamento dos dados, apostando nas metodologias de pesquisa que foram definidas e no respaldo oferecido pelo referencial teórico. Assim, espera-se trazer à tona a percepção desses sujeitos quanto à forma como as TD vêm sendo mobilizadas em benefício do ensino e da aprendizagem, de modo a oferecer subsídios para uma proposta pedagógica alinhada às expectativas do nosso tempo, mas principalmente, da construção significativa de conhecimento na escola.

2 A ESCOLA EM TEMPOS DE CULTURA DIGITAL

2.1 Cultura digital: novos paradigmas para a escola

Hoje, o avanço das tecnologias é um fenômeno marcante dado à sua grande velocidade de ação e, paralelamente, à capacidade de suporte a um variado repertório de necessidades apresentado pelas pessoas. Também referida como cibercultura, a cultura digital é um marco da sociedade contemporânea.

Até pouco tempo, não estava claro a maneira como este novo paradigma revolucionaria a maneira como os seres humanos interagem com o mundo, em ações individuais ou coletivas, de maneira síncrona ou assíncrona, presencialmente ou por uma aproximação online. As gerações mais jovens sequer se dão conta dessa “quebra de paradigmas”, pois são fruto de um cenário em que os tempos e espaços divergem daqueles vivenciados por seus pais. Ao discorrer sobre os jovens nativos digitais, Bates (2017, p. 66) comenta:

Outro fator que faz com que os alunos sejam um pouco diferentes hoje é a sua imersão e facilidade com a tecnologia digital, em particular mídias sociais: mensagens instantâneas, Twitter, videogames, Facebook e toda uma série de aplicativos (apps) que são executados em uma variedade de dispositivos móveis como *iPads* e telefones celulares.

Essa nova geração, ao construir novas formas de viver, vai sendo modificada a partir da interação que estabelece com esses meios. Ao observar jovens imersos em situações corriqueiras do cotidiano, é notória sua habilidade em utilizar um dispositivo móvel e, por meio de rápidos cliques em uma tela, acessar conteúdos e pessoas. Estas ações, por sua vez, desencadeiam uma série de sentimentos e reações, particulares e/ou coletivas, na medida em que interagem com os recursos e com as demandas que foram criadas, conforme explicam Lopes e Schlemmer (2012, p. 156):

O desenvolvimento tecnológico da era atual tem produzido novas possibilidades de expressão do sujeito, logo, novas possibilidades para sua inscrição no mundo, sua socialização. Desde o livro manuscrito, passando pelo impresso e pela diversificação dos formatos do livro, até o advento das tecnologias digitais (TD) como a Web e os handhelds (portáteis), o sujeito tem encontrado muitas e

diversificadas formas de se inscrever na sociedade. Comunidades na internet, redes sociais de relacionamento, blogs, Twitter, fan fictions, mundos digitais virtuais em três dimensões (MDV3D), entre outros, oferecem novas possibilidades para o sujeito manifestar sentimentos e ideias, seja de forma textual ou audiovisual. Essas transformações no modo de produzir, armazenar e compartilhar informações sugerem mudanças socioculturais profundas.

Com as diversas transformações decorrentes dos avanços tecnológicos e científicos, emergem novas formas de linguagem, de comunicação e de aprendizagem, além de novas relações entre o conhecimento e os sujeitos (BONILLA, 2009). O próprio Ministério da Educação – MEC, ao definir seu Plano Nacional de Educação – PNE (2014), em sua meta 7, estratégia 7.12, especifica a importância de se considerar o novo contexto da sociedade contemporânea, ou, precisamente, da cultura digital, em se tratando do cotidiano escolar e das práticas docentes.

incentivar o desenvolvimento, selecionar, certificar e divulgar tecnologias educacionais para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio e incentivar práticas pedagógicas inovadoras que assegurem a melhoria do fluxo escolar e a aprendizagem, assegurada a diversidade de métodos e propostas pedagógicas, com preferência para softwares livres e recursos educacionais abertos, bem como o acompanhamento dos resultados nos sistemas de ensino em que forem aplicadas;

Com a mudança de paradigma na sociedade e, por conseguinte, na educação, notadamente ao que remete às novas abordagens pedagógicas e às novas formas de ensinar e de aprender, tende a esmaecer o paradigma conservador em prol do paradigma inovador. Segundo Gomes et al. (2015, p. 11-12), “o paradigma conservador consiste na técnica de repetição e de reprodução de conhecimento, em uma visão mecanicista de ensino, sendo a escola o único local de transmissão de conteúdo”. De acordo com Behrens (2005, p. 41), a abordagem tradicional se caracteriza por:

(...) uma postura pedagógica de valorização do ensino humanístico e da cultura geral. Segundo esse enfoque, a plena realização do educando advém do saber, do conhecimento, do contato com as grandes realizações da humanidade. A escola tradicional é o lugar por excelência em que se realiza a educação. Apresenta-se como um ambiente físico austero, conservador e cerimonioso. Tem como função preparar intelectual e moralmente os alunos.

Como afirma Behrens (2005, p. 41), a metodologia tradicional se caracteriza, majoritariamente, por aulas expositivas. O professor é o centro do conhecimento. O estudante é visto como um sujeito passivo e receptáculo de informação. São priorizadas avaliações que valorizam a memorização e não possibilitam a formulação de perguntas.

Já em relação ao paradigma inovador, Gomes et al. (2015) destacam o papel do estudante como um sujeito que participa ativamente do processo de aprendizagem, com atitudes de reflexão, de crítica e de pesquisa. O estudante é o protagonista de sua própria aprendizagem, agindo com autonomia e como produtor de conhecimento. O professor se torna mediador desse processo, promovendo um ensino de acordo com a realidade e a especificidade de cada estudante, a partir de estudos sistematizados, coletivos e investigativos. O Pe. Geral da Companhia de Jesus, Arturo Sosa, no JESEDU-Rio 2017², destacou alguns aspectos relativos a tal entendimento³:

Urge que nossas instituições sejam espaços de pesquisa pedagógica e verdadeiros laboratórios de inovação didática, dos quais surjam novos métodos ou modelos formativos.

Isto implicará que exploremos o que os outros fazem e o que podemos aprender deles, como também o que a ciência da pedagogia apresenta para um mundo cada vez mais tecnológico e caracterizado pela cultura digital na qual nossos alunos nasceram e cresceram.

É necessário que nossas instituições estejam conscientes da mudança antropológica e cultural que estamos presenciando e saibam educar e formar de um modo novo para um futuro diferente.

Outro aspecto relevante observado nas relações que se estabelecem entre professores e estudantes, especialmente nos Colégios da Companhia de Jesus, é o fato de que os jovens são despertados para a necessidade de se mobilizar os conhecimentos e as habilidades adquiridas para beneficiar outras pessoas ou para servir ao bem público. Essa é uma ação de impacto excepcionalmente alto para promover essas capacidades em todas as disciplinas. O aprendizado do serviço, como é tipicamente chamado, é uma pedagogia que combina objetivos de aprendizado e necessidades da comunidade que, quando bem feitos, melhoram tanto

² Primeiro Congresso Internacional dos Delegados de Educação da Companhia de Jesus.

³ Os excertos foram extraídos do documento Colégios Jesuítas: Uma Tradição Viva no Séc. XXI, um exercício contínuo de discernimento (2019, p. 82).

o aprendizado do estudante quanto o desenvolvimento da comunidade. Ao falar sobre a Pedagogia Inaciana, Klein (2014, p. 2) destaca esse pensamento:

A Ação, segundo o PPI, se realiza de modo mais expressivo no final do processo de aprendizagem, quando o aluno realiza uma nova experiência que, desta vez, parte da modificação interior que a apropriação do novo conhecimento produz, fruto de sua atividade pessoal. O aluno sentirá, também, o impulso a externar a assimilação feita em ações referentes ao círculo social da classe, à escola, à família, ou em benefício de ambientes mais amplos da sociedade. Enquanto isso, precisamente no decorrer do processo de aprendizagem, no Trabalho Grupal ou na Partilha, por exemplo, o aluno poderá experimentar modificações internas (ações interiorizadas), com possibilidades de externalização.

Trata-se de uma forma de educação experiencial em que a aprendizagem ocorre por meio de um ciclo de ação e reflexão, ou seja, os estudantes procuram não só alcançar objetivos reais para a comunidade, como também atingir a compreensão e habilidades mais profundas para si mesmos. A representação que segue, extraída de Klein (2014, p.18), destaca os princípios personalizadores e as dimensões pelas quais ocorrem a aprendizagem.

Figura 1 – PRINCÍPIOS PERSONALIZADORES E AS DIMENSÕES DA APRENDIZAGEM



Fonte: Klein (2014).

Nesse sentido, ao considerar como atuais os valores defendidos pela educação inaciana, torna-se importante reconhecer que o século XXI é fortemente marcado pela popularização das TD nos mais diferentes domínios da intervenção humana, mas que, por outro lado, há grande incerteza e complexidade estabelecida na contemporaneidade, além do grande questionamento dos próprios saberes que constituíam o principal esteio da escola. Isso provoca uma preparação diferente para os indivíduos desenvolverem competências indispensáveis para serem bem-sucedidos em contextos cada vez mais exigentes, competitivos e altamente seletivos. (COSTA; PERALTA; VISEU, 2008).

A revolução no campo das tecnologias de informação, que impulsiona, entre outros aspectos, a uniformização das fontes de informação propiciadas pela televisão e pela Internet, extrapola o âmbito da economia e, por vezes, provoca certa homogeneização cultural. Por isso mesmo, Lopes e Schlemmer (2012, p. 160) apontam que, mais do que discutir as possibilidades da utilização das TDICs – Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação no ensino, faz-se necessário refletir sobre a educação e sobre a cultura digital:

Com o surgimento das tecnologias digitais e a emergência de uma cultura digital, pode-se afirmar que está em processo o surgimento de uma ecologia cognitiva digital, o que torna fundamental estudar os agenciamentos socioculturais em curso, bem como os processos de inclusão e exclusão nas redes sociais que se formam. Nesse contexto, a escola, enquanto espaço de socialização dos indivíduos, figura como importante agenciadora desses processos, pois está inserida nos projetos de vida da infância e da juventude.

Um grande desafio atual, que pode ser observado nas escolas em tempos de cultura digital, é aproximar professores e alunos, em uma caminhada que pretende mobilizar as práticas de ensino em benefício de uma melhor aprendizagem. Recorre-se novamente a Klein, ao falar sobre educação jesuítica e Pedagogia Inaciana, no intuito de reconhecer que são necessários um novo entendimento e um olhar que envolva toda a comunidade educativa. Sobre este aspecto, o autor (2015, p. 58) enfatiza:

As relações pessoais com os alunos ajudam os membros adultos da comunidade educativa a se *abrirem à mudança, a continuarem a aprender*. Assim serão mais positivos em seu trabalho. Isto é especialmente importante nos dias de hoje, dada a rápida mudança

cultural e a dificuldade que os adultos podem ter para entender e interpretar corretamente as pressões culturais que afetam os jovens.

No que diz respeito aos estudantes, Klein (2015, p. 62) reforça a importância da análise crítica da atualidade e o envolvimento na adaptação dos processos:

A educação jesuíta tenta desenvolver nos alunos a capacidade de conhecer a realidade e avaliá-la criticamente. Esta consciência inclui a noção de que as pessoas e as estruturas podem mudar, juntamente com um compromisso de trabalhar por essas mudanças [...].

Seguidamente se observa, de ambas as partes, um movimento de resistência que colabora para o acirramento de posturas unilaterais, por vezes autoritárias, fato que cultiva um terreno fértil para a prática de embates e desentendimentos entre professores e alunos no ambiente escolar. É, pois, nesse sentido, que, tal como destacado por Lopes e Schlemmer (2012), considerar o momento histórico em que estamos vivendo é uma premissa para a compreensão sobre as novas formas de pensar e estabelecer relações com o mundo.

No contexto da cultura digital, os jovens têm se tornado mais protagonistas e essa é uma das características que, se bem explorada, pode converter-se em importante impulsionador da aprendizagem. A própria Base Nacional Comum Curricular – BNCC, no que trata a meta 5 das competências gerais da educação básica, aponta a cultura digital como transversal no percurso escolar, na medida em que estabelece uma competência que reconhece o papel das TD na escola para além do seu mero uso, reconhecendo, igualmente, a importância da qualidade e da ética empregada em sua utilização (BNCC, 2018, p. 09, grifos meus):

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação *de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares)* para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

A cada dia as TD vão se superando e novos recursos emergem em um piscar de olhos. Na globalização, que compartilha pensamentos e ações, como se o mundo fosse, realmente, uma grande comunidade global, é essencial que as pessoas compreendam que a renovação dos vários processos pelos quais diferentes tarefas

são realizadas implica, diretamente, em nossa forma de ser e estar no mundo; um mundo híbrido e multimodal, em que coexistem pessoas, técnicas e tecnologias, oriundas de tempos distintos, perante as quais o mero pensamento substitutivo não dá conta da complexidade do cenário em que todos nós nos inserimos.

Justamente por isso, conforme destacado no delineamento do problema de pesquisa, não se trata de pensar as TD na escola a partir desse pensamento substitutivo, em que o digital se sobrepõe ao analógico. A intenção da investigação não é acirrar ou criar uma dicotomia entre o “velho” e o “novo”, ou mesmo o “supernovo”, se assim podemos denominar aquilo que está sendo lançado agora. O que se pretende é, ao reconhecer os movimentos que ocorrem dentro e fora da escola, configurando a cultural digital da nossa época, discutir seus desafios e possibilidades no cotidiano de professores e estudantes, notadamente em relação às práticas de ensino e aprendizagem.

2.2 Tecnologias Digitais e a aprendizagem no século XXI

Nos dias de hoje, é comum observarmos jovens e crianças, envolvidos em suas tarefas cotidianas, utilizando algum tipo de tecnologia digital e dispositivos, especialmente os móveis, para o desenvolvimento de diferentes atividades. Smartphones e tablets são recursos de grande valia para esse público que, por meio deles, acessa informações, estuda, brinca, relaciona-se com seus pares, entre tantas outras ações que denotam a naturalidade com que essa geração transita pelas tecnologias.

Assim sendo, tampouco é “novidade” o fato de os nativos digitais transporem tal modo de ser, pensar e de agir para dentro da escola. No entanto, trata-se de uma relação por vezes conflituosa, ao considerar a forma como os recursos tecnológicos e as mídias digitais são mobilizados em benefício da aprendizagem, seja dentro ou fora dos colégios.

Na prática, esses desgastes podem ser exemplificados quando tomamos como referência a utilização do aparelho celular pelos jovens. O equipamento, que não possui mais do que alguns poucos centímetros de superfície, já faz parte da vida da maior parte dos brasileiros. Segundos dados do Relatório Técnico divulgados pelo IBGE (2017, p. 44), em 2017, 141,6 milhões de pessoas no Brasil, de dez anos ou

mais de idade, possuíam telefone celular. No entanto, seu tamanho contrasta com o grande arsenal de recursos disponibilizados, hoje, pelos celulares, principalmente quando associados ao uso da internet. Por incrível que pareça, o que menos o telefone faz hoje é efetuar ligações. Eles são computadores, câmeras fotográficas, bibliotecas, discotecas, salas de bate papo, localizadores e tantas outras coisas que surpreendem por estarem acessíveis em um objeto tão pequeno.

A grande versatilidade e a praticidade do aparelho fazem dele um recurso necessário para a maioria dos jovens; por outro lado, quando mal utilizados, podem se converter em um desafio e mesmo em um problema para as famílias e para a escola. O ponto de tensão está centrado na dificuldade de controle sobre os conteúdos e recursos que os adolescentes mobilizam, bem como na adequação do tempo e dos espaços em que os acessos devem ocorrer.

Na escola, mesmo diante de uma atividade encaminhada pelo professor que propõe a utilização do computador ou do próprio celular para pesquisa ou discussão em plataforma específica, invariavelmente, alguns estudantes migrarão para sites de interesse particular sobre determinado tema ou para uma rede social, em que farão publicações ou participarão de eventos que acabam por afastá-los, ao menos parcialmente, da aula. Essas ocorrências exigem do professor uma postura que, não raras vezes, geram ruídos e mal-entendidos. Não por acaso algumas escolas têm proibido o uso de celulares em sala de aula. Seguem abaixo três reportagens que exemplificam o fato e que poderão ser acessadas a partir do seu respectivo QR Code:

Figura 2 – Sem celular até os 15 anos: França quer lei para proibir telefones nas escolas



Fonte: QR Code gerado através do software QR Code Generator.

Figura 3 – França proíbe o uso de celular nas escolas



Fonte: QR Code gerado através do software QR Code Generator.

Figura 4 – França proíbe celulares nas escolas públicas



Fonte: QR Code gerado através do software QR Code Generator.

Em casa não é diferente, e muitas dificuldades são relatadas pelos responsáveis acerca deste mesmo aspecto. Uma situação corriqueira, que afeta inclusive o desempenho escolar, é o excesso de tempo dedicado aos jogos, *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram*, entre outras formas de entretenimento, as quais podem impactar nas horas de sono e mesmo no relacionamento familiar. Nesse sentido, relacionar-se com os nativos digitais pressupõe, acima de tudo, compreender que vivemos em uma cultura digital e, portanto, é preciso delinear caminhos para garantirmos as aprendizagens escolares considerando este contexto, e não negando-o ou confrontando-o.

Ao tratar sobre os nativos digitais especificamente, percebe-se alguma divergência entre os autores que desenvolvem estudos sobre o grupo. A divergência,

por sua vez, está relacionada ao período, ou seja, à época em que essa nova geração emergiu, e não propriamente às práticas a ela relacionadas. Palfrey e Gasser (2011, p. 11) apontam que “todos [estes garotos e garotas] são *nativos digitais*. Todos nasceram depois de 1980, quando as tecnologias digitais chegaram. Todos [eles] têm acesso às tecnologias digitais e todos têm habilidades para usar essas tecnologias”.

Já os estudos realizados por Prensky (2001) indicam que o termo nativos digitais remete aos nascidos a partir de 1990, ou seja, uma década após ao que Palfrey e Gasser consideram como marco inicial. No entanto, Prensky parece concordar com a caracterização que descreve essa geração, ao reconhecer que os indivíduos nascidos nesse período possuem familiaridade com o computador, acessam a internet e seus recursos habitualmente, desenvolvem multitarefas e processam informações rapidamente. Além disso, Tapscott (2010) aponta que a Geração Internet é formada por jovens que cresceram envolvidos pelas tecnologias digitais e, pelo caráter natural da relação, não tiveram que se adaptar aos novos recursos.⁴

Isto é, o próprio contexto reforça a premissa de que aprender na era digital é um processo natural, que ocorre de várias maneiras ao longo da vida do ser humano. Aprendemos quando observamos outra pessoa fazendo algo pelo qual demonstramos interesse. Aprendemos sozinhos através da experimentação, do reconhecimento de um erro e da valorização do acerto. Aprendemos por orientação, quando alguém nos diz o que fazer e como fazer. Aprendemos em coletivo, com os nossos pares, por meio da troca de experiências.

Nessa perspectiva, é interessante reconhecer as contribuições de Vygotsky no que diz respeito à aprendizagem, pelo fato de o autor considerá-la como decorrente da experiência, do relacionamento da pessoa com o meio social e com o ambiente em que vive; portanto, a aprendizagem, o modo como aprendemos é histórico. Trata-se de uma interação dialética, de modo que o indivíduo e a sociedade se transformam por meio de uma relação muitas vezes complexa, mas que resulta em algum tipo de aprendizagem. (VYGOTSKY; LURIA, 1993). A fala de Oliveira (1993, p. 103-104), ao aproximar os estudos de Piaget e Vygotsky, complementa tal percepção:

⁴ No caso da pesquisa em questão, é importante lembrar que o objeto de estudo são os alunos da segunda série do Ensino Médio. Esse público, em idade regular, possui cerca de dezesseis anos, o que permite concluir que essa geração nasceu após o ano 2000. A partir deste raciocínio, indubitavelmente, pode-se afirmar que esse grupo é constituído pelo o que os autores descrevem como sendo nativos digitais.

Embora haja uma diferença muito marcante no ponto de partida que definiu o empreendimento intelectual de Piaget e Vygotsky – o primeiro tentando desvendar as estruturas e mecanismos universais do desenvolvimento psicológico do homem e o último tomando o ser humano como essencialmente histórico e, portanto, sujeito às especificidades do seu contexto cultural – há diversos aspectos a respeito dos quais o pensamento desses dois autores é bastante semelhante. (...) Tanto Piaget como Vygotsky são interacionistas, postulando a importância da relação entre indivíduo e ambiente na construção dos processos psicológicos; nas duas abordagens, portanto, o indivíduo é ativo em seu próprio processo de desenvolvimento: nem está sujeito apenas a mecanismos de maturação, nem submetido passivamente a imposição do ambiente.

Assim, a partir da ideia de que a aquisição dos saberes é resultado da atividade humana, de sua produção social, o pensamento de Vygotsky apresenta em seu paradigma epistemológico a superação do entendimento de que o desenvolvimento psicológico da pessoa é o resultado apenas da sua evolução biológica, que ocorreria ao longo das etapas da vida. Na concepção do autor, há o entendimento de que a natureza técnica dos meios atua sobre os fenômenos naturais e de que a simbologia desenvolvida ao longo da história possibilita ao homem agir sobre os demais e sobre si mesmos. Segundo Vygotsky e Luria (1993, p. 143):

[...] assim também o crescimento contínuo de seu comportamento origina-se primordialmente no aperfeiçoamento de signos externos, métodos externos e modos que se desenvolvem em determinado contexto social, sob a pressão de necessidades técnicas e econômicas.

Ao falar do aspecto simbólico, o autor aponta para o conceito de mediação. Segundo Vygotsky (2015), a aprendizagem é um processo mediado. Contrário a outros pensadores que atribuem apenas ao jovem a condição de aprender, enquanto a escola e o professor assumem um papel de apoio, ele defende que essa função não deve estar afastada da figura do adulto. Portanto, a escola e os professores, muito além de apenas respaldar, devem caminhar junto ao estudante na construção do conhecimento. (VYGOTSKY, 2015).

Considerando, então, os aspectos histórico e cultural nas relações estabelecidas pelos seres humanos em sociedade e dela com o seu tempo, é importante reconhecer, tendo em vista o cenário da investigação, que o processo de

ensino e aprendizagem na escola deveria transitar em ambientes multimodais e híbridos, nos quais convivem modernas tecnologias digitais ao lado de estruturas analógicas. Ou seja, esse processo não pode acontecer apartado de seu contexto e nem alheio ao processo psicológico internalizado pelos indivíduos, por meio da experiência. Illeris (2013, p. 27), ao tratar sobre as condições externas da aprendizagem, esclarece que:

[...] são aspectos situados fora do indivíduo que influenciam as possibilidades e estão envolvidos nos processos de aprendizagem. [...] As condições gerais da sociedade dependem do tempo e do espaço – obviamente, as possibilidades de aprendizagem são muito mais amplas hoje do que um século atrás, e também diferem entre os países e culturas da atualidade.

Ao considerarmos que o estudante deve, também, estar engajado para que as ações pedagógicas possam afetá-lo, de forma eficiente e favorecendo a aprendizagem, para além das questões cognitivas, cabe ao professor despertar seu interesse pelo tema e pelo conteúdo em pauta. A curiosidade elevaria o aluno, assim, ao patamar de pesquisador, quer seja nas atividades de aula, dependendo da proposta do professor, ou em sua casa, quando, pela orientação recebida na escola, mobiliza seus próprios meios e recursos para acessar o assunto com o qual deseja interagir.

Já no que diz respeito aos fatores internos, capazes de mobilizar o indivíduo para as situações de aprendizagem, Illeris (2013, p. 27) explica que a aprendizagem depende, igualmente, de fatores emocionais e sociais, intimamente relacionados aos aspectos mais íntimos e individuais da pessoa. Nesse sentido, a fim de que o emocional do aluno seja um aliado do professor e não um obstáculo para a aprendizagem, como muitas vezes se vê, a aula deve ser capaz de despertar a atenção do estudante. O assunto precisa interessar e/ou envolver a pessoa, de modo que suas forças estejam dedicadas ao momento da aula e não a vários outros fatores que colaboram para sua distração. Entretanto, é fácil notar que, entre os diferentes temas que o docente pretende abordar, com base em seu planejamento, alguns parecem mais chatos e entediantes do que outros, embora, obviamente, tenham sua relevância.

Ao se falar sobre aprendizagem hoje, em uma cultura digital, é imperativo criarmos contextos para que ela aconteça, tendo em vista aspectos do hibridismo e

da multimodalidade. Da mesma forma, a utilização dos recursos deve estar aliada ao que a escola propõe. Nesse sentido, é relevante a atenção ao currículo e à proposta pedagógica da escola. A lei 13.005/2014, que estabelece o Plano Nacional de Educação, particularmente em sua meta 3, estratégia 3.1, faz referência ao uso dos recursos tecnológicos como forma de favorecer o fluxo escolar e a aprendizagem para os estudantes do Ensino Médio, objeto deste estudo.

Considerando tais aspectos, é possível notar, por exemplo, o quanto as mídias sociais podem contribuir para que discussões orientadas pelo professor possam ser realizadas em grupos, seja na escola ou em ambientes externos, o que favorece a aprendizagem de um conteúdo específico e, paralelamente, atua para a formação no que tange à criticidade e à postura colaborativa. Nessa perspectiva, toda a potencialidade dos aparelhos celulares, dos jogos, dos sites e da própria internet, espaço no qual recursos e pessoas interagem, pode ser utilizada como aliada de um ensino mais significativo e de uma aprendizagem mais contextualizada.

Novamente, assim, o trabalho do professor volta a ser destacado, principalmente quanto às estratégias que ele pretende adotar para a abordagem dos conteúdos. O estudante deve estar convencido de que a aula poderá contribuir de fato com sua aprendizagem e para a consequente compreensão acerca dos fenômenos que estão presentes na vida, desde os momentos mais comuns aos mais complexos, estando eles espacialmente próximos ou mais distantes, independente da área do conhecimento sobre a qual o assunto ou o tema está fundamentado. Assim, a aula ganha sentido e passa a ser realmente importante.

Destaca-se que as inovações, representadas, entre outros aspectos, por novas técnicas e por novas tecnologias dentro das escolas, tendem a dar novos significados ou mesmo substituir muito do que se fez e do que ainda se faz com eficiência para o ensino e para a aprendizagem. Em uma leitura menos atenta ao contexto, porém, as escolas, assim como pessoas e outras instituições, podem ser seduzidas por uma lógica de mercado, que nutre no inconsciente coletivo um desejo por tudo aquilo que é novo. Ao abordar a força da mídia no espaço escolar, Costa (2005, p. 4), defende que:

[...] inúmeros artefatos da cultura contemporânea, especialmente da cultura popular midiática, moldada, como sabemos, por forças políticas, econômicas, sociais e culturais, têm não só invadido a escola como disputado com ela o espaço pedagógico. A indústria do

entretenimento não se restringe a fazer circular mercadorias, ela protagoniza uma pedagogia cultural regida por poderosas dinâmicas comerciais, assentadas sobre estética e prazer, que se impõem sobre as vidas privadas e públicas de crianças, jovens e adultos.

Não é difícil perceber o quanto a escola está em uma espécie de campo de batalha, tentando se localizar e adaptar-se ao novo aluno e às suas novas demandas. Para tanto, as tecnologias, quando mobilizadas com intencionalidade pedagógica, tornam-se potencializadoras da aprendizagem, considerando sempre o professor como figura central neste processo. Foi justamente a partir desta premissa que o capítulo seguinte foi organizado, na medida em que aposta na sala de aula do presente como um espaço de aprendizagem híbrido e multimodal.

2.3 A sala de aula como espaço híbrido e multimodal

Conforme vimos, é notório o quanto o desenvolvimento tecnológico impulsionou rupturas paradigmáticas em nossa sociedade, afetando diretamente a forma como nos relacionamos enquanto membros do tecido social. E, na escola, não foi diferente, muito embora o processo de reconhecimento dessas rupturas parece ser mais lento e mesmo resistente, se comparado ao observado em outras instituições.

No entanto, sobretudo nos últimos dez anos, tem aumentado, significativamente, o número de iniciativas voltadas à produção de conhecimentos teórico-metodológicos sobre a inserção de tecnologias na escola. O PEC (2016, p. 38), por exemplo, pode ser considerado como uma iniciativa desta ordem, ao indicar um caminho de renovação para os colégios jesuítas no Brasil de maneira sensível aos sinais dos tempos:

As tecnologias digitais vêm alterando a vida nas sociedades contemporâneas. Novas e surpreendentes tecnologias da informação e da comunicação têm estreitado as distâncias e possibilitando a cocriação, apropriação e disseminação de conhecimentos. Juntos com as demais organizações, a educação está imersa num entorno tecnocomunicativo.

O registro, além de sinalizar para a necessidade de um novo olhar sobre as práticas pedagógicas das escolas da Companhia de Jesus no Brasil, já introduz o conceito de hibridismo, uma vez que reconhece a necessidade de imersão na cultura

digital, sem dicotomizá-la, contudo, em relação a recursos e estruturas de natureza mais analógica. Schlemmer (2018, p. 57), a partir do conceito de Latour sobre hibridismo, destaca:

[...] o híbrido é compreendido quanto à natureza dos espaços (geográfico e digital), quanto à presença (física e digital), quanto às tecnologias (analógicas e digitais) e quanto à cultura (pré-digital e digital).

Ou seja, o híbrido é resultado da interação entre elementos que possuem naturezas distintas, e essa mistura resulta em algo novo, teoricamente, mais adaptável a uma nova demanda.

Ao longo dos anos, de maneira geral, a educação organizada no arquétipo fabril, reproduziu os valores da era industrial, com seus modelos de ensino e com suas salas de aula formatadas dentro de estruturas bastante semelhantes àquelas adotadas nas fábricas, locais em que as pessoas seguiam orientadas em seus papéis, dentro de contextos inflexíveis e segmentados. Muitos dos que atualmente exercem a docência foram formados assim. Desse modo, não causa espanto a insegurança apresentada pelo professor em organizar seu planejamento dispondo de liberdade e ousadia necessárias, mediante intencionalidade pedagógica, para articular recursos analógicos e digitais, em benefício de um ensino mais coerente com seu tempo e com o perfil do estudante hoje. Segundo o documento Colégios Jesuítas: Uma Tradição Viva no Séc. XXI, um exercício contínuo de discernimento (2019, p. 41), “a tecnologia tem revolucionado as noções tradicionais de tempo e lugar e oferecido oportunidades até então imprevisíveis para a comunicação, a aprendizagem e a espiritualidade”.

A imersão nas TD parece ameaçadora para muitos professores que, em meio a tantas dificuldades e incertezas que afetam a profissão, é vista como um degrau intransponível, no sentido de que é preciso buscar a qualificação, mantendo uma rotina de muitos turnos de trabalho, com baixos salários, em meio a uma série de outros fatores que dificultam a formação profissional. Diante dessa realidade, o desafio para o docente está em transcender esse obstáculo. Para tanto, faz-se necessário compreender que o novo contexto se estrutura sobre um pensamento organizado em rede, em que pontos ou nós são elos que conectam conteúdos, informações, produtores e receptores. Trata-se, sem dúvida, de uma trama complexa, na qual muitas relações são estabelecidas de maneira ágil e impessoal. Nesse

sentido, a maneira como ensinamos precisa ser mais híbrida, digital, dinâmica, diversificada e flexível. De acordo com Kenski, (2008, p. 34), podemos pensar que:

As redes, mais que uma interligação de computadores, são articulações gigantescas entre pessoas conectadas com os mais diferenciados objetivos. A internet é o ponto de encontro e dispersão de tudo isso. Chamada de rede das redes, a internet é o espaço possível de integração e articulação de todas as pessoas conectadas com tudo o que existe no espaço digital, o ciberespaço.

Pensar a educação na contemporaneidade implica considerar os vários modos de comunicação existentes, como escrita, oralidade, gestos, placas, imagens, sons, fotografias, gráficos, etc., o que definimos como multimodalidade. A incorporação da multimodalidade no processo de ensino e aprendizagem tem como forte aliada as tecnologias digitais, uma vez que elas favorecem o uso de textos/recursos multimodais, conforme bem expressa Marcuschi (2002, p.1):

[...] parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir em um só meio várias formas de expressão, tais como texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados.

Através dos métodos multimodais, é possível tornar as aulas mais atrativas e dinâmicas. Inserir a multimodalidade no ambiente educacional, porém, é um grande desafio, pois exige uma mudança não somente na maneira como enxergamos a comunicação, mas também na forma como docentes e estudantes interagem no mundo contemporâneo, multimodal e multimídia. O estudo de Schlemmer (2018, p. 57.) reforça tal premissa, ao apontar que:

[...] a sociedade intercultural e multicultural que se desenvolve e, ao mesmo tempo, impulsiona o desenvolvimento de diferentes tecnologias analógicas e digitais, de forma que, simultaneamente, podemos estar interagindo num espaço analógico, presencial físico e num espaço digital virtual, online; com objetos tanto analógicos, quanto digitais e desses combinados, enfim, num contexto híbrido e multimodal.

Ao propor o uso de recursos híbridos e multimodais como estratégia teórico-metodológica na educação, aspiramos ao aperfeiçoamento e interesse, à

aprendizagem, bem como ao envolvimento dos estudantes nas atividades escolares. É preciso explorar os novos caminhos e as novas metodologias potencializadas pelas TD em benefício de uma aprendizagem mais significativa e com o potencial de ser mais atrativa ao estudante, tal como destacado por Kenski, (2008, p. 48).

O fluxo de interações nas redes e a construção, a troca e o uso colaborativos de informações mostram a necessidade de construção de novas estruturas educacionais que não sejam apenas a formação fechada, hierárquicas e em massa como a que é estabelecida nos sistemas educacionais.

No entanto, o uso das TD não trará benefícios na educação se elas apenas servirem para que as mesmas práticas sejam apresentadas de um modo diferente. Para que elas produzam arranjos pedagógicos significativos, é preciso levar em conta a lógica conectiva, base para a estruturação em rede, que supera o pensamento linear, no qual o transmissor disponibiliza determinado conteúdo e o receptor apenas o acolhe, dispondo de possibilidades limitadas para estabelecer algum tipo de interação, tal como faz o telespectador quando assiste ao telejornal na televisão.

Ao estabelecermos um comparativo, podemos dizer que muitas salas de aula, mesmo dispondo de modernos equipamentos e conexão com a internet, ainda são espaços nos quais o pensamento linear se sobrepõe ao pensamento em rede. Não é difícil notar que o recurso tecnológico disponível é subutilizado no momento em que é acessado para que determinado conteúdo transmita um conceito de uma forma diferente. O pensamento observado nos estudos de Primo (2007, p. 72), reforça a naturalidade com que a interação prepara os indivíduos para as diferentes aprendizagens que formam para a vida, as quais não deveriam ser diferentes na sala de aula.

Não é demais repetir que interagir não é algo que alguém faz sozinho, em um vácuo. Comunicar não é sinônimo de transmitir. Aprender não é receber. Em sentido contrário, quer-se insistir que interação é um processo no qual o sujeito se engaja. Essa relação dinâmica desenvolvida entre os interagentes tem como característica transformadora a recursividade. E para que isso seja compreendido, é preciso observar o próprio conhecer como relação. De fato, alguns reflexos básicos o recém-nascido traz consigo em sua genética. É uma herança filogênica. Entretanto, a inteligência humana passa a ser fruto do progressivo desenvolvimento ontogênico das estruturas cognitivas. O conhecimento do sujeito depende de seu contínuo aprendizado em relação ao seu meio. Não há, pois, como separar esse sujeito de sua cultura, de seus pares ou opositores, da política, de suas crenças religiosas (ou da ausência delas), da linguagem, das instituições etc.

Considera-se, portanto, que os processos que convergem para a construção do conhecimento estão intimamente ligados aos aspectos subjetivos, interpretativos e comportamentais que os estudantes desenvolvem a partir das trocas que estabelecem com seus pares em espaços em que coexistem estruturas analógicas e digitais, como as salas de aula das quais dispomos atualmente no Colégio dos Jesuítas. Essa abordagem, que reconhece a sala de aula enquanto um espaço híbrido no qual convivem educadores e estudantes de diferentes gerações, sugere que o aspecto dialógico deve ser preservado para que sejam potencializadas as iniciativas que contribuam para uma melhor aprendizagem. Segundo Schlemmer (2006, p. 37),

Quando o objeto do conhecimento envolve outros sujeitos, a construção do conhecimento ocorre por meio de processos de colaboração e de cooperação, que se estabelecem a partir dos conhecimentos de cada um dos sujeitos, articulando diferentes pontos de vista e utilizando diversos meios analógicos e digitais que possam subsidiar essa construção.

O PEC (2016, p. 38) também reforça tais convicções, na medida em que indica a necessidade de reformulações metodológicas e espaciais que interferem diretamente no planejamento pedagógico, na prática docente, na estrutura física e na utilização dos recursos tecnológicos disponíveis nas escolas:

Para além da reestruturação das formas de comunicação e de acesso à informação, essa revolução digital está modificando o processo de aprendizagem e exige um referencial de competências em Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Nesse sentido, há uma necessidade premente de reformulação do ambiente escolar e de repensar muitas das atuais práticas pedagógicas, de modo a rever espaços, recursos e metodologias, para que utilizem as tecnologias digitais para a inovação, considerando, conforme o critério que norteia os trabalhos apostólicos da Companhia, a relação entre meios e fins. A meta é que os currículos contemplem discussões e o uso fluente dos múltiplos meios tecnológicos na possibilidade de transpor os limites físicos e temporais da sala de aula.

Observa-se, assim, que o documento reconhece a necessidade de mudanças e indica que elas não fiquem limitadas aos “muros” da escola. Admite-se a necessidade, até com certa urgência, de que novas estratégias pedagógicas apontem para novas possibilidades as quais sejam capazes de favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento de novas competências e habilidades no estudante de hoje.

Recorre-se, então, novamente às contribuições de Schlemmer (2015, p. 408), no intuito de aproximar as indicações do PEC a um outro conceito, complementar ao de ensino híbrido: multimodal ou multimodalidade que, ao ser mobilizado no campo da educação, pode ser entendido como:

[...] as distintas modalidades educacionais imbricadas, ou seja, modalidade presencial, modalidade online, incluindo: eletrônico learning (e-learning), mobile learning (m-learning), pervasive learning (p-learning), ubiquitous learning (u-learning), immersive learning (i-learning), gamification learning (g-learning), game based learning (GBL).

Percebe-se que o conceito aponta para duas possibilidades de modelos, o presencial e o online. O último, realizado a distância, desdobra-se ainda em outras categorias que, por meio das TD, fazem surgir novos ambientes propícios ao desenvolvimento de aprendizagens.

A popularização de hardwares e softwares de computadores, de dispositivos eletrônicos, como os smartphones, além da própria internet, elevaram exponencialmente as opções de acesso a conteúdos, compartilhamentos e trocas. Tal fato favoreceu o surgimento de novos espaços de relacionamento, que ultrapassaram os limites físicos e geográficos dos lugares e conectaram as pessoas em novos ambientes.

Assim sendo, a sala de aula de hoje se estende para além do seu lugar físico e é acrescida por outros espaços de aprendizagem nos quais o estudante interage online. A tecnologia garante a conexão entre os lugares e amplia as possibilidades para que o docente estimule o protagonismo e a cooperação. O professor, neste contexto, é desafiado a caminhar para além do modelo de aula instrutivo e baseado em sua centralidade. Os jovens trafegam com grande vantagem em ambientes virtuais e, por isso mesmo, demandam um reposicionamento estratégico do planejamento das aulas, na intenção, entre outros aspectos, de que os alunos atuem como corresponsáveis em seus processos de aprendizagem.

No entanto, não se trata de jogar tudo fora e, como em uma folha em branco, iniciar um novo desenho. Os conceitos de hibridismo e multimodalidade aqui abordados, com base nos estudos de Schlemmer, indicam, sim, o sentido cooperativo e complementar em que dialogam o virtual e o presencial, o analógico e o digital.

Neste cenário, vale nos perguntarmos: assim como os professores são convidados ao novo, não seriam os jovens também desafiados a desenvolverem as habilidades e competências necessárias para atuarem em espaços de natureza mais tradicionais, sabendo que eles, igualmente, fazem partes do mundo “real”? Reconhecer isso seria um retrocesso?

Tais questionamentos indicam que há uma complexidade nas relações e, de certa forma, um conflito entre diferentes gerações, que necessitam conviver em um lugar comum, caracterizado pelo hibridismo e pela multimodalidade, assim como acontece na escola. As contribuições de Schlemmer (2015, p. 407) avançam para a conceituação destes espaços de convivência, quando a autora indica que:

A configuração de espaço de convivência ocorre, portanto, no viver e no conviver cotidiano que se dá na congruência dos seres humanos com o meio, de forma que sujeito e mundo emergem juntos. Assim, conhecedor e conhecido, sujeito e objeto se determinam um ao outro e surgem simultaneamente.

Reconhecer a escola e a sala de aula como espaços caracterizados pela heterogeneidade é fundamental para que o conhecimento seja erguido sobre base sólida. Diante disso, observa-se que o estudante deve ser conduzido por um ambiente onde existam diferentes possibilidades de aprendizagem. Logo, o cenário aponta, mais uma vez, para que o professor seja a figura responsável por articular o objeto de estudo, o estudante e a metodologia, reconhecendo que a aprendizagem ocorre diante das oportunidades apresentadas.

Portanto, considerando que as relações entre os sujeitos e o mundo caracterizam o modo como vivemos, identificam nossa cultura, revelam nossas aspirações e nossas necessidades, não há exagero nenhum em ressaltar que novas habilidades e novas competências são necessárias tanto para os adultos quanto para os jovens. Nesse sentido, cabe não só aos professores, mas também aos estudantes, fazerem melhor uso dos recursos disponíveis, independentemente se esses são de natureza analógica ou digital.

3 PROPOSTA METODOLÓGICA

3.1 Pesquisa qualitativa como abordagem metodológica

Este trabalho, cujo foco de interesse gira em torno das questões expostas anteriormente, propõe uma abordagem de natureza qualitativa, como forma de atingir os objetivos delineados, ao compreender que ela oferece um conjunto de procedimentos que têm demonstrado ricas possibilidades para melhor análise e compreensão do cotidiano. A origem da pesquisa qualitativa, segundo Goldenberg (1999, p. 16), “poderia chegar a Heródoto que, descrevendo a guerra entre Pérsia e Grécia, deu maior ênfase em seus estudos aos fatores culturais”, como vestimentas, hábitos alimentares, equipamentos de guerra, entre outros, referente ao povo persa e seus vizinhos.

A necessidade de abordar temáticas que trabalhem a complexidade das relações humanas, como de toda sociedade, de forma mais analítica, levando-se em conta referenciais que venham a romper com metodologias pré-estabelecidas, figuram na sociedade contemporânea com credibilidade e aceitação pelos pesquisadores. Nesse sentido, a sociologia positiva, com seus métodos quantitativos, por exemplo, não deve ser percebida como única forma de pesquisa para a compreensão de fenômenos referentes aos homens e, sim, como uma alternativa, um auxílio ou até mesmo um complemento na compreensão de alguns dados.

O criador do positivismo, Augusto Comte (1798 – 1857), defendia a unidade entre as ciências e a utilização de um modelo que, chamado de científico, era capaz de tratar de forma completa a realidade social humana. Chegou a estruturar um ranking entre as ciências, em que cada uma estava diretamente ligada ao desenvolvimento que a precedeu e no qual a matemática ocupava o primeiro lugar e as ciências sociais o último. Houve, assim, uma tentativa de compreender as ciências sociais como mobilizadora de métodos de outra ciência, como as naturais, a partir do entendimento da ciência social como um campo neutro e objetivo, em que se separava o sujeito do seu objeto de conhecimento.

É neste contexto que surgem alguns pensadores, influenciados pelo idealismo de Kant, que se opõem ao modelo positivista aplicado às ciências sociais, abrindo novos horizontes para a pesquisa das relações humanas, com procedimentos

metodológicos diferentes, que davam abertura à compreensão da individualidade e ao livre arbítrio do ser humano. Um grande nome, se não o de maior destaque na sociologia compreensiva, é o de Max Weber, para o qual o significado dos fatos e das relações envolvidas para o entendimento de determinado estudo quebra, radicalmente, a objetividade da escola positivista, ao desvendar os fenômenos presentes no cotidiano das pessoas nas diferentes sociedades, ao invés de apresentá-lo como mera estatística.

A escola de Chicago, mais precisamente o departamento de sociologia e antropologia, que permanecem unidos até 1929, disponibilizou uma orientação multidisciplinar, através da realização de pesquisa em uma perspectiva interacionista, contribuindo para dar legitimidade às técnicas e métodos qualitativos nos estudos sociológicos em grandes centros. Conforme explica Goldenberg (1999, p. 27), “[...] o interacionismo simbólico, exercia uma profunda influência sobre a sociologia de Chicago, através da presença de George Hebert Mead e do filósofo americano John Dewey”.

A escola de Chicago abriu caminho, assim, para duas outras metodologias que, embora não possam ser diretamente atribuídas a ela, inserem-se na tradição metodológica qualitativa. A escola fenomenológica busca uma visão de mundo por meio da ótica dos representantes da sociedade, que se movem de forma a construir ou transformar a realidade. Já a escola etnometodológica tem como base o uso dos sentidos, relacionados a cada objeto e à sua atuação nas ações sociais.

A partir desta breve retomada acerca das origens e dos métodos da pesquisa qualitativa, é nítido seu papel no entendimento de situações pertinentes às ações e interpretações humanas dentro do meio social, embora a abordagem qualitativa, obviamente, não seja imune a críticas. Uma delas diz respeito à contestação da veracidade dos fatos analisados, em razão da falta de padrões de objetividade, controle científico e rigor, não produzindo, com isso, generalizações responsáveis por um conjunto de leis sobre o comportamento humano. Outra refere-se à coleta de dados que pode ser influenciada pelo pesquisador, não servindo como evidência verídica da pesquisa.

Essa intervenção, pode implicar em uma certa tendenciosidade, predisposição, inclinação ou parcialidade. No entanto, esses questionamentos esvaziam-se quando o pesquisador tem consciência de alguns posicionamentos pessoais, produzidos

dentro da sua cultura e em decorrência de suas vivências. A partir dessa consciência, ele pode incluir-se na pesquisa, fazer parte do processo sem, com isso, agir tendenciosamente no afloramento e nas análises das informações, algo comum em uma pesquisa que trabalha com sujeitos.

Uma total imparcialidade é praticamente impossível mediante o uso de qualquer metodologia, devido ao já mencionado acúmulo cultural. Porém, através de autocrítica constante, embora desafiador, é possível manter cada ator em seu papel. Já no que diz respeito aos padrões de objetividade, rigor e controle científico, remeto novamente à importância de evitar-se que o posicionamento do investigador venha a interferir no trabalho, assim como de que a ética e a meta da pesquisa permaneçam sendo o caminho a guiá-lo na aventura do conhecimento.

É importante levar em conta esta contextualização inicial, na medida em que os dados a serem analisados na investigação serão resultantes de um trabalho direto com os sujeitos. Esses dados serão produzidos, conforme detalhado à continuação, a partir da constituição de dois grupos de discussão: um grupo composto por docentes e outro por estudantes.

Estudos particulares de determinados lugares, com seus atores e inseridos em seu contexto, como é o caso da pesquisa em questão, permitem compreender questões mais amplas sobre um dado cenário sem, no entanto, objetivar generalizações e informações sobre a realidade. Estas serão sempre mais amplas, suscitando uma melhor compreensão de certas especificidades, ao levar em conta fatores culturais, sociais, entre outros. É esta melhor compreensão que a dissertação pretende favorecer frente ao trabalho pedagógico desenvolvido pelo Colégio dos Jesuítas e, quiçá, também pelas demais unidades educativas, elos integradores da Rede Jesuíta de Educação no Brasil.

O objetivo norteador da investigação, como já descrito em capítulo anterior, é o de analisar de que modo a sala de aula tem se apropriado da cultura digital, buscando compreender a maneira como os estudantes percebem a presença das TD em face da sua aprendizagem e como os docentes as mobilizam em sua prática cotidiana. Para tanto, aposta-se na abordagem qualitativa, ao se valer da técnica das discussões em grupo em um ambiente digital, dispondo dos recursos do aplicativo WhatsApp, para problematizar uma temática em voga na prática rotineira de ensinar

e de aprender em um colégio da Companhia de Jesus, assim como no contexto escolar de modo geral.

3.2 Contexto da pesquisa

O Colégio dos Jesuítas é uma das dezessete unidades que atuam na Educação Básica, as quais integram a Rede Jesuíta de Educação no Brasil. Localizado na cidade de Juiz de Fora, município situado na Zona da Mata Mineira, atualmente, o colégio atende a um total de 2156 estudantes, distribuídos desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. As aulas acontecem no período matutino e vespertino.

O período matutino atende aos estudantes que cursam o Ensino Fundamental II (do 6º ano ao 9º ano) e o Ensino Médio (da 1ª série até a 3ª série). Já o período vespertino atende a crianças da Educação Infantil, alunos do Fundamental I (do 1º ano ao 5º ano) e do Ensino Médio Integral Vespertino (da 1ª série até a 3ª série), direcionado a alunos bolsistas. Atividades extracurriculares são planejadas, igualmente, no contraturno, e estão relacionadas às aulas de reforço, escolas de esporte e cultura, realização de exames, estudos de grupos presenciais e estudo de grupos em ambientes virtuais, entre outras atividades.

A tabela abaixo auxilia na organização das informações e oportuniza o detalhamento de alguns dados importantes para a análise e para a compreensão do contexto descrito.

Tabela 1 – Colégio dos Jesuítas – Dispersão dos estudantes por segmento e ano.

INDICADORES	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
• TOTAL DE ALUNOS DO COLÉGIO	1.899	1.858	2.026	2.007	1.940	1.941	2.039	2.156	2.185	2.245
• TOTAL DE ALUNOS DO COLÉGIO - DIURNO	1.692	1.726	1.732	1.798	1.761	1.780	1.8448	1.921	1.999	2.082
• TOTAL DE ALUNOS EDUCAÇÃO INFANTIL	138	130	159	195	198	200	205	240	240	240
• TOTAL DE ALUNOS EF 1	565	598	593	588	584	589	612	648	698	741
• TOTAL DE ALUNOS EF 2	576	567	547	565	532	537	573	578	579	625
• TOTAL DE ALUNOS EM	413	431	432	450	447	454	458	455	482	482
• TOTAL ALUNOS EMIV	0	36	111	174	164	161	191	235	186	163

Fonte: *Seminário de Planejamento Estratégico – Colégio dos Jesuítas – 2017.

** Os dados referentes aos anos 2018 e 2019 foram levantados e inseridos pelo pesquisador.

O público-alvo da pesquisa são os estudantes do Ensino Médio Integral Vespertino – EMIV e os professores que ali atuam. A opção por esse segmento específico, em um primeiro momento, surgiu através da experiência e da proximidade do pesquisador com os estudantes e com os profissionais em questão, tendo em vista sua atuação como coordenador, desde 2011, ano em que o curso teve início. Outro fator motivador, que levou à opção por esse grupo, foram os excelentes resultados de ordem acadêmica e de consolidação dos valores humanos e cristãos, caros para a instituição, que podem ser facilmente identificados neste segmento.

O EMIV é parte do trabalho de filantropia desenvolvido pela escola. O desafio assumido internamente extrapola os muros do colégio e proporciona, para muitas famílias carentes da cidade, uma oportunidade para educarem seus filhos à luz de valores e de ensinamentos que formam cidadãos para o mundo, com a premissa de possibilitá-los a atuar como agentes de transformação da sua realidade, bem como do meio social em que vivem.

Atualmente, são 186 estudantes matriculados nas três séries do EMIV, em idade regular, estudando das 12h30min às 19h50min, de segunda a sexta-feira. O grupo de bolsistas do EMIV, em sua grande maioria, são alunos oriundos das escolas municipais de Juiz de Fora. A reconhecida qualidade do trabalho desenvolvido pelo Colégio dos Jesuítas com esse público e os excelentes resultados obtidos, no decorrer das três séries do Ensino Médio, o consolidaram como um lugar de prestígio na cidade. As famílias mais carentes, os próprios estudantes e as equipes de educadores, que atuam nas escolas do município, aguardam, com grande expectativa, a divulgação do edital de seleção, que oferece as vagas disponíveis para o ingresso na primeira série do Ensino Médio.

O processo seletivo inicia-se com o setor de Serviço Social. Após a divulgação do edital, observando-se os prazos indicados, os interessados fazem a inscrição e as famílias precisam enquadrar-se dentro dos critérios exigidos pela legislação que rege a filantropia e comprovar, por meio da apresentação de extensa documentação, que possuem o perfil adequado. Dessa forma, o Colégio dos Jesuítas garante a lisura do processo e reforça seu papel de articulador entre a fé e a justiça, ao acolher, também, aqueles que são mais pobres.

Após a análise documental, os estudantes que conseguiram comprovar a carência passam por prova de seleção, que procura avaliar as competências e as

habilidades mínimas necessárias para o ingresso no Ensino Médio. A avaliação possui questões de Matemática, Português e uma Redação, que deve ser realizada em um tempo de até quatro horas. Após finalizada a etapa de correção, o resultado final do processo seletivo é divulgado e os candidatos aprovados ficam liberados para a efetivação de sua matrícula.

Ao ingressarem, os discentes recebem o apoio do Programa de Auxílio ao Aluno Bolsista. Isso implica na oferta de três camisetas e um agasalho do uniforme, todos os livros didáticos selecionados, dois lanches diários, contendo suco/café, fruta e sanduíche, que são servidos nos períodos de intervalo, além das passagens para o deslocamento de ida e de volta para o percurso entre a casa e a escola.

Ao pensar em um trabalho de pesquisa qualitativa que envolve os sujeitos descritos, ainda que pertencentes a uma parcela da população de menor poder aquisitivo, é primordial considerar que esse grupo está inserido no contexto contemporâneo e, por isso mesmo, convive diariamente com um mundo que se faz novo a cada instante, impulsionado, principalmente, pelos avanços das tecnologias. É necessário reconhecer, porém, que, nesse novo mundo, outras práticas, de cunho mais analógico, são igualmente presentes na vida desses estudantes. Na escola, em casa e na rua, de maneira muitas vezes imperceptível, pensamentos e ações de natureza analógica são empreendidos em busca do alcance de objetivos e demonstram sua eficácia.

O que se propõe, ao estudar as gerações inseridas neste contexto de complementariedade, no qual dialogam analógico e digital, é uma **técnica de investigação qualitativa, que permita que as questões da pesquisa sejam aprofundadas e que os dados sejam gerados por meio do diálogo, da interação, do debate de ideias, da forma de expressão e das reações observadas diante das questões propostas pelo pesquisador.** Dessa forma, compreendendo que a coletividade é materializada pelo encontro de sujeitos em espaços que, atualmente, são também digitais e a interação acontece como resultado de tal aproximação, **apostou-se na técnica de grupos de discussão, realizados no aplicativo WhatsApp.** A opção se deu como forma de aproximar os sujeitos da sua realidade e favorecer a coleta de dados pelo pesquisador.

No que tange aos estudantes e à composição propriamente dita desses grupos, optou-se pela turma da segunda série, que conta com 38 estudantes. O

necessário recorte advém da percepção do pesquisador, que, em razão de sua vivência diária com os estudantes, considera que a série escolhida já passou pelo amadurecimento de um primeiro ano de experiências, convivendo em uma realidade repleta de novidades, mas que ainda não carrega, de forma tão aguda, a responsabilidade da prestação dos exames que servem de acesso ao curso superior.

Na primeira série, espaços, tempos, metodologias, recursos audiovisuais, horário de estudo e amizades são exemplos de um novo momento que exige, no mínimo, um bom período de adaptação. Já a turma da terceira série, mesmo bastante adaptada, está, muitas vezes, focada na preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, que abre as portas para o Sistema de Seleção Unificada – SISU e para o Programa Universidade para Todos – PROUNI. Além do ENEM, ao final da terceira série, os estudantes ainda participam da última etapa do Programa de Ingresso Seletivo Misto (PISM III), ofertado pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Assim sendo, **o estudo contou com as contribuições de estudantes da segunda série do EMIV, convidados a integrar o grupo de discussão no WhatsApp.** Diante dessa definição, na seção 3.3, há o aprofundamento quanto aos pressupostos teórico-metodológicos desta técnica de pesquisa, reconhecendo seu potencial para oferecer os subsídios necessários, com vistas à produção de dados e à efetivação da intervenção de campo desejada.

Para o estudo, porém, **a presença de outros protagonistas se fazia necessária.** Como a investigação pretende discutir o espaço da sala de aula, buscando compreender de que forma as tecnologias estão sendo mobilizadas para o ensino e para a aprendizagem, **entendeu-se que as contribuições dos professores seriam fundamentais para a geração de dados, uma vez que estudantes e professores são os sujeitos privilegiados deste processo. E são os olhares desses sujeitos que se pretende cruzar.**

Quanto ao corpo docente que atua no EMIV, trata-se de um conjunto de 31 professores, implicados diretamente no trabalho com esses estudantes. Deste total, 29 lecionam nas turmas de alunos pagantes e de alunos bolsistas, transitando em diferentes turnos. Apenas dois docentes trabalham exclusivamente com os estudantes do EMIV. Além das disciplinas da base comum, eles ministram aulas de Teatro,

Filosofia, Sociologia, Educação Física, Ensino Religioso, Redação, Matemática para o ENEM, Interpretação de Texto, Inglês e Espanhol.⁵

Ao fazer-se a memória de um passado recente, destaca-se que a implementação do PEC, a consolidação da Rede Jesuíta de Educação e as grandes mudanças ocorridas na estrutura da Direção do Colégio dos Jesuítas, assim como outras exigências sociais, impactaram diretamente no trabalho dos professores dentro e fora da sala de aula. Assim, em um contexto de transformações tão intensas, considerou-se que esse grupo poderia gerar dados significativos para a investigação.

No entanto, propondo-se um alinhamento entre os dois núcleos pesquisados, estudantes e professores, optou-se pelos educadores que lecionam na segunda série do EMIV, que somam 18 profissionais; uma coerência necessária, tendo em vista o recorte da pesquisa.

Sabendo que a rotina dos educadores e estudantes é bastante intensa, devido ao empenho e a dedicação aos seus afazeres diários, percebeu-se que não seria tarefa simples reunir os grupos de discussão dentro da escola. Além disso, foram levadas em conta outras variáveis que poderiam comprometer a participação, tais como deslocamento, alimentação, entre outros compromissos. Considerando essa dinâmica na busca por um instrumento que auxiliasse na superação dos obstáculos, especialmente os associados ao tempo disponível e à presença física em determinado espaço, pensou-se em diferentes ferramentas de comunicação e nas inúmeras possibilidades de interação que elas oferecem.

Assim, a fim de favorecer a aproximação entre pesquisador e pesquisados, optou-se pela coleta de dados em um ambiente de encontro digital. **Definiu-se, então, como caminho metodológico para a pesquisa, a realização de grupos de discussão, utilizando-se como meio para a interação entre os participantes o aplicativo WhatsApp.**

3.3 Grupos de Discussão como técnica de pesquisa

A opção pela estruturação dos grupos de discussão como técnica de pesquisa parte do entendimento de que esse método se configura como instrumento potente

⁵ Segundo os dados levantados, no início de 2018, junto ao Departamento de Recursos Humanos do Colégio dos Jesuítas, o tempo médio de permanência dos docentes na instituição é superior a dez anos e a taxa de *turnover* é muito baixa.

para a obtenção dos dados, considerando a abrangência da abordagem qualitativa. Flick (2009, p. 182) indica as finalidades que justificam a formação de grupos de discussão: elas são pensadas ou “como um meio para aperfeiçoar a análise e opiniões individuais”, ou como uma forma “para chegar a uma opinião de grupo compartilhada, comum a todos os participantes”.

Como a pesquisa reuniu estudantes do Ensino Médio em um grupo e os professores em outro, acredita-se que a escolha metodológica em questão permitiu a aproximação e facilitou a relação entre os sujeitos de cada grupo. Assim, questões de cunho mais pessoal, como hábitos, costumes e pontos de vista sobre determinado tema, acabaram emergindo de maneira mais natural e espontânea, colaborando para o compartilhamento de ideias, que expressassem a opinião do grupo. Para que isso ocorresse, por sua vez, foi importante garantir as condições para que os participantes estivessem disponíveis e livres para interagir com os demais membros e com a temática proposta, de modo a permitir que o pesquisador registrasse, para além de textos escritos, falas, imagens, vídeos, entre outras formas possíveis de expressão, disponibilizadas pelo aplicativo WhatsApp, que puderam ser mobilizadas pelos participantes.

Os grupos de discussão propriamente ditos nada mais são do que uma forma de se realizar entrevistas de grupo. Segundo Flick (2009, p. 181), as principais vantagens desse tipo de entrevista estão relacionadas “[...] a seu baixo custo e a sua riqueza de dados, ao fato de estimularem os respondentes e auxiliarem-nos a lembrar de acontecimentos, e à capacidade de irem além das respostas de um único entrevistado”. De acerto modo, isso ocorre também na vida. É fato que os sentimentos humanos são expressos de diferentes formas e aquilo que é dito pelo pesquisado, quando somado à forma como ele se manifesta e interage, por exemplo, qualifica sobremaneira os dados registrados pelo pesquisador.

Flick (2009, p. 183), ao tratar sobre as formas que podem assumir os grupos de discussão, indica que a eleição dos participantes, segundo o que pretende o estudo, deve considerar a composição de grupos naturais, ou seja, “existentes na vida cotidiana” ou de grupos artificiais, que são “reunidos para fins da pesquisa, de acordo com critérios determinados”.

A pesquisa em questão, por sua vez, reuniu dois grupos naturais, o que o autor também chama de grupos reais, pois os pesquisados, alunos e professores,

entre seus pares, possuem um histórico de relacionamento e interação dentro do Colégio dos Jesuítas e, muitas vezes, fora dele também. Nessa perspectiva, podemos identificar padrões de comportamento e de organização que são próprios dos docentes, assim como ocorre com os discentes que compõem o outro grupo.

Considera-se que a constituição de dois grupos reais tornou possível a aproximação entre os membros de cada um dos grupos de discussão, além de reforçar as características comuns que os caracteriza. Segundo Flick (2009, p. 183), esses grupos são homogêneos e compartilham de “padrões subjacentes de significado”.

Sobre a natureza do grupo, o pesquisador deve cuidar do número de participantes presentes na discussão, a fim de garantir que todos tenham a chance de intervir, tal como assinalado por Flick (2009). Para o autor, embora não exista uma norma que regulamente o tamanho do grupo, eles normalmente compreendem entre 5 e 10 participantes.

A definição dos grupos para a pesquisa não se orientou por elementos de análise quantitativa, de modo que o número mínimo de integrantes nos grupos não foi uma preocupação inicial. Como não há engessamento nesse sentido e considerando o potencial das discussões nos grupos de WhatsApp, na fase exploratória, tanto os estudantes da turma da segunda série quanto os seus professores foram informados sobre a pesquisa e convidados para participar. Esperou-se, com isso, garantir uma adesão voluntária, de maneira que o interesse dos integrantes pela temática proposta ampliasse e aprofundasse as discussões e os participantes permanecessem ativos até o final da interação. A participação nos grupos, por sua vez, esteve vinculada ao aceite formal dos professores, dos estudantes e de seus responsáveis, por meio do preenchimento dos dados e das respectivas assinaturas.

Tendo como referência as orientações de Flick (2009) a respeito do papel do moderador em grupos de discussão, aos processos e aos elementos necessários para que a pesquisa possibilite uma efetiva coleta e posterior análise, e considerando que os grupos são reais, homogêneos e as discussões acontecem em um ambiente digital, por meio da utilização do aplicativo WhatsApp, foram definidas algumas combinações junto aos participantes. Elas foram essenciais para que os pesquisados tivessem a necessária liberdade para interagir e explorar os potenciais oferecidos pelo aplicativo,

de forma a resguardar a integridade dos registros, independentemente se fosse uma mensagem escrita ou um áudio, por exemplo.

Não foi o caso de criar um manual, um conjunto de regras ou técnicas. Segundo Calejo (2001), iniciativas dessa natureza caracterizam uma prática de pesquisa que otimiza a implementação das técnicas diante dos objetivos norteadores da pesquisa. Nesse sentido, reconhecendo ainda que a metodologia se configurou como aposta inovadora e, portanto, teve seus riscos ampliados, dado o repertório restrito de iniciativas semelhantes, fez-se necessário a elaboração de alguns acordos que contemplassem os objetivos da pesquisa, assim como orientassem os participantes quanto aos prazos e procedimentos a serem observados.

Ibáñez (2003) adverte que não é papel do moderador corresponder a qualquer expectativa criada pelo grupo ou, de alguma forma, auxiliar os pesquisados na compreensão de alguma provocação proposta. Debates, conflitos e alinhamentos de posicionamentos fazem parte da dinâmica e são reflexo do que ocorre no cotidiano. A ideia, assim, não foi criar um receituário para limitar a participação dos pesquisados. O entendimento foi de que a postura do pesquisador deveria respeitar a interação entre os componentes e de que as interferências ocorressem apenas quando necessárias, cuidando para que a temática em questão não fosse perdida pelos participantes e a funcionalidade do grupo estivesse garantida. As postagens que alinharam os procedimentos e a interação nos grupos de discussão no WhatsApp foram propostas pelo pesquisador e estão disponíveis para consulta no Apêndice deste trabalho.

3.4 Grupos de Discussão no aplicativo WhatsApp

A década de 1990 ficou marcada como o período em que a internet se popularizou e, como consequência, passou a fazer parte da vida de muitas pessoas. Inicialmente, ela chegava aos computadores localizados nos grandes centros urbanos através do uso da linha fixa de telefone. Atualmente, está disponível em dispositivos fixos e móveis, que dispõem de capacidade para conectar seu usuário ao restante do planeta.

Os avanços tecnológicos permitem ao homem a constante revolução dos seus tempos e dos seus espaços. Muito além da velocidade com a qual a comunicação é

estabelecida e da aproximação entre os lugares, os novos recursos digitais permitem a interatividade entre indivíduos. Isso não muda tudo, mas é mais do que suficiente para reconhecermos que as revoluções ocorrem quase a todo instante e que, de certa forma, vivemos em mundo novo a cada nascer do sol. O geógrafo Milton Santos comenta sobre este “mundo novo” (2001, p. 28).

Com essa grande mudança na história, tornamo-nos capazes, seja onde for, de ter conhecimento do que é o acontecer do outro. Nunca houve antes essa possibilidade oferecida pela técnica à nossa geração de ter em mãos o conhecimento instantâneo do acontecer do outro. Essa é a grande novidade, o que estamos chamando de unicidade do tempo ou convergência dos momentos.

Assim como acontece com o restante do mundo, os brasileiros estão conectados via internet e, por meio de diferentes programas e aplicativos, estabelecem relações amorosas, fazem compras, vendem produtos, compartilham fotos, trabalham, entre outras tantas possibilidades. E, nessa perspectiva de interação social e profissional, dinamizadas pelo uso da internet e das tecnologias digitais, a rotina das pessoas passa a ser estruturada, muitas vezes, de maneira até inconsciente, ou seja, no modo automático.

Nesse sentido, entendeu-se que a técnica dos grupos de discussão no WhatsApp poderia ser útil no âmbito da pesquisa, na medida em que se trata de um espaço privilegiado de interação. No caso desta investigação, a opção foi a de propor dois grupos de discussão que possibilitassem cinco dias de “encontros”, assíncronos ou síncronos, em que a interação pesquisador/pesquisados e pesquisados/pesquisados ocorreria no ambiente digital do WhatsApp. A aposta metodológica pretendeu ampliar a geração de dados significativos para a pesquisa, pois se acredita que o modelo em questão é menos formal, facilita a coleta e o registro dos dados, permite que as discussões aconteçam mais naturalmente, além de oferecer diferentes possibilidades para que o pesquisador inicie a discussão e, do mesmo modo, para que os pesquisados expressem sua opinião e debatam acerca do tema proposto.

Ao apostar no potencial da metodologia e ciente de que a literatura disponível sobre o tema ainda é bastante restrita, fez-se necessário a proposição de uma estrutura orientadora, para que os pesquisados pudessem organizar sua rotina, conciliando as atividades laborais, os estudos, o tempo com a família e os demais afazeres diários,

com a sua participação no grupo de discussão. Assim, foram acordados os horários para a inserção dos disparadores, para o início e para o fim das discussões do dia, entre outras combinações. O objetivo é que o pesquisador e os pesquisados encontrassem o necessário respaldo organizacional para sua participação sem, no entanto, criar limitações para a fluência das discussões diante dos disparadores indicados pelo pesquisador. O apêndice A apresenta a proposta para a interação no WhatsApp que deve ser observada pelos dois grupos de discussão.

É fundamental notar que o espaço digital onde se pretende realizar discussões em grupo deve dispor de pré-requisitos que suportem tais demandas. **A opção foi a de utilizar um aplicativo bastante popular no Brasil e no mundo, mobilizado para diversas finalidades, que vão desde o lazer até questões de trabalho: o WhatsApp.** Segundo Caramenha, Mansi e Cappellano (2016, p. 57), o nome do aplicativo, que figura aqui como ferramenta e recurso digital para a realização dos grupos de discussão, “é um trocadilho com a expressão inglesa *What’s Up*, que, em tradução coloquial, significa ‘E aí?’”. Ou seja, trata-se de um questionamento capaz de iniciar uma conversa.

A tecnologia é gratuita e está disponível para a instalação em tablets e em computadores. É nos *smarthphones*, porém, em versões que atendem a diferentes sistemas operacionais, que o WhatsApp demonstra sua desenvoltura no que se refere ao estabelecimento da comunicação entre duas pessoas ou nas conversas em grupo.

As funções do aplicativo avançaram com o tempo desde sua criação, em 2010. A interatividade entre os que utilizam a tecnologia é facilitada pelo envio de mensagens escritas, por gravações de áudio e de vídeo, pelo compartilhamento de fotos e, igualmente, de *emojis* e de *emoticons*. Os dois últimos podem ser compreendidos, popularmente, como representações gráficas ou símbolos que comunicam um estado de espírito ou um sentimento, por exemplo. A versão do aplicativo utilizada na coleta de dados é a 2.19.274, a mais recente, que corresponde à sua última atualização.

Segundo dados fornecidos pela pesquisa Ibope Conecta (2015), realizada com internautas, 93% deles possuíam o aplicativo instalado em seus smartphones. Um número que revela a penetração da mídia social WhatsApp na população brasileira contemporânea. Entre os que defendem e os que criticam o aplicativo, existem muitos argumentos e posicionamentos. Não é o caso de estabelecer aqui um embate entre

as diferentes opiniões. A expectativa foi a de explorar esse tipo de tecnologia de maneira adequada aos propósitos da pesquisa, ao entender que o WhatsApp pode servir como instrumento efetivo para a coleta, considerando recursos de texto, vídeo, mensagens de voz, *emojis* e *emoticons*, como dinamizadores de grupos de discussão e registros dos dados de campo.

3.5 Organização dos grupos de discussão e desenvolvimento das etapas de trabalho

O planejamento para a pesquisa considerou a composição de dois grupos de discussão, que teriam como espaço para a interação o aplicativo WhatsApp. De acordo com os pressupostos considerados para o estudo, estudantes e professores da segunda série do Ensino Médio Integral Vespertino, do Colégio dos Jesuítas, foram delineados para a composição dos dois grupos de discussão. Os estudantes formaram um dos grupos e os professores integraram outro, configurando, assim, dois ambientes distintos e propícios para a geração e o registro dos dados.

A definição do número de integrantes que participaram dos grupos, inicialmente, estava limitada a oito estudantes e quatro professores. No entanto, a proposta foi ampliada e o convite estendido a todos os docentes e discentes da única turma de segunda série do Ensino Médio Integral Vespertino: um total de quarenta estudantes e dezoito professores. Embora se tenha claro que o número excessivo de participantes pudesse comprometer a dinâmica das discussões, caso ocorresse uma adesão em massa, por outro lado, contar com uma maior diversificação de perfis, com integrantes mais engajados e dispostos a colaborar poderia ser um ganho no que se refere à quantidade e, principalmente, à qualidade dos dados gerados.

Diante de um cenário ainda imprevisível, após a anuência da equipe diretiva do Colégio dos Jesuítas⁶ autorizando o estudo, a pesquisa foi formalmente apresentada ao grupo e o convite efetivado pelo pesquisador. Aos interessados, após dois dias de discernimento, foram distribuídos o termo de consentimento livre e esclarecido⁷ para que o documento pudesse ser apreciado e preenchido. No caso dos estudantes, o

⁶ O modelo destinado aos diretores consta no Apêndice D.

⁷ O modelo destinado aos professores consta no Apêndice E.

termo⁸ foi enviado também aos responsáveis, para posterior devolução ao pesquisador com as respectivas assinaturas.

A devolutiva encaminhada pelos interessados apontou um total de 13 estudantes e de 14 professores. O passo seguinte foi o de listar os números dos telefones dos participantes, criar os dois grupos de discussão no WhatsApp e inserir cada integrante em seu grupo específico. O grupo de discussão no qual participariam os professores foi criado no WhatsApp no dia 16/10/2019, às 08:28 e o grupo com os estudantes foi criado no mesmo dia, às 10:01.

As discussões nos grupos, por sua vez, iniciaram no dia 21/10/2019, uma segunda-feira, e ocorreram ao longo de toda a semana até o dia 25/10/2019. Portanto, os participantes tiveram cinco dias para interagir, conforme a organização da sua rotina diária. No próximo capítulo, os resultados dessa interação serão socializados a partir de ênfases temáticas.

Apresentadas até aqui as principais diretrizes que orientaram o estudo, torna-se fundamental concluir, com base em todo o apanhado teórico, que a intenção é cruzar os dados gerados pela pesquisa, de modo a alinhar as expectativas entre o que o PEC propõe e o modo como as TD são, de fato, mobilizadas por professores e por estudantes na escola. Com isso, espera-se que os resultados apresentem uma satisfatória análise do contexto, ao servirem de insumo para que ações pedagógicas e administrativas tomadas na escola estejam alinhadas em benefício de uma melhor aprendizagem.

⁸ O modelo destinado aos estudantes consta no Apêndice F.

4 TECNOLOGIAS DIGITAIS NA ESCOLA: DO CRUZAMENTO DE OLHARES

A realização dos grupos de discussão no WhatsApp com os estudantes e com os professores da segunda série do EMIV do Colégio dos Jesuítas permitiu a geração de dados empíricos relevantes para a pesquisa. Logo após o término das discussões, os dados puderam ser acessados no aplicativo, transferidos e salvos no computador. Considerando a proposta do estudo em analisar de que modo a sala de aula, hoje, tem se apropriado da cultura digital sem estabelecer uma dicotomia com o analógico, os dados coletados no campo, por meio da interação entre os participantes nos grupos de discussão, evidenciaram questões que auxiliaram na elaboração das seções que seguem, organizadas em articulação ao referencial teórico da investigação.

A análise das interações permitiu delinear três ênfases temáticas, que pareceram prevalecer tanto no grupo de estudantes como no grupo dos professores, a saber: (i) centralidade do conteúdo e das avaliações externas; (ii) formação docente e escolhas metodológicas; e (iii) tradição e inovação pedagógica. O primeiro e o segundo pontos foram amplamente tencionados pelos participantes, estando alinhados à questão inicial e figurando como causa ou como consequência que, de alguma maneira, impactam na mobilização das tecnologias digitais em sala de aula. O terceiro, por sua vez, está diretamente relacionado aos objetivos da pesquisa e reforça a inquietação inicial do pesquisador quanto problema elaborado para estudo.

Assim, estabelecidos estes três marcos, ou três ênfases, que organizarão a análise dos dados, espera-se que as problematizações deles suscitadas colaborem para futuras discussões sobre o tema, tanto no âmbito do Colégio dos Jesuítas e nas outras unidades da Rede, como também em outras instituições educativas. Trata-se de um tema de interesse de gestores, professores e estudantes, além, é claro, de pesquisadores que se debruçam sobre os efeitos da cultura digital nas escolas.

4.1 Centralidade do conteúdo e avaliações externas

O Projeto Político-Pedagógico de uma instituição de ensino é o seu retrato ou, ao menos, deveria ser. Ali estão as âncoras nas quais estão fixados objetivos e orientações que norteiam os processos de ensino e de aprendizagem naquela escola.

Dele deriva a matriz curricular, com seus tempos e espaços destinados para o ensino e a aprendizagem, assim como os conteúdos que cada disciplina deve tratar durante o curso de uma determinada série ou ano. Sobre o currículo, especificamente, o PEC escreve em seu parágrafo 39 (2016, p. 47):

A Matriz Curricular espelha a organização das diversas áreas do conhecimento, os componentes curriculares e a carga horária dedicada a cada um deles. Como parte do projeto político-pedagógico das escolas, ela sinaliza o percurso da aprendizagem e do desenvolvimento dos estudantes e orienta os professores na busca de novas abordagens e metodologias. De acordo com a LDBEN, a matriz curricular está organizada em duas partes: base comum e parte diversificada. Na base comum, parte obrigatória com especificações claras nos documentos oficiais que norteiam a educação escolar formal, as orientações apontam para a necessidade de integrar, cada vez mais, os conteúdos dos diferentes campos disciplinares de forma interdisciplinar e transversal. Nas escolas da RJE, assumimos como meta para os próximos quatro anos essa tarefa, entendendo que a fragmentação existente hoje nas matrizes das escolas ajuda pouco na aprendizagem significativa. Além da base comum, está a parte diversificada, que revela a identidade da instituição e considera o contexto em que se insere cada unidade educativa. A construção da matriz curricular garantirá a integração das duas partes (base comum e parte diversificada), refletindo a realidade da escola em atenção à cultura local e à identidade da proposta pedagógica jesuítica.

O documento faz referência às disciplinas que estão elencadas na base comum e as que compõem a parte diversificada do currículo. Ali ele menciona a questão dos conteúdos que necessitam ser trabalhados pelas disciplinas e a forma como isso deve ocorrer, destacando a interdisciplinaridade e a transversalidade como caminhos a serem seguidos. Sem dúvida, trata-se de uma questão na qual a escola contemporânea ainda precisa avançar bastante, uma vez que integrando os conteúdos, de modo interdisciplinar e transversal, é possível não apenas atuar em prol de um pensamento complexo, mas, também, de uma não sobrecarga de conteúdos, recorrentemente mencionada por estudantes e professores.

ESTUDANTES⁹

⁹ Em relação aos registros efetuados no grupo de discussão dos estudantes, o pesquisador não realizou qualquer correção linguística.

Kosi¹⁰ - *A quantidade de exercícios que eu não consigo fazer, por serem muitos, é gigantesca. E daí como os professores também não têm muito tempo para ficar “insistindo” nos mesmos exercícios, vai ficando tudo para trás. [...] eu acho química também uma matéria muito chata em relação a detalhes e quantidade de conteúdo.*

Emenike - *[...] com isso eu tento fazer muitos exercícios e tals para tentar fixar melhor a matéria e com isso acabo esquecendo as outras matérias, que apesar de eu ter mais facilidade, precisa também de um certo tempo de dedicação. [...] as vezes tem muitos exercícios de uma matéria e com isso não dá tempo de fazer os das outras matérias, e com isso acaba acumulando exercícios e a gente fica com caderno incompleto.*

PROFESSORES¹¹

Ifemelu – *[...] esbarramos em conteúdos extensos a serem cumpridos, em prazos estabelecidos, enfim, um panorama q, infelizmente, vai de encontro a essa proposta inovadora.*

Ginika – *[...] porém, nos deparamos com um conteúdo extenso a ser ministrado, o que nos deixa engessados para usufruir de novas tecnologias.*

Blaine – *E concordando também com os outros colegas: conteúdo extenso a ser cumprido [...]*

Em relação a esses registros, é importante perceber que a grande quantidade de conteúdos a serem trabalhados pelos docentes, de maneira a apresentá-los aos estudantes, está diretamente relacionada a alguns programas de ingresso que orientam a preparação e o planejamento da escola, a fim de que seus alunos tenham êxito no acesso ao Ensino Superior. No caso da cidade de Juiz de Fora, para os estudantes da segunda série, de forma mais enfática, destaca-se o PISM. O ENEM, para o qual muitos já exercem algum tipo de preparação e prestam o exame como *trainee* na segunda série, também orienta parte do planejamento da escola.

Considerando a influência que Juiz de Fora exerce nas cidades situadas na Zona da Mata mineira, especialmente no setor terciário da economia, a prestação de serviços na área da educação possui grande relevância. As escolas particulares são referência para muitas famílias que pretendem investir esforços, visando a uma boa

¹⁰ Os nomes dos pesquisados foram substituídos para que o anonimato dos participantes siga preservado. A inspiração surgiu do romance AMERICANAH, publicado em 2014, da autora Chimamanda Ngozi Adichie.

¹¹ Em relação aos registros efetuados no grupo de discussão dos professores, o pesquisador não realizou qualquer correção linguística.

formação acadêmica para seus filhos, com destaque para a aprovação em algum vestibular, preferencialmente em uma instituição pública de Ensino Superior.

Nesse sentido, o referencial costuma ser, na maioria das vezes, a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). O programa PISM é uma modalidade de acesso seriado ao Ensino Superior oferecido pela instituição, sendo responsável pela disponibilização de cinquenta por cento das vagas dos cursos ofertados; as vagas restantes são oferecidas pelo ENEM.

Cabe aqui, resumidamente, um esclarecimento relativo ao PISM e seu impacto direto na segunda série. A proposta é que, ao final de cada série do Ensino Médio, o estudante interessado participe de dois dias de provas e acumule pontos. Assim, ao concluir o Ensino Médio, ele poderá concorrer a uma vaga no curso do seu interesse, de acordo com o total que foi acumulado. Considerando o estudo em pauta e o público de docentes e discentes pesquisados, cabe sublinhar o impacto provocado na matriz curricular e na eleição dos conteúdos elencados para o trabalho na série, ao se considerar que a etapa dois do PISM, ou PISM II, concentra trinta por cento da pontuação total, possível de ser atingida nas três etapas do exame.

Reconhecendo esta como uma realidade comum às escolas da cidade, especialmente as particulares, é importante comentar que as famílias criam grandes expectativas, vinculando a excelência acadêmica dos colégios, entre outros aspectos, às aprovações ou aos resultados obtidos no vestibular, especialmente no PISM. Isso reforça a necessidade de que todo o conteúdo programático divulgado pela Universidade seja cumprido nas escolas. Este contexto pode ser observado nas falas a seguir.

ESTUDANTES

Ranyinudo - *A matéria de química é realmente extensa e tem muita coisa pra decorar...[...] tenho dificuldade em física também, pelo grande número de fórmulas.*

Marie - *Eu também concordo, por serem muitos exercícios com uma variedade grande de conteúdos ...*

Buchi - *E infelizmente n tem como eu conversar com os professores pq o tempo é curto e eles precisam dar a matéria.*

PROFESSORES

Uju – [...] eu tenho uma aula em cada turma, complica mais.

Derridasafista – [...] no ensino médio, temos um programa extenso de vestibular a ser cumprido o que muitas vezes nos engessa bastante. [...] outro ponto: conforme foi falado por outros colegas, a falta de tempo para a utilização mais ampla das tecnologias em sala de aula é um obstáculo a ser superado.

Obinze – [...] em se tratando de programa PISM para ser cumprido em pouco tempo de aulas – ainda mais agora com a antecipação das provas do mesmo para o mês de novembro. [...] como já mencionei, o PISM “embota” o conteúdo e a necessidade de cumprir um programa por vezes extenso.

Identifica-se aí um território pantanoso sobre o qual o Colégio dos Jesuítas necessita estabelecer sua caminhada, ano após ano, adaptando um currículo que garanta a formação humana e cristã, caracterizada por uma pedagogia alicerçada em valores, sem deixar de evidenciar a excelência acadêmica, que deverá servir como ponte para interligar o Ensino Médio ao Ensino Superior.

A fala dos pesquisados, porém, indica que o cumprimento do programa previsto para o curso sobrecarrega a rotina da segunda série. Tal fato contribui para que professores e alunos dediquem a maior parte de seus esforços ao trabalho direto com os conteúdos específicos, na maioria das vezes de forma tradicional. Com isso, acaba-se por se subutilizar potencialidades inerentes ao espaço escolar, a exemplo da discussão de temáticas contemporâneas e da realização de trabalhos interdisciplinares, tal como propõe o PEC. O mesmo se modo dizer em relação à opção por metodologias inovadoras e à exploração de recursos digitais para o desenvolvimento das aulas.

Saviani (2009, p. 64), em sua proposta de educação revolucionária, enfatiza sua preocupação com a apresentação dos conteúdos, que devem colaborar com a valorização do processo educativo, sendo capazes de municiar os estudantes com o conhecimento clássico relevante e necessário para a superação de sua própria condição social.

Trata-se de apropriar-se dos instrumentos teóricos e práticos necessários ao equacionamento dos problemas detectados na prática social. Como tais instrumentos são produzidos socialmente e preservados historicamente, a sua apropriação pelos alunos está na dependência de sua transmissão direta ou indireta por parte do professor.

É imperativo reconhecer que a apresentação dos diferentes conteúdos correspondentes a cada disciplina é fundamental para a formação acadêmica e cidadã dos estudantes. No entanto, o sentimento evidenciado pelos grupos pesquisados traz à tona outra percepção, notada, por exemplo nas falas dos estudantes Emeka e Buchi e nos posicionamentos registrados pelas professoras Uju e Ifemelu.

ESTUDANTES

Emeka - [...] *na construção da educação, os talentos artísticos por exemplo, muitas vezes são ignorados mas compreendo que isso ocorre devido a exigências dos concursos e reconheço o espaço que, a arte por exemplo, tem em nosso colégio.*

Buchi - *Na minha opinião uma escola deve investir em conteúdos como artes, música, teatro etc, pois não adianta nada dar conteúdos maçantes se os alunos estão cansados e ã estão entendendo.*

PROFESSORES

Uju - [...] *é um projeto ou dois por ano, porque o tempo entre o planejamento, desenvolvimento e avaliação deve "caber" no planejamento da série, etc.*

Ifemelu - *Vejo q nosso público anseia por essas mudanças, contudo, ainda ficamos atrelados a práticas retrógadas, uma vez que o sistema ainda não nos permite, digo, favorece, caminhar livremente [...]*

As falas parecem soar como uma espécie de desabafo. Percebe-se, ainda, um certo alinhamento entre o sentimento expresso por estudantes e professores, ao sinalizarem que o trabalho com determinados conteúdos e a conclusão do programa previsto, para ser efetivada de acordo com o planejamento e preparar o estudante para o vestibular, dificultam que outras disciplinas ocupem maior espaço na grade curricular. Do mesmo modo, o suposto excesso de conteúdo parece se converter, igualmente, como dificultador para que novas metodologias de ensino sejam mobilizadas, a exemplo do próprio uso de recursos digitais.

Cabe lembrar que a turma pesquisada estuda em tempo integral e, portanto, possuiu um turno de sete horas e vinte minutos. Nesse sentido, além da formação acadêmica de excelência, cabe questionar o quanto Colégio dos Jesuítas consegue colocar em prática sua proposta pedagógica, que prevê a formação de verdadeiros cidadãos, preparados para viver e conviver no mundo de hoje.

Thiesen (2018, p. 153), faz referência a um aspecto importante, que muito contribui com a análise realizada, especialmente no que tange às mudanças no currículo e ao necessário exame em relação aos benefícios almejados.

[...] há uma concentração de esforços, nitidamente voltados para reconfiguração, reestruturação e redesenho dos currículos. Esse movimento representa a tentativa de dar ao EM [Ensino Médio] esse caráter da integração entre a formação básica, a formação no sentido mais acadêmico, na continuação dos estudos e na formação profissional.

Tal como aponta o autor, o currículo e seus conteúdos possuem papel importante e emancipatório na vida dos estudantes e no desenvolvimento da própria sociedade. Mas será que esse único olhar, com base apenas na indicação de conteúdos que deverão ser ensinados para um exame, por parte da Universidade, que não considera outros aspectos da formação, auxilia o trabalho da escola quanto ao desenvolvimento pleno da pessoa? O bom aluno da escola e o futuro profissional que a Universidade pretende formar é aquele que possui apenas o domínio dos conceitos e sabe aplicá-los quase que mecanicamente? As falas de Dorn *et al.* (2017, p.14), contribuem com a análise.

Os testes padronizados têm suas deficiências. Por exemplo, não podem medir importantes habilidades pessoais, comportamentais e resultados não acadêmicos. Além disso, são suscetíveis a táticas de ensino que visam burlar o sistema e são voltados exclusivamente a um tipo específico de exame.

Sobre isso, destaca-se a afirmação do professor Blaine, que soa como uma crítica ao processo de formação dos estudantes.

Blaine - *Métodos avaliativos engessados na escola e avaliações externas conteudistas acabam tornando o processo de memorização mais importante do que a criticidade pretendida!*

De alguma maneira, o estudante Emeka, amplia a crítica, no intuito de pensar em outras alternativas que pudessem colaborar com as formas de ingresso existentes, muito embora o próprio estudante considere essa possibilidade remota. Ele registrou:

Emeka - *[...] reconheço que isso iria requerer uma mudança no sistema de ensino e concursos, por isso acredito ser algo distante...*

Adaptar a forma de ingresso e considerar outras habilidades e competências, além do domínio do conteúdo, parece ser uma via. De certa forma, as falas dos estudantes e professores estão permeadas por uma retórica que aponta para o reducionismo limitante inerente à rotina da escola, ao seu *modos operandis*, na qual são priorizados, notadamente, o trabalho e a avaliação dos conteúdos cobrados pelos vestibulares. Em alguma medida, uma apreciação semelhante é feita por Silva (2015, p. 369), ao referir a Teoria da Semicultura, de Adorno.

Ressaltamos a crítica de T. W. Adorno, especialmente a formulada em *Teoria da Semicultura* sobre a educação que se limita a formar para a resolução de tarefas cotidianas e impõe à formação um caráter pragmático. O autor assevera que, nessa condição, a educação se volta para atender prioritariamente, quando não exclusivamente, às necessidades do trabalho, da indústria, do mercado, e impõe ênfase à instrumentalização que conduz à adaptação dos indivíduos ao que chama de 'sociedade administrada'.

Neste caso, o pragmatismo se refere aos processos seletivos para ingresso na universidade e, indiretamente, às necessidades do mercado de trabalho. Sabemos, contudo, que pensar na promoção de mudanças acarreta riscos.

As falas dos participantes apontam para uma rotina escolar permeada pela temporalidade imposta pelos prazos, pelo acúmulo de conteúdos, pelas cobranças sociais por resultados e, como não podia deixar de ser, pela ausência de sentido decorrente destas sobreposições. Como metáfora, poderíamos pensar no ato de engolir o alimento apenas para suprir necessidades fisiológicas, sem atentar para o seu cheiro, para o paladar da comida com o sabor do tempero; ou seja, sem desfrutá-lo.

Quando discorre sobre o prazer da experiência, Bondía (2002) comenta que os aparatos educacionais, ao sofrerem a pressão imposta pela sociedade atual, sedenta pelo acúmulo de informações em um curto espaço de tempo, acabam por limitar as possibilidades de professores e estudantes estarem sensíveis àquilo que vivenciam. Segundo o autor (*Ibidem*, p. 25):

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos

detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Entre os objetivos traçados para este estudo, está a necessidade de se compreender de que maneira os alunos percebem a presença das Tecnologias Digitais em seu processo de aprendizagem e como os docentes as mobilizam no trabalho desenvolvido na segunda série do EMIV. Nas falas selecionadas para esta seção, conforme já destacado, é possível perceber a preponderância da lógica do vestibular, no que diz respeito às escolhas dos professores para o trabalho em sala de aula. Essas escolhas, por sua vez, além de privilegiar o ensino e a avaliação de conteúdos, igualmente parecem estar circunscritas ao uso ferramental das tecnologias que, embora valorizado pelos estudantes, é insuficiente quando se tem como propósito a inovação de processos educacionais.

PROFESSORES

Blaine - *Tento buscar a atenção deles com o dinamismo tecnológico não esquecendo da Teoria “crua” que tem que ser aplicada nas avaliações externas.*

Mervin - *O uso das inovações esbarra nas exigências curriculares conteudistas das avaliações externas que temos que atender, o grande desafio está em como utilizar a tecnologia para ajudar no andamento dos conteúdos.*

ESTUDANTES

Christiana - *As aulas com slides adiantam muito a matéria pq se o professor tivesse que passar no quadro todo o conteúdo que é visto nos slides a gente ia levar muito mais tempo.*

Chioma - *Também não me lembro dela ter usado para outra coisa, então seria legal se os professores tivessem instruções de como inovar a metodologia porque nem todos conseguem. Para nós que já nascemos inseridos em uma sociedade com tecnologia, aprender usando-a torna tudo mais fácil.*

Na fala do professor Mervin, por exemplo, fica expressa a relação instrumental da tecnologia em benefício do trabalho com os conteúdos. Da mesma forma, o professor Blaine enfatiza a importância de “não esquecer a teoria crua”, como se o

“dinamismo tecnológico” fosse algo antagônico a essa “teoria”. Nesse sentido, vale questionar: quando utilizadas para além de seu uso ferramental, as TD não seriam uma alternativa para que tivéssemos experiências de aprendizagem mais significativas e com maior produção de sentido para os estudantes? Ou, ainda: elas não poderiam, na medida em que associadas a metodologias disruptivas, a exemplo da sala de aula invertida, otimizar o tempo de sala de aula, possibilitando a inserção de outras temáticas, não cobradas pelos programas do vestibular, mas igualmente importantes quando se tem em vista a formação integral?

É neste contexto que o investimento em formação continuada se torna um imperativo. Porém, não se trata de qualquer formação. Segundo Schlemmer (2019, p. 136), nestas oportunidades, é fundamental que os professores experienciem espaços/ambientes/situações de aprendizagem em que tenham protagonismo, criando e inventando com as TD e a partir delas. Isso oportunizaria aos docentes:

[...] *migrar* de uma concepção de “uso de TD na educação” – portanto enquanto usuários de algo externo a eles (evidenciada pela transposição e metodologias e práticas presentes no meio analógico para o meio digital) – para uma concepção de “apropriação de TD na educação para criar, inventar”, o que implica a atribuição de sentido às TD – significando, portanto, algo interno (oportunizada ao vivenciarem as TD em seu próprio processo de aprendizagem). (SCHLEMMER, 2019, p. 136, grifos da autora).

A fala da estudante Chioma corrobora a afirmação da autora, ressaltando o quanto seria significativo se os professores inovassem metodologicamente mediante, entre outros aspectos, a mobilização de tecnologias. Do mesmo modo, ela sublinha a reflexão de Schlemmer, ao afirmar que “aprender usando-a [tecnologia] torna tudo mais fácil”. Ora, trata-se aqui de uma relação direta entre formação docente e escolhas metodológicas, cujo aprofundamento ocorrerá na seção seguinte.

4.2 Formação docente e escolhas metodológicas

A percepção de que a sociedade caminha em um ritmo acelerado e de que isso, em grande parte, pode ser associado ao avanço das TD, deve estar acompanhada de uma tomada de consciência por parte da escola, que não está alheia a esse processo. Diante disso, é importante reconhecer que novas práticas de ensino necessitam ser pensadas para a interação entre professores e alunos na sala de aula.

Inseridos em um contexto de constante mudanças, docentes e discentes precisam colocar à prova uma série de habilidades que os permitem acessar e processar conteúdos e informações de maneira quase ininterrupta e compartilhá-los em grupos de interesse. A sensação é de que a escola e todos seus atores estão diante de um oceano vasto em suas possibilidades de comunicação e acesso, mas que ao mesmo tempo se mostra raso em sua profundidade, pois, em muitos casos, não se sabe exatamente como explorar todo o seu potencial.

Neste cenário, ao contrário do que muitos dizem, o trabalho docente ganha ainda mais importância. É do professor a responsabilidade de conduzir o ensino, de modo a garantir que os objetivos sejam atingidos e a aprendizagem aconteça. No entanto, essa realidade exige um movimento de qualificação na perspectiva de uma formação que seja continuada: uma responsabilidade que precisa ser assumida pela escola e pelo próprio educador, a fim de que ambos atuem de forma mais eficiente no trabalho com os jovens.

Durante as interações dos estudantes, evidenciou-se o sentimento de que eles dependem da condução do professor, de que sozinhos ficam perdidos diante de tantas possibilidades de acesso a conteúdos e informações e mesmo de troca de experiências, ainda que façam parte da geração nativa no contexto digital.

ESTUDANTES

Kosi - *Gente, agora uma coisa que me atrapalha e ajuda ao mesmo tempo é o celular. Acho que se eu não tivesse celular eu ia estudar bem mais, porque ia me distrair menos, entretanto, ele me ajuda, porque a quantidade de vídeo aula, acesso a resumos, a grupo de estudos é muito grande. Se eu não tivesse, não veria, por exemplo, os resumos que o pessoal da nossa sala manda, ou as explicações que eles dão no grupo da sala.*

Nneoma - *Concordo que o celular atrapalha e ajuda ao mesmo tempo.*

Ojo - *Realmente, a internet tem essa coisa de só entreter a gente mais e mais.*

Chioma - *Eu me distraio muito com o celular, as vezes começo a estudar com foco e paro para dar uma olhadinha no celular e quando vou ver já se passaram horas e acabo não voltando a estudar.*

A fala dos professores, por sua vez, ratifica o que os próprios estudantes reconhecem. A questão destacada pelos docentes, porém, não faz menção à falta de competência dos jovens para operar equipamentos, acessar conteúdos e redes

sociais, especialmente quando o meio é o smartphone. Os apontamentos aludem a uma certa imaturidade e dificuldade de discernimento, por parte dessa geração, quanto ao melhor uso dos recursos disponibilizados pelos diversos aplicativos e pela internet quando associados ao seu processo formativo.

PROFESSORES

Ifemelu – [...] e ainda temos o nosso maior desafio: o uso do celular de forma consciente. Não podemos deixar de ressaltar o quanto temos q
““vigia-los””.

Derridasafista - *Percebo que a informação na palma da mão tem tido um efeito contrário ao que desejamos. No caso da minha disciplina, na primeira tentativa de erro o aluno já pesquisa a resolução na internet e a copia. Nós temos a ideia de que os alunos dominam todos os recursos que a tecnologia oferece e isso é um engano. Eles dominam, na maioria das vezes, recursos de redes sociais. Não sabem formatar um texto, desconhecem uso de planilhas, não sabem enviar e-mail. Lidamos com uma geração digital que precisa ser educada nos meios digitais. O mau uso de celulares e outros tem trazido muitos malefícios.*

Mariama - *Leandro Carnal (não sei se a frase é dele) fala em algumas de suas palestras que os nós vivemos em um mundo inundado de informações e os jovens estão se afogando. [...] Percebo isso quando peço pra fazer o banner de feira de ciências, por exemplo... Sabem tudo mas não sabem pesquisar de verdade sobre o assunto... Escrevem (ou copiam) do primeiro site que aparece na busca.*

A percepção dos professores, embora respaldada pela fala dos próprios jovens pesquisados, parece atribuir uma certa culpa a essa geração, ao indicar limitações e tendências de comportamento quando os estudantes utilizam seus equipamentos e acessam a internet para finalidades relacionadas ao estudo. Mas será que podemos realmente responsabilizá-los por isso? Afinal, quem deve propor e orientar as atividades?

Entretanto, ao se buscar responder aos questionamentos acima, é preciso cuidar para que o próprio professor tampouco seja acusado de incompetente ou omissor, especialmente no que diz respeito à sua função de orientar. Muito embora esse papel seja do docente, será que ele está devidamente qualificado para essa ação, considerando as características de suas turmas hoje? A escola promoveu ou promove, regularmente, ações de formação continuada, capazes de auxiliar o professor a trabalhar com essa geração? Ou, ainda, formações voltadas à

compreensão sobre o uso e as funcionalidades de novos equipamentos adquiridos, de maneira a destacar as potencialidades dos recursos digitais à disposição do professor?

No caso específico dos Colégios da Companhia de Jesus, a formação permanente dos educadores é uma prática consagrada. Cada unidade educativa, no entanto, possui autonomia suficiente para traçar suas metas e definir seu planejamento no tocante às questões que lhe são mais caras ou urgentes, considerando o contexto no qual a obra está inserida.

O PEC (2016, p. 67), ao tratar sobre a formação para a missão, aponta que:

O processo de indução dos profissionais (docentes não docentes naquilo que é específico do modo de ser institucional é de responsabilidade da instituição. Os programas de indução e os que deles decorram como aprofundamento constituem-se em processos formativos baseados na identidade inaciana e jesuíta e explicitam os principais aspectos da identidade institucional, suas raízes fundacionais, aquilo que se espera da missão apostólica da Companhia e, em especial, da missão educativa, com vistas ao crescimento e amadurecimento pessoal e ao fortalecimento daquelas qualidades que impactam positivamente o desempenho profissional. Favorecem, ainda, o desenvolvimento da capacidade de ler a realidade de maneira crítica, à luz da visão cristã e inaciana de mundo, contemplando a valorização e a formação para a justiça social e a sustentabilidade.

Entretanto, embora as falas dos estudantes reconheçam que a escola possui bons recursos tecnológicos, permitindo um amplo acesso ao mundo digital, elas também sugerem que há uma certa limitação no que se refere à qualificação do corpo docente para a utilização desses recursos.

ESTUDANTES

Marie - *Eu só acho que seria bom se os professores soubessem usar melhor o quadro interativo.*

Buchi - *Na minha opinião o colégio realmente está bem avançado nas tecnologias, mas está atrasado em métodos de ensino. Do que adianta ter um quadro interativo se o professor não sabe como dar aula?*

Adamma –[...] *eu não lembro de uma vez que a professora usou o quadro interativo sem ser pra correção de prova ou diversificada.*

Ojo - *O quadro interativo é realmente muito eficaz e ajuda muito nas aulas. Eu realmente não sei se houve um treinamento pros professores antes do*

uso dele, mas é visível que muitos têm dificuldade em utilizá-lo já que é uma metodologia bem recente. Acho que se os professores tivessem um treinamento quanto ao uso do quadro interativo, facilitaria muito pra que os recursos fossem utilizados ao máximo.

A formação permanente do educador é uma pauta recorrente nas discussões que pretendem adequar a escola ao novo tempo em que vivemos. “No campo da Educação, particularmente, sobretudo a partir dos anos 90, dedica-se especial atenção aos estudos sobre formação docente, em razão, entre outros aspectos, do próprio descrédito em relação à escola e ao trabalho do professor” (DALLA ZEN, 2017, p.18). Tal panorama aponta para a necessidade de uma reinvenção quase que constante da instituição educativa e do próprio trabalho docente.

A crescente exigência social reforça o mito de que a escola seria a única responsável pela educação do aluno, assumindo, inclusive, o papel da própria família e de outros segmentos da sociedade. Essa constatação acaba por criar uma grande expectativa em relação à formação e à atuação do professor. Todavia, por vezes de maneira perversa, desconsidera-se a realidade de baixos salários e de grandes jornadas de trabalho diárias as quais se submetem muitos docentes.

Imbernón (2006, p. 69) sintetiza bem o processo de formação, ao apontar para as habilidades e competências que o educador deve desenvolver ou aprimorar, para que seja possível a transformação de sua prática pedagógica.

A formação permanente do professor deve ajudar a desenvolver um conhecimento profissional que lhe permita: avaliar a necessidade potencial e a qualidade da inovação educativa que deve ser introduzida constantemente nas instituições; desenvolver habilidades básicas no âmbito das estratégias de ensino em um contexto determinado, do planejamento, do diagnóstico e da avaliação; proporcionar as competências para ser capazes de modificar as tarefas educativas continuamente, em uma tentativa de adaptação à diversidade e ao contexto dos alunos; comprometer-se com o meio social.

A pesquisa revelou, igualmente, na fala dos professores, elementos que permitem identificar que a escola investiu em equipamentos, ampliou a disponibilidade e o acesso à internet, implementou plataformas digitais para a interação entre os professores e os estudantes, entre outros avanços de natureza similar. No entanto, de maneira alinhada ao que disseram os alunos, os docentes também reconhecem

que o processo de preparação para o uso efetivo das melhorias implementadas parece ter falhado em algum momento.

PROFESSORES

Halima - *As tecnologias avançam em velocidade aceleradíssima e nosso aprendizado para o trato com elas é muito mais lento, o que é natural. Mas a tendência é piorar, já que surgem novas tecnologias a cada dia. Como a educação acompanhará esse processo é uma das grandes pautas do ensino do século XXI. Só para estabelecer um paralelo, quando surgiram os computadores e as escolas públicas fizeram grande aquisição desses equipamentos, a polêmica sobre se investir em “coisas” sem dar formação para os professores foi grande.*

Derridasafista - *Nos últimos anos o colégio se modernizou em relação a aquisição de materiais como projetores, ampliação do laboratório de informática, melhorias do sistema acadêmico, Moodle, email institucional entre outros. Mas, infelizmente, não basta só adquirir e modernizar. A oportunidade de capacitação também deve ser realizada. Percebo que muitos profissionais não utilizam as ferramentas tecnológicas disponíveis por não terem tido a oportunidade de aprender a trabalhar com determinada tecnologia. Um exemplo é o quadro interativo que foi instalado em quase todas as salas de aula. Esse aparelho possui uma gama de possibilidades e recursos que não são explorados porque não sabemos exatamente como utilizá-lo. Tivemos apenas dois encontros de formação para a apresentação desse recurso, o que não foi suficiente. Primeiro, a pessoa designada a nos mostrar conhecia pouco ou quase nada do aparelho; e segundo, dois encontros para explorar uma ferramenta tecnológica com recursos tão amplos não abrangem muita coisa.*

Mervin - *paradoxalmente, ao mesmo tempo que inovações importantes foram instaladas, diminuíram os espaços de diálogos do professor. Com o fim da formação continuada os educadores não tem sido ouvidos no processo, o que, acredito, prejudica as soluções para os problemas.*

Mariama - *Usar o quadro interativo explorando seus recursos requer uma preparação prévia... Caso contrário podemos ficar "refém" da tecnologia e a aula que deveria fluir, demora até para começar pq o arquivo não tá abrindo, ou porque a caneta não funciona ou porque o que foi treinado para se executar não está funcionando.*

Aisha - *Precisamos estar em constante evolução, acompanhando os avanços da tecnologia e esses avanços na educação... os perfis dos alunos nos dias atuais são diferentes de tempos atrás, na época em que tínhamos só quadro e giz, é isso impacta diretamente na nossa formação como professores(as). Vide o moodle que também possui uma infinidade de possibilidades e não temos o conhecimento e nem a prática para poder explorar todos os recursos que ele oferece.*

Não é o caso, obviamente, de afirmar que a escola abandonou o processo de formação permanente dos professores. Na carga horária semanal de trabalho de cada um, está contemplado um tempo remunerado de uma hora e quarenta minutos, em determinado dia da semana, para encontros destinados à formação docente. No entanto, dada às implicações que envolvem a estruturação e a implementação de uma nova proposta administrativa e pedagógica para a Rede, esses momentos acabaram sendo utilizados mais para a realização de reuniões informativas do que efetivamente para a qualificação do trabalho pedagógico na instituição.

É importante esclarecer que a análise realizada nesta seção pretende compreender de que forma os professores mobilizam as atualizações tecnológicas implementadas pelo Colégio, no âmbito do ensino, e como os estudantes as percebem em seu processo de aprendizagem. A intenção não é, pois, a de apontar supostos culpados, mas, sim, compreender como este processo transcorreu nos últimos anos, a partir do movimento de renovação que o Colégio iniciou, de maneira mais intensa, a partir ano de 2015. O registro realizado pela professora Halima, por sua vez, parece resumir bem este momento.

PROFESSORA

Halima - *O Colégio dos Jesuítas não foi pioneiro na exploração das novas tecnologias nem foi ágil nesse processo. Durante muito tempo, parecia haver alguma resistência a novas metodologias que explorassem o campo digital ou aos recursos recentes de comunicação. Por exemplo, contávamos com apenas dois “carrinhos” de aparelho datashow no terceiro andar. Os professores precisavam fazer uma reserva prévia para utilizar essa tecnologia e se dividiam na sua disponibilidade. Além disso, não havia internet em salas de aula e qualquer planejamento mais audacioso exigia que tudo fosse “baixado” previamente em um pendrive. Como era bem moroso, muitos educadores evitavam esses processos e optavam pelo excessivo uso do quadro. Nos últimos anos, porém, assistimos a uma renovação acelerada da escola nesse aspecto, justamente no momento em que a tecnologia já não é uma ferramenta auxiliar, mas algo fundamental para qualquer educador. Com datashow em todas as salas, internet liberada e aparelhagem de som adequada, foi possível dinamizar as aulas e, claro, agilizar o trabalho do professor. Atualmente, é rara uma aula completamente expositiva, que não lance mão de imagem projetada ou de qualquer outro intertexto do meio digital. Como a geração atual, diferente dos professores, é nativa digital, a tecnologia aliada ao conhecimento permite a construção de uma linguagem educacional mais adequada, capaz de despertar interesse renovado e fornecer o dinamismo que essa geração exige, no contexto da multiculturalidade em que estamos todos inseridos.*

Nesse sentido, é necessário remeter à memória deste passado recente e reconhecer que o Colégio passou por grandes mudanças em sua equipe de gestão e por um significativo movimento de renovação interna, o que impactou diretamente em seus processos administrativos e pedagógicos. Esse impacto ainda é sentido e exige bastante da comunidade educativa para a assimilação e a implementação do novo paradigma.

As análises desencadeadas a partir das falas registradas, igualmente, possibilitam afirmar que houve uma importante correção na caminhada do Colégio nos últimos anos. No campo pedagógico, as ações qualificaram a estrutura e os recursos, de modo a garantir que a instituição pudesse estar melhor preparada para participar deste novo tempo. No entanto, reconhece-se que a formação de professores, assim como de toda a equipe atuante no setor acadêmico, precisa ser revisitada, de modo a garantir que o investimento realizado em equipamentos, internet e plataformas digitais, por exemplo, possa, de fato, favorecer a implementação de novas metodologias de ensino, baseadas em propostas que considerem o hibridismo e a multimodalidade como dimensões que potencializam os processos de ensino e aprendizagem.

4.3 Tradição e inovação pedagógica

As tradições e as inovações são parte da história da humanidade. Segundo as diferentes culturas, muito embora existam interpretações, ações e reações comuns aos humanos, as diferentes sociedades possuem sua forma de ler a realidade a partir das experiências vividas pelo seu grupo social. Em um processo de aprendizagem que é constante, a humanidade cria novas possibilidades e recursos a partir daquilo que já foi experimentado e sistematizado ao longo do tempo.

O pensamento inovador, por sua vez, comumente é apresentado como um antídoto ao pensamento tradicional. Especialmente na era digital em que vivemos, na qual a velocidade e a volatilidade das informações parecem mudar tudo a todo o tempo, novas formas de compreender e de atuar no mundo parecem subjugar o que antes se fazia, dando a impressão de que a tradição ou o que é tradicional estão atrelados a algo obsoleto, ultrapassado.

Por outro lado, sublinhando a premissa de que os dois conceitos são frequentemente colocados em conflito, observa-se que a tradição também é usada como justificativa para impedir ou desestimular propostas que sinalizam para a necessidade de mudanças. Especialmente quando um processo é consolidado e entrega bons resultados, o paradigma tradicional parece sobrepor-se ao inovador, conferindo um “ar de eternidade” a um determinado modo ser e de agir em sociedade.

Assim, em uma análise menos atenta, essas duas dimensões parecem, de fato, estar em paradoxo. No entanto, nesta seção, o que as falas de estudantes e professores suscitaram foi a aproximação entre as ideias de inovação e tradição, que apareceram como complementares nas interações presentes nos grupos de discussão. Esta perspectiva é interessante, ao se entender que uma determinada tradição, em certo momento do passado, já tenha se constituído como inovação.

O dicionário Michaelis online atribui oito referências à palavra tradição, apresentando-a como um substantivo feminino. Todas elas indicam um rito de passagem, de transmissão de valores, uma espécie de legado que é dado aos sucessores. O terceiro conceito, que sintetiza bem os demais, diz que uma tradição integra “um conjunto de ideias e valores culturais, morais e espirituais transmitido de geração em geração”. Certamente, a presunção de continuidade está implícita no conceito, justamente, por se tratar de algo valoroso, que merece e/ou necessita ser transmitido aos demais por questões que envolvem até mesmo a sobrevivência de um grupo humano. Grazziotin e Klaus (2016, p. 1487), por sua vez, entendem “a tradição como algo que não é estático nem imóvel e que, portanto, pode avançar e inovar”.

A partir do olhar das autoras, a prerrogativa de aproximar os conceitos de tradição e inovação adquire ainda mais sentido. Segundo o mesmo dicionário, a palavra inovação é definida como um substantivo feminino, explicado mediante três referências que buscam explicitar seu significado. Algo comum a todas elas é a palavra “nova”. Faz-se menção, por exemplo, a “tudo que é novidade; coisa nova”. De acordo com Terwiesch e Ulrich (2009 *apud* MORGADO, 2011, p. 227), em uma abordagem mais abrangente sobre inovação, a noção é definida como “um novo encontro entre uma necessidade e uma solução”.

Após esta breve abordagem dos conceitos que norteiam esta seção, é importante levar em conta que, no campo educacional, as metodologias utilizadas pelos professores durante as aulas podem fazer toda a diferença na aprendizagem

dos estudantes, sendo caracterizadas como estratégias por vezes inovadoras, por vezes tradicionais. No grupo de discussão no qual interagiram os docentes, a professora Uju chamou a atenção para o tema. Em seguida, outros colegas também apresentaram seu posicionamento e passaram a estabelecer relações entre as metodologias que utilizam e os fatores que, de alguma forma, impactam em sua prática docente.

PROFESSORES

Uju - *Creio que a estrutura também tem que mudar, número de alunos em sala, tempos e espaços para organizar e desenvolver novas metodologias.*

Mervin - *Sem querer fugir a ideia central do debate, defendo que o modelo de professor horista está totalmente em desacordo com as novas exigências das práticas pedagógicas.*

Dike - *A tecnologia sem tempo pra criar é mancante.*

Obinze - *Uma sugestão que acolho para a implantação da proposta da equipe gestora com os recursos seria a disponibilização de mais tempo para elaboração de projetos inter/trans/multidisciplinares. Fato esse que esbarra em condições de contratação de professores horistas.*

A preocupação com o processo de elaboração das propostas, em que a opção metodológica definida pelo professor implicará na prática, ou seja, no desenvolvimento da aula, parece encontrar no fator tempo um obstáculo. Mais especificamente, os docentes referem-se ao tempo de preparação prévia das atividades e, a isso, vinculam o modelo de contratação adotado pelo colégio. No entanto, a fala dos docentes parece ignorar o percentual de vinte por cento que é pago a mais nos salários para que eles desenvolvam atividades extraclasse ligadas à instituição, tais como corrigir provas e preparar aulas, por exemplo.

Até mesmo por compreender as dificuldades enfrentadas pela grande maioria dos professores no país, já citadas aqui, tais como baixos salários e grandes jornadas de trabalho semanal, esse tempo que deveria ser destinado para o planejamento das aulas e correções de avaliações, acaba sendo ocupado com mais aulas no intuito, principalmente, de aumentar a renda.

De todo modo, ao relacionarem o tempo insuficiente para a preparação das aulas e a proposição de inovações metodológicas, os professores acabam por assumir um papel mais conservador ou tradicional em sua rotina com os estudantes,

até mesmo quando utilizam os novos equipamentos que foram adquiridos pela escola. Na verdade, a atitude dos docentes se materializa em uma ação que se desenvolve em modo de segurança, na qual o risco de errar é um tanto quanto minimizado, pois o planejamento das atividades é pensado dentro da zona de conforto do professor. Alguns registros realizados por eles dão uma pista em relação à prerrogativa.

PROFESSORES

Derridasafista - *E o exemplo do quadro interativo é apenas um. O uso da tecnologia não demanda só saber trabalhar com a tecnologia. Demanda tempo de preparação, de estudo. As atividades não nascem prontas. Precisam ser pensadas, elaboradas, muitas vezes repensadas. O processo não é tão simples.*

Uju - *Buscamos um processo que seja eficaz mas muitas vezes planejado rapidamente, sem troca com os outros profissionais.*

Mariama - *Usar o quadro interativo explorando seus recursos requer uma preparação prévia... Caso contrário podemos ficar "refém" da tecnologia e a aula que deveria fluir, demora até para começar [...]*

Dike - *O quadro interativo foi outro recurso tecnológico introduzido em sala. Uma proposta excelente. Mas uma aula preparada com esse recurso que vá além de uma simples apresentação de slides demanda muito tempo. Neste ano consegui elaborar 4 aulas, dentre as quais duas não foram bem sucedidas. Mas o risco de errar deve nos desafiar.*

A aparelhagem disponível nas salas de aula e os recursos para o acesso à informação no colégio parecem não ser um obstáculo para o trabalho dos professores, muito embora também não sejam a solução para que as aulas sejam repensadas na perspectiva do hibridismo e da multimodalidade. Em muitas propostas inovadoras que surgem no campo da educação, o recurso tecnológico aparece como fator central para engajar os estudantes na aprendizagem. Tal entendimento, porém, é questionável e os próprios estudantes pesquisados reconhecem em sua falar que o fator central na aprendizagem segue sendo o professor.

ESTUDANTES

Kosi - *Eu acho que a tecnologia deve ser utilizada como um instrumento "a mais" nas salas de aula, pois eu acho necessário também a interação do professor com o aluno. Vou dar um exemplo, tipo, vídeo aula, é uma ferramenta que ajuda muito, mas n pode ser priorizada ou substituída pelas*

aulas "cara a cara" dos alunos, porque o professor estar dando explicação a mais, caso o aluno queira tirar dúvidas não será possível.

Adamma - *Eu penso que a tecnologia deva entrar na vida dos alunos como ferramenta para um estudo didático e complementar ideias. [...] até porque os professores são essenciais na minha aprendizagem em questão de conteúdo.*

Emeka - *Particularmente não consigo entender 100% por vídeo aula, assisto somente quando com muita dificuldade, no mais tento absorver e copiar o máximo que consigo durante as aulas.*

Elohor - *Eu acho que a utilização do recurso digital pode ajudar sim, mas não substituiria a interação entre os professores com os alunos.*

O estudo de Dorn et. al (2017, p. 09), é revelador nesse sentido e reforça o entendimento de que o papel do docente, de forma presencial na sala de aula, explicando os conceitos, corrigindo exercícios e orientando as atividades é condição indispensável para que os estudantes possam aprender.

Dado o forte apoio à pedagogia baseada na investigação, isso parece contraintuitivo. Apresentamos duas hipóteses para esses resultados. Primeiro, os alunos não são capazes de avançar para métodos baseados na investigação se não tiverem uma base sólida de conhecimento, que se adquire por meio do aprendizado orientado pelo professor. Segundo, o ensino investigativo é intrinsecamente mais complexo; por isso, professores que se dedicam a ele sem treinamento e apoio adequados enfrentam grandes dificuldades.

O excerto contribui para a retomada da premissa de que a tradição, aliada a práticas inovadoras de ensino, potencializam a aprendizagem dos estudantes. A dicotomia que regularmente contrapõe os dois conceitos, por vezes, associa as práticas inovadoras à mobilização de um aparato ferramental que, embora auxilie, não caracteriza *per se* uma inovação pedagógica, ao não conseguir, inclusive, suplantar um bom processo de ensino tradicional. De alguma maneira, isso é apontado pelos os estudantes:

ESTUDANTES

Kosi - *Outra tecnologia que complementa nossos estudos são os laboratórios, ainda mais o de química, devido ao fato de ocorrer o que eu disse mais acima, a gente ver na prática e entender como ocorre todo o processo. Entretanto, sem a explicação do professor e a leitura do livro (metodologia antiga) não adiantaria de nada a tecnologia. [...] Entretanto*

acredito que o computador por exemplo, trás assuntos mais superficiais, apresentam informações de tudo um pouco. Já o livro apresenta informações mais aprofundadas, entretanto de assuntos específicos, ou seja, depende do tipo de situação para uma escolha sábia. As vezes, em um trabalho de escola é mais útil as tecnologias, pois apresentamos um prazo e necessitamos de informações mais rápidas (e por isso pesquisamos em várias fontes, devido a superficialidade dos assuntos). Já em uma pesquisa, o essencial seria um estudo através de livros, uma vez que é algo bem mais complexo.

Buchi - *Preciso de um professor para tirar minhas dúvidas e preciso equilibrar o modo de estudar (livro e tecnologia).*

Adamma - *Eu tento conciliar os livros e cadernos com a tecnologia.*

Christiana - *Os livros são muito bons e eu acho que nunca devem ser substituído mas com a internet juntamente a eles temos mais ferramentas. [...] Também acho que o livro pode não só representar os livros que usamos pra estudar conteúdos, mas aquele que são mais literários (não sei se é assim que fala, mas não achei uma expressão melhor) e que as vezes deixamos de ler ou estudar por conta do celular.*

As narrativas valorizam o trabalho docente e, indiretamente, atribuem a ele ainda mais responsabilidade. De acordo com de Dorn et. al (2017, p. 08), “alunos cuja educação é uma mistura de investigação própria e instrução orientada por professores obtêm os melhores resultados”. No entanto, temáticas abordadas em outras seções deste estudo favoreceram a compreensão de que o trabalho docente precisa ser de qualidade e, para isso, o investimento na formação continuada do profissional docente deveria ser intensificado, neste caso, pelo Colégio dos Jesuítas. Segundo os autores “sistemas escolares de alto desempenho e em rápido aperfeiçoamento exigem ensino de alta qualidade. É simples assim. E difícil assim”.

A tradição educativa da Companhia de Jesus no mundo, ao longo de muitos anos, desde a Ratio Studiorum¹² de 1599, contou com muitos movimentos internos de renovação, que objetivaram adequar os diferentes colégios ao seus contextos e às necessidades apresentadas pelos novos tempos. No entanto, a prevalência dos princípios que norteiam a pedagogia inaciana, desde sempre, e o reconhecimento mundial de que os colégios da Companhia são centros educativos de excelência, não impediram que os jesuítas mantivessem o olhar atento à sua prática em um exercício de constante reflexão, desde o século dezesseis. Segundo o que o próprio

¹² Documento escrito pelos jesuítas cujo objetivo era o de normatizar o trabalho desenvolvido nos colégios da Companhia de Jesus e garantir uniformidade nos procedimentos de estudantes e educadores.

documento: Colégios Jesuítas: Uma Tradição Viva no Séc. XXI, um exercício contínuo de discernimento (2019, p. 09), reconhece, “[...]a própria história humana é uma tradição viva que exige olhos, ouvidos e corações abertos”.

5 UMA PROPOSTA PARA A SALA DE AULA DO ENSINO MÉDIO

O presente estudo teve como *lócus* de investigação o Colégio dos Jesuítas, localizado na Zona da Mata mineira, mais especificamente na cidade de Juiz de Fora. O problema de pesquisa que motivou e permeou a estrutura do trabalho, desde o embasamento teórico até a definição da metodologia, emergiu da inquietação do pesquisador, na época coordenador do EMIV, frente ao modo como a sala de aula, hoje, tem se apropriado da cultura digital sem, no entanto, estabelecer uma dicotomia com o analógico.

Nesse sentido, procurou-se identificar de que forma os professores mobilizam as tecnologias digitais em sua prática cotidiana e como os estudantes percebem essa mobilização, considerando o processo de aprendizagem. Para participar deste estudo, foram convidados professores e estudantes da segunda série do Ensino Médio Integral Vespertino, que integra o trabalho de filantropia realizado pela instituição, tendo passado por mudanças curriculares significativas nos últimos anos.

Assim, em um primeiro momento, foi importante contextualizar o movimento interno ocorrido no Colégio dos Jesuítas, a partir de 2015, quando a equipe gestora passou por uma importante renovação. Motivados pela estruturação da Rede Jesuíta de Educação no Brasil e pelas discussões que culminaram na publicação do Projeto Educativo Comum, em 2016, os novos gestores foram convocados a aproximar a instituição das outras unidades de educação básica, também pertencentes à Rede.

Como resultado, foram notáveis as mudanças ocorridas na cultura organizacional do Colégio, assim como na qualificação dos espaços de ensino e aprendizagem, por meio de reformas, construções, aquisição de novos equipamentos e plataformas digitais. No entanto, restava saber de que maneira a utilização e mobilização desses recursos estavam, “de fato”, repercutindo nas metodologias de ensino e aprendizagem dos alunos, de modo a inaugurar um outro paradigma.

O passo seguinte foi, a partir do referencial teórico delineado, compreender quem são, atualmente, os atores da pesquisa, professores e alunos, e de que forma eles estão inseridos na cibercultura. A articulação entre os propósitos da investigação, os dados empíricos produzidos e os autores estudados, possibilitou um melhor entendimento acerca de como as diferentes gerações percebem a si, como elas enxergam os outros e de que forma interagem no contexto educacional.

Após esta incursão teórica, o desafio foi encontrar uma metodologia apropriada para o levantamento e a produção dos dados empíricos. Por conhecer de perto a rotina de professores e estudantes, caracterizada por uma profusão de diferentes atividades, apostou-se na realização de grupos de discussão, em que a interação dos participantes ocorresse no aplicativo WhatsApp. Acreditou-se que essa aposta metodológica, antes de se configurar como um risco para a pesquisa, seria capaz de estimular discussões e geração de dados empíricos relevantes para o estudo, uma vez que o uso do aplicativo se insere hoje no cotidiano de um número significativo de pessoas.

O processo foi estruturado com base em dois grupos de discussão, um formado por professores e outro composto pelos estudantes, ambos vinculados à segunda série do EMIV. As interações nos grupos transcorreram durante cinco dias seguidos e partiram sempre de uma provocação inicial feita pelo pesquisador, realizada no início de cada manhã. As discussões foram bastante profícuas e aconteceram de maneira bastante espontânea.

Nesse sentido, antes mesmo do término dos cinco dias delineados para a interação, a dinâmica dos dois grupos de discussão já despontava como uma primeira contribuição do estudo. A proposta de interação e os recursos disponibilizados pelo aplicativo permitiu que estudantes e professores pudessem interagir nos momentos mais oportunos, dentro de sua rotina diária, além de eleger o recurso mais apropriado para sua intervenção, como mensagem de texto ou áudio, por exemplo. Ou seja, houve autonomia não somente no que diz respeito à temporalidade da interação, mas, também, no que se refere à maneira de trazer um ponto de vista, complementar ideias, retomar temáticas, concordar e discordar das opiniões dos colegas, assim como das provocações feitas pelo pesquisador.

Assim sendo, é possível dizer que valer-se desta técnica, na perspectiva da pesquisa qualitativa, foi bastante eficaz para o engajamento dos participantes. Os dados gerados foram transpostos do aplicativo para o computador, verificados e, posteriormente, analisados mediante sua distribuição em três seções temáticas, as quais organizaram o capítulo anterior.

A definição dessas seções, por sua vez, se deu após um primeiro levantamento do conteúdo das discussões, presentes em ambos os grupos de WhatsApp. As falas evidenciaram, de algum modo, três temas, igualmente importantes e diretamente

relacionados ao problema da pesquisa, quais sejam: (i) a centralidade do conteúdo e das avaliações externas, (ii) a formação docente e as escolhas metodológicas e (iii) a luta pela imposição de sentidos da tradição e da inovação pedagógica.

Um dos pontos que fica claro em relação aos estudantes é que a cultura digital é, de fato, vivida em todas suas potencialidades, especialmente no que diz respeito ao acesso a informação e a interação ocorrida entre eles. Eles estão sempre “disponíveis” na e para a internet, não apenas no espaço físico da sala de aula, mas nos diferentes aplicativos, redes sociais e mesmo plataformas de estudo aos quais têm acesso.

No entanto, o que parece corroborar esses adolescentes enquanto nativos digitais ou como uma geração autossustentável, do ponto de vista da sua formação, é colocado sob suspeita quando eles apontam para a necessidade da presença física do professor em sala de aula, ou, ainda, quando sinalizam que “dependem” da correção de exercícios no quadro e da explicação da matéria para que possam aprender. A relevância da atuação docente é sublinhada por Fischer (2012, p. 1049), ao apontar a internet como um grande depósito de informações em que “todos os saberes estariam disponíveis”, supostamente.

Percebe-se, com isso, que o desenvolvimento cognitivo e o domínio de conteúdos específicos pelos estudantes estão relacionados, também, a fatores inerentes à convivência social e às mediações feitas pelos adultos, educadores e família. Sozinhos, eles parecem perdidos por vezes, diante das várias possibilidades de acesso ao mundo digital e da velocidade com que as informações são disponibilizadas.

As análises iniciais relativas às percepções dos professores também revelaram informações relevantes. Sabemos que o espaço escolar, no qual convivem distintas gerações, é o palco onde ocorre o processo de ensino e aprendizagem. No entanto, esse espaço é, hoje, mutante e digital, híbrido e multimodal. Nesse sentido, os professores, como atores do processo, são impelidos a um movimento quase obsessivo por formação, a fim de que possam atuar em um cenário que está reconfigurado.

Esse movimento se transforma, muitas vezes, em uma realidade perversa, que tem afetado muitos educadores, ao considerar-se a longa jornada de trabalho diária e os afazeres que envolvem a preparação das aulas, a correção das avaliações e a

interação com os estudantes nas plataformas digitais. O mito das tecnologias, como resposta possível a problemas relacionados da educação, intensifica ainda mais a cobrança é feita ao professor. Sobre isso, Dalla Zen e Freitas (2019, p. 210) fazem referências a “uma suposta neutralização de nosso senso crítico, como professores e professoras, no que tange à adesão ao que estamos chamando de mitos educacionais, diretamente ligados à ideia de inovação na educação”.

De algum modo, professores e estudantes convergem ao reconhecerem o empenho do Colégio dos Jesuítas em qualificar os espaços de aprendizagem. Foram apontadas reformas, inclusive das salas de aula, disponibilidade de internet, plataforma digital para a interação entre docentes e estudantes, além da presença de equipamentos capazes de auxiliar as aulas na perspectiva do que foi planejado pelo professor. Paralelamente, porém, evidenciou-se que o atual modelo de formação permanente e a escassa disponibilidade de tempo do professor dificultaram a efetivação de propostas pedagógicas capazes de explorar todo o potencial da instituição.

Outro aspecto relevante nas análises foi o quanto pode ser delicado e mesmo desafiador para o Colégio dos Jesuítas ser uma escola reconhecidamente fiel aos seus valores fundamentais, dedicada à formação integral dos seus estudantes e, paralelamente, competente o suficiente para atuar no concorrido mercado educacional de Juiz de Fora e do próprio território nacional, especialmente no que se refere aos grandes centros urbanos. Essa realidade encontra respaldo, por exemplo, na expectativa expressa pelas famílias ao dedicarem grande parte de seus investimentos para que os filhos obtenham sucesso acadêmico com a aprovação no vestibular.

Tanto professores como estudantes trouxeram em suas intervenções esta preocupação, diretamente imbricada à pressão advinda das atuais dinâmicas sociais. Em diversos momentos, os dois grupos participantes se mostraram insatisfeitos com a modalidade de ingresso da Universidade Federal de Juiz de Fora, notadamente pelo fato de o conteúdo ser o único aspecto avaliado no exame de acesso ao Ensino Superior. No entanto, cabe notar aqui que, por se tratar de um exame, faz-se necessário que ele meça alguma coisa, neste caso, um conjunto de conteúdos previamente delineado e divulgado. Cabe, sim, à instituição organizar-se pedagogicamente, de modo que o currículo e, conseqüentemente, as práticas pedagógicas não fiquem reféns do utilitarismo.

Ao reconhecer a tradição educativa da Companhia de Jesus no mundo e a relevância do Colégio dos Jesuítas na região da Zona da Mata mineira, é imperativo, considerado o exposto, que a instituição mantenha a excelência da formação acadêmica e da formação humana, estimulando ainda mais iniciativas relacionadas à formação de lideranças. Segundo o PEC (2016, p. 54), estes jovens líderes precisam ter “[...] na justiça e no serviço, seus principais compromissos”. Dessa maneira, espera-se que eles discutam a realidade, contribuam e transformem “[...] a si mesmo, as pessoas e, por meio das pessoas, a sociedade”.

Talvez este possa ser um caminho: ao formar lideranças ativas na região, por que aspectos relacionados à liderança e ao compromisso com uma sociedade mais justa não podem ser considerados em processos de admissão no Ensino Superior da cidade ou do estado? Trata-se de algo comum para universidades norte-americanas, por exemplo, nas quais o histórico do estudante é analisado e avaliado.

O relevante aqui, entretanto, é sublinhar o quanto a modalidade de ingresso prevista no PISM e a expectativa criada pelas famílias pressionam, de certa forma, a definição e a priorização de conteúdos curriculares, notadamente nas turmas da segunda série do Ensino Médio, o que ocorre na ampla maioria dos colégios particulares que oferecem este nível de ensino. Certamente, são aspectos importantes de serem levados em conta; no entanto, conforme o próprio PEC ressalta (2016, p. 45):

importante na definição dos currículos é considerar as diversas áreas do conhecimento, as particularidades do perfil dos educandos, as características das faixas etárias e do que dispõe a instituição como mediação para os processos educativos.

De forma alguma, tanto o público pesquisado como autores que balizaram o estudo, a exemplo de Thiesen (2018), Dorn *et al.* (2017), Silva (2015), Saviani (2009) e Bondía (2002), questionam a relevância e a necessidade de um conjunto de conteúdos a ser trabalhado em sala de aula. O que se coloca em questão é de ordem quantitativa, isto é, refere-se ao excesso de conteúdos que acaba por circunscrever as práticas pedagógicas na segunda série do Ensino Médio no Colégio dos Jesuítas. Além disso, apontou-se, igualmente, a priorização de algumas disciplinas em detrimento de outras, corroborando a lógica imposta pelo vestibular e, por vezes, indo de encontro à perspectiva da formação integral.

Estudantes e professores destacaram que a rotina escolar é influenciada pelo pragmatismo e pelo acúmulo de conteúdos, decorrentes do processo seletivo proposto pela UFJF. Diante de tal indicativo, a impressão é de que o processo de ensinar e de aprender tem seu sentido esmaecido, pois o potencial prazer oriundo dessa experiência é sobreposto por um reducionismo, caracterizado pelo acúmulo de informações.

Por outro lado, foi percebida uma avaliação positiva, em especial por parte dos estudantes, frente às mudanças recentes ocorridas no EMIV, como: alteração de horário, que permitiu saída do noturno para o vespertino, proposta do turno integral, oferta de aulas de artes e de educação física para todas as séries, entre outras. O grupo entendeu que estas ações qualificaram o currículo e permitiram a diversificação da proposta.

Todavia, conforme apontado, principalmente no que tange às disciplinas avaliadas pela UFJF para o ingresso no Ensino Superior, a necessidade de integralização de um extenso programa parece se converter em um impedimento para que outras iniciativas e abordagens sejam colocadas em prática pelos professores, inclusive no que diz respeito a propostas que mobilizem as tecnologias de modo ferramental ou para além disso. Já em relação às disciplinas que não são contempladas, o número reduzido de aulas acaba por restringir a integração dessas matérias em propostas relevantes de trabalho interdisciplinar e mesmo a abordagem de temáticas que, embora relevantes e contemporâneas, não são cobradas no PISM.

Em face dos desdobramentos da pesquisa, um encaminhamento possível de ser feito é ampliar as propostas de encontros de Formação Humana, que visam ao desenvolvimento das dimensões afetiva, espiritual e religiosa, tais como os Dias de Formação, a Pausa Inaciana ou as Manhãs de Formação. Esses encontros podem ser repensados e intensificados, levando-se em conta o contexto do Ensino Médio do Colégio dos Jesuítas. Iniciativas desta natureza encontram respaldo no PEC (2016, p. 45).

Vislumbramos um processo educativo cujo paradigma supere a visão racionalista vigente e nos impulse na renovação dos currículos e dos modos de ensinar, assumindo de forma mais explícita que, na perspectiva da educação integral, aprende a pessoa toda e não apenas a sua dimensão intelectual.

A investigação possibilitou avaliar aspectos intimamente ligados à formação continuada do professor no Colégio dos Jesuítas, notadamente no que se refere ao uso das tecnologias e às metodologias de ensino. Muitos dos registros analisados nos grupos de discussão apontaram para essa temática.

No ano de 2019, período em que a coleta de dados foi realizada, o Colégio dos Jesuítas repensava seu processo de Formação Permanente. A constatação era a de que o momento estava sendo mais aproveitado para a realização de reuniões do que, propriamente, para a formação continuada dos docentes. Durante o referido ano, as formações foram interrompidas pela direção.

A avaliação realizada pelo Colégio frente a esse processo está alinhada com a percepção dos atores da pesquisa, uma vez que, durante a interação nos grupos de discussão, os alunos apontaram para a falta de habilidade demonstrada pela maioria dos professores para a utilização dos novos equipamentos. Conseqüentemente, diante de dificuldades, à primeira vista bastante básicas, a utilização dos recursos tecnológicos e a exploração de todas suas potencialidades pelos professores foram percebidas de forma bastante limitada.

Nesse sentido, mesmo com as possibilidades de acesso ao mundo digital e a novas formas de ensinar, constatou-se que as metodologias aplicadas pelos docentes não fugiram do modelo mais tradicional de aula. Muito embora esse método seja bastante valorizado pelos estudantes e necessário para a formação de uma sólida base acadêmica, pesquisas sobre resultados da aprendizagem, a exemplo da desenvolvida por Dorn *et al.* (2017), indicam que as metodologias de ensino que valorizam recursos e práticas híbridas e multimodais favorecem a aprendizagem dos alunos e, por conseguinte, têm mais êxito.

Especificamente no que diz respeito à formação continuada, o PEC (2016) aponta que ela deve visar à atualização e ao aprimoramento teórico e prático de conhecimentos, competências e habilidades exigidas para o exercício das funções, estando associada à compreensão e à assimilação da identidade e da missão do Colégio. Assim, ao considerar os resultados, é relevante que o Colégio dos Jesuítas, ao avaliar sua prática e propor um novo modelo de Formação Permanente, inspirado no PEC (2016), mantenha a temática em pauta, de modo a oferecer um processo formativo que contemple, entre outros aspectos, as TD, enquanto recurso pedagógico e, igualmente, como constitutivas da cultura contemporânea.

Dada a velocidade com que as mudanças acontecem e ao empenho do mercado em oferecer uma maior variedade de produtos e serviços, os momentos de formação, dedicados às questões pedagógicas, são oportunidades para que também sejam discutidas as falsas dicotomias educacionais, como tradição *versus* inovação, em especial no âmbito do próprio Colégio. A iniciativa, ao possibilitar um aprofundamento do tema, pode subsidiar, inclusive, a melhor aplicação dos recursos financeiros, em se tratando daquilo que é mais eficiente no processo de ensino e aprendizagem e sendo fiel ao que propõe a educação jesuítica.

Nos parágrafos anteriores, foi apresentado um conjunto de reflexões suscitadas pelas interações realizadas nos grupos de discussão. Como um profissional que foi sendo formado no contexto do Colégio dos Jesuítas, reitero que meu interesse com esta pesquisa foi de melhor compreender como os processos pedagógicos têm se desdobrado em sala de aula, especialmente no que se refere à presença da cultura digital na instituição. Essa compreensão, por sua vez, foi organizada a partir de alguns achados, que entendo ser a contribuição do trabalho para o Colégio e, em alguma medida, para o próprio campo educacional. São eles:

- (i) utilização de uma técnica de pesquisa, o grupo de discussão, a partir do aplicativo WhatsApp, que permitiu uma interação profícua entre professores e estudantes, considerando os objetivos da investigação. A estratégia, inserida no campo da pesquisa qualitativa, mostrou-se prática e eficiente para o levantamento e a organização dos dados empíricos. Embora seja um achado relacionado, notadamente, a questões metodológicas, é possível ratificar as potencialidades do aplicativo como espaço de interação, porque não?, a ser mobilizado no próprio processo de ensino e aprendizagem;
- (ii) valorização e ampliação de atividades relacionadas à formação humana, considerando as dimensões espiritual-religiosa e de liderança, voltadas aos estudantes do Colégio dos Jesuítas. Destaca-se essa característica, própria da formação inaciana, como um diferencial capaz de colaborar com a aprendizagem de conteúdos;
- (iii) ampliação da discussão sobre as TD pelo corpo docente, com investimento na formação de professores. Quanto à ampliação da discussão, a pesquisa

apontou para uma abordagem que contemple as tecnologias para além de seu ferramental;

- (iv) implementação de metodologias híbridas e multimodais no processo de ensino e aprendizagem;
- (v) essa implementação, por sua vez, não deve estabelecer uma dicotomia entre o analógico e o digital, nem entre tradição e inovação, uma vez que, embora os estudantes valorizem a inserção das TD no Colégio, eles trazem à tona a importância da continuidade de métodos considerados mais tradicionais para o bom desenvolvimento da aprendizagem;
- (vi) nesse sentido, o próprio papel do professor é ratificado pela pesquisa. Sua presença física e qualificada em sala de aula, sobretudo considerando determinadas características desta geração, ainda aparece como algo inquestionável;
- (vii) a última contribuição vem a corroborar a efetividade e a assertividade do movimento de renovação, iniciado no ano de 2015, no Colégio dos Jesuítas, quando se iniciou um processo de revisão e de reposicionamento da instituição. Espera-se, assim, que o trabalho possa servir de subsídio para a qualificação desse movimento.

Por fim, como forma de tangibilizar um dos objetivos da pesquisa, proponho um alinhamento conceitual entre as concepções trazidas pelo PEC sobre as Tecnologias Digitais e os dados produzidos pela pesquisa:

TECNOLOGIAS DIGITAIS NA ESCOLA: uma proposta para a sala de aula do ensino médio

PEC 2016

Vislumbramos um processo educativo cujo paradigma supere a visão racionalista vigente e nos impulse na renovação dos currículos e dos modos de ensinar assumindo de forma mais explícita que, na perspectiva da educação integral, aprende a pessoa toda e não apenas a sua dimensão intelectual.

Ampliação e consolidação de espaços para o desenvolvimento das competências gerais da BNCC, em articulação às dimensões previstas na formação inicial.

Há uma conexão em tempo real entre os seres humanos e os coletivos, independentemente de onde estejam, na qual virtual e real se misturam e afetam, principalmente, os nativos da cultura digital.

Formação experiencial e cultural para professores com foco nas TD, não tomando-as unicamente em seu viés ferramental.

As tecnologias digitais vêm alterando a vida nas sociedades contemporâneas. Novas e surpreendentes tecnologias da Informação e da comunicação têm estreitado as distâncias e possibilitando a cocriação, apropriação e disseminação de conhecimentos. Juntos com as demais organizações, a educação está imersa num entorno tecnocomunicativo.

Implementação de metodologias de ensino híbridas e multimodais, mediante clara intencionalidade pedagógica, buscando explorar a ideia de blended learning.

Rever espaços, recursos e metodologias para que utilizem as tecnologias digitais para inovação considerando, conforme o critério que norteia os trabalhos apostólicos da Companhia, a relação entre meios e fins. A meta é de que os currículos contemplem discussões e uso fluente dos múltiplos meios tecnológicos na possibilidade de transpor os limites físicos e temporais da sala de aula.

Complementaridade da tradição e da inovação, no que diz respeito a práticas pedagógicas que garantam a aprendizagem do estudante.

A capacitação profissional consiste na busca por atualização e aprimoramento teórico e prático de conhecimentos, competências e habilidades exigidas para o exercício das funções, associada à compreensão e à assimilação da identidade e da missão do Colégio.

Ratificação e valorização do papel do professor no processo de ensino e aprendizagem; os estudantes demandam isso.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, p. 1-51, 2008.

BATES, A. W. Tony. **Educar na Era Digital: design, ensino e aprendizagem**. (Livro digital). Tradução de João Mattar. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017. (Coleção tecnologia educacional / 8)

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28.

BONILLA, Maria Helena Silveira. A práxis pedagógica presente e futura e os conceitos de verdade e realidade frente às crises do conhecimento científico no século XX. In: PRETTO, Nelson de Luca (Org.). *Tecnologias e novas educações*. Salvador: EDUFBA, 2009.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC. 2018. Disponível em: [portal.mec.gov.br › abril-2018-pdf › 85121-bncc-ensino-medio › file _20dez_site.pdf](http://portal.mec.gov.br/abril-2018-pdf/85121-bncc-ensino-medio/_20dez_site.pdf). Acesso 04 março 2019.

BRASIL. IBGE. Pesquisa Nacional por Domicílios Contínua, 2017. Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel para uso pessoal. Indicadores selecionados. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/9e88a636785c573625be2c5632bd3087.pdf. Acesso em: 28 mar. 2018.

BRASIL. Lei n.13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF., 26 jun 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm#anexo. Acesso em: 29 mar. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. *Planejando a Próxima Década. Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação*. Ministério da Educação/Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (MEC/Sase): Brasília, DF., 2014.

CALLEJO, Javier. **El grupo de discusión: Introducción a una práctica de investigación**. Barcelona: Editorial Ariel, 2001.

CARRAMENHA, Bruno; MANSI, Viviane Regina; CAPELLANO, Thatiana. WhatsApp e a midiatização da comunicação informal nas organizações. **Temática**, v.12, n. 01,

[S.I.], jan. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/27400>. Acesso em: 02 dez. 2018.

CASTELEIRO, Steven. **Baixa Escolaridade e Exclusão Social**. Problemas Sociais no Mundo Contemporâneo. UBI, 2008. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/2217360/Problemas-Sociais-Baixa-Escolaridade-e-Exclusao-Social-2007-2008>. Acesso em: 15 jan. 2020.

COLÉGIOS JESUÍTAS: UMA TRADIÇÃO VIVA NO SÉCULO XXI – Um exercício contínuo de discernimento. ICAJE. Pedro Risaffi. In: <http://colegiodosjesuitas.com.br/colegios-jesuitas-uma-tradicao-viva-no-seculo-xxi>. Acesso em: 16 fev. 2020.

COSTA, Fernando A.; PERALTA, Helena; VISEU, Sofia (Orgs.). **As TIC na educação em Portugal**: Concepções e práticas. Porto: Porto Editora, 2008. Coleção Mundo de Saberes.

COSTA, Marisa Vorraber. Quem são, que querem, que fazer com eles? Eis que chegam às nossas escolas as crianças e jovens do século XXI. In: MOREIRA, Antonio Flávio; GARCIA, Regina Leite; ALVES, Maria Palmira (Orgs.). **Currículo: pensar, sentir e diferir** (v. II). Rio de Janeiro: DP&A, 2005. Disponível em: https://www.ufrgs.br/neccso/wp-content/uploads/2017/01/texto_marisa_quemsao.doc. Acesso em 17 abr. 2019.

DORN, Emma. et. al. **Fatores que influenciam o sucesso escolar na América Latina**. McKinsey&Company, 2017. Disponível em: https://www.mckinsey.com/~/_media/mckinsey/industries/social%20sector/our%20insights/what%20drives%20student%20performance%20in%20latin%20america/fatores-qu-port.ashx. Acesso em 12 abr. 2019.

ESTÊVÃO, Carlos Vilar. Inovação e mudança nas organizações educativas públicas e privadas. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga (Portugal), v. 7, n. 1-2, p. 95-111, 1994.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. "Mitologias" em torno da novidade tecnológica em educação. **Educação e Sociedade**. [online]. 2012, v. 33, n. 121, p.1037-1052. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v33n121/a07v33n121.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2020.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONTENELLE, Isleide. Para uma crítica ao discurso da inovação: saber e controle no capitalismo do conhecimento. **Revista de Administração de Empresas** (São Paulo). [online]. 2012, v. 52, n. 1, p.100-108. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v52n1/08.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2020.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GOMES, A. S., et al. **Cultura digital na escola: Habilidades, experiências e novas práticas.** Recife: Pipa Comunicação, 2015.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; KLAUS Viviane. Entre Tradição e Inovação, percursos da história da educação de uma instituição jesuíta (Unisinós – 1953-2016). **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 41, p. 1485-1506, dez. 2016.

HERNÁNDEZ, Fernando. VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho: O conhecimento é um caleidoscópio.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

IBÁÑEZ, Jesús. **Más allá de la sociología. El grupo de discusión: Teoría y crítica** (5rd ed.). Madrid: Siglo Veintiuno Editores. 2003.

IBOPE. WhatsApp é o aplicativo mais usado pelos internautas brasileiros. IBOPE Conecta Express, 2015. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/WhatsApp-e-o-aplicativo-mais-usado-pelos-internautas-brasileiros.aspx>. Acesso em: 18 nov. 2019.

ILERIS, Knud (org.). **Teorias Contemporâneas de Aprendizagem.** Porto Alegre: Penso, 2013.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** São Paulo: Cortez, 2006.

KENSKI, Vani M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância.** 6. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2008.

KLEIN, Luiz Fernando. **Educação jesuíta e pedagogia inaciana.** São Paulo: Edições Loyola, 2015.

KLEIN, Luiz Fernando. Pedagogia Inaciana: sua origem espiritual e configuração personalizada. In: 2º. Encontro de Diretores Acadêmicos de Colégios Jesuítas da América Latina, 2014, Quito. **Anais eletrônicos...** Bogotá: Federação Latino-Americana de Colégios da Companhia de Jesus, 2014. Disponível em: <http://www.flacsi.net/wp-content/uploads/2014/09/PedInacOrigemConfig18set14.pdf>. Acesso em 05 dez. 2019.

KRAWCZYK, Nora (Org.). **Sociologia do Ensino Médio: Crítica ao economicismo na política educacional.** São Paulo: Cortez, 2014.

LAVILLE, Cristhian; DIONNE, Jean . **A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

LIMA, Márcio Roberto de. Cibereducação: tensões, reflexões e desafios. **Cadernos da Pedagogia**, São Carlos, ano 5, v. 5, n. 10, p.18-29, jan./jun. 2012. Disponível em:

<http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/370/170>. Acesso em 20 set. 2019.

LOPES, D. A.; SCHLEMMER, Eliane . **A cultura digital nas escolas: Para além da questão do acesso às tecnologias digitais**. In: Jean Segata; Maria Elisa Máximo; Maria José Baldessar. (Org.). Olhares sobre a cibercultura. 1ed. Florianópolis: CCE/UFSC, 2012, v. 1, p. 155-167.

LUCK, Heloísa. **Gestão Educacional: uma questão paradigmática**. Petrópolis: Vozes, 2015.

LUCK, Heloísa. **Gestão Participativa na Escola**. Petrópolis: Vozes, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais emergentes e atividades linguísticas no contexto da tecnologia digital**. Conferência apresentada na USP por ocasião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, realizado entre os dias 23-25 de maio, 2002. Disponível em: http://www.twiki.faced.ufba.br/twiki/pub/GEC/RefID/marcuschi-_generos_textuais_emergentes_no_.....doc. Acesso em: 03 jun. 2019.

MEC. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Série Mais Educação. **Caderno de Cultura Digital**. Brasília: Educação Integral, 2010.

MENDES, Conrado Moreira. A PESQUISA ON-LINE: potencialidades da pesquisa qualitativa no ambiente virtual. **Hipertextus**, São Paulo, v. 2, jan. 2009. Disponível em: <http://www.hipertextus.net/volume2/Conrado-Moreira-MENDES.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2018.

MICHAELIS On-line. *In: Uol*. [S.l., 2020]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 17 fev. 2020.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.

MORAN, José Manuel. Mudanças necessárias na educação, hoje. Campinas. 2014. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudan%C3%A7as.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2018.

MORGADO, Eduardo Martins. Inovação, Novos Conceitos Ampliados, Oportunidades para as empresas. **Revista de Ciências Gerenciais**, Bauru, v. 15, n. 21, p. 225-235, 2011.

MOTTA, P. R. **Planejamento estratégico em organizações sem fins lucrativos: considerações sobre dificuldades gerenciais**. R. Adm. públ., Rio de Janeiro, p. 7-21, jul./set. 1979.

OLIVEIRA, M. K. **VYGOTSKY: Aprendizado e Desenvolvimento: um Processo Sócio-Histórico**. São Paulo. Scipione, 1993.

PALFREY, J. GASSER, U. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. tradução: Magda França Lopes; revisão técnica: Paulo Gileno Cysneiros. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PINO, Angel. O biológico e o cultural nos processos cognitivos. In: MORTIMER, Eduardo Fleury; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **Linguagem, cultura e cognição**: reflexões para o ensino e a sala de aula. Belo Horizonte: Autêntica. 2001.

PRENSKY, M. **Digital Natives, Digital Immigrants**. MCB University Press, 2001. Disponível em: www.marcprensky.com/writing/Prensky - Digital Natives, Digital Immigrants - Part1.pdf. Acesso em: 04 mar. 2018.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PROJETO Político Pedagógico do Colégio dos Jesuítas. Juiz de Fora, 2018. Disponível em: <http://colegiodosjesuitas.com.br/uploads/general/14f66c3e38e950afb6d3712e41bb7d38fb526205.pdf>. Acesso em 07 out. 2019.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **Projeto Educativo Comum**. São Paulo: Loyola, 2016.

Relatório de Pesquisa – Análise dos Desafios e das Oportunidades de Mercado dos Colégios da Rede Jesuíta de Educação no Brasil – Colégio dos Jesuítas. Juiz de Fora, 2017.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6ª ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2001.

SAVIANI, Dermeval. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. 18ª ed. Campinas / São Paulo: Autores Associados, 2009.

SEMINÁRIO de Planejamento Estratégico do Colégio dos Jesuítas. Juiz de Fora, 2017.

SCHLEMMER, Eliane. A aprendizagem com o uso das tecnologias digitais: viver e conviver na virtualidade. **Série-Estudos – Periódico do Mestrado em Educação da UCDB**. Campo Grande-MS, n. 19, p. 103-126, jan./jun. 2005. <http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/451>. Acesso em: 29 set. 2019.

SCHLEMMER, Eliane . **Da linguagem logo aos espaços de convivência híbridos e multimodais**: recursos da formação docente em tempos de humanidades digitais. In: Sara Dias; Trindade Daniel Mill. (Orgs.). Educação e Humanidades Digitais: aprendizagens, tecnologias e cibercultura. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2019. E-book. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=nK2xDwAAQBAJ&pg=PA142&lpg=PA142&dq=shlemer+humaidades+digitais&source=bl&ots=T5t7k2xbIJ&sig=ACfU3U2rMxAlx3s7MFmud6dZT9WwIPnQTA&hl=en&sa=X&ved=2ahUKEwiw84H-7dvnAhVDILkGHa24C18Q6AEwAHoECAoQAQ#v=onepage&q=shlemer%20humaidades%20digitais&f=false>. Acesso em: 01 fev. 2020.

SCHLEMMER, Eliane. O Trabalho do Professor e as Novas Tecnologias. Revista Textual. Porto Alegre, v. 1, n. 8, p. 33-42, 2006.

SCHLEMMER, Eliane. Mídia social em contexto de hibridismo e multimodalidade: o percurso da experiência na formação de mestres e doutores. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 15, n. 45, p. 399-421, maio/ago. 2015.

SCHLEMMER, Eliane. Projetos de aprendizagem gamificados: uma metodologia inventiva para a educação na cultura híbrida e multimodal. **Momento: diálogos em educação**, E-ISSN 2316-3100, v. 27, n. 1, p. 42-69, jan./abril. 2018. Disponível em: periodicos.furg.br/momento/article/view/7801. Acesso em: 01 mai. 2019.

SCHLEMMER, Eliane; TREIN, Daiana. Projetos de aprendizagem baseados em problema no contexto da web 2.0: possibilidades para a prática pedagógica. **Revista E-Curriculum**, São Paulo, v. 4, n. 2, jun 2009. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ecurriculum>.

SILVA, Monica Ribeiro da. Currículo, ensino médio e BNCC: Um cenário de disputas. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 17, p. 367-379, jul./dez. 2015.

SISTEMA de Qualidade na Gestão Escolar - Informe Final do Processo de Avaliação do Colégio dos Jesuítas, Juiz de Fora, 2016.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital**: Como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando, das empresas aos governos. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

THIESEN, Juarez da Silva. Para onde caminha o ensino médio? **Revista Contrapontos** – eletrônica, Itajaí, v. 18, n. 2, p. 151-162, abr./jun. 2018.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Formação Social da Mente**: o Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

VYGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento**: o macaco, o primitivo e a criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

ZEN, Laura Habckost. Dalla. **O lugar das Experiências Culturais na Constituição de um Ethos Docente**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

ZEN, Laura Habckost Dalla; FREITAS, Ana Lúcia Soares. **O professor inovador**: mitos sobre a docência contemporânea. Congresso Ibero-americano de Docência Universitária: 'o envolvimento estudantil', 2018, Porto Alegre.

ZEN, Laura Habckost Dalla; FREITAS, Ana Lúcia Soares. **O professor inovador:** mitos sobre a docência contemporânea .In: Rodrigues, Jaqueline Fonseca (Org.). Gestão, Avaliação e Inovação no Ensino. Ponta Grossa: Atena, 2019. E-book. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2019/10/E-book-Gestao-Avaliacao-e-Inovacao-no-Ensino-Superior.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2020.

WHATSAPP é o aplicativo mais usado pelos internautas brasileiros. IBOPE CONECTA, [S.I.], 2016. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/WhatsApp-e-o-aplicativo-mais-usado-pelos-internautas-brasileiros.aspx>. Acesso em: 06 dez. 2018.

APÊNDICE

APÊNDICE A

PROPOSTA PARA A INTERAÇÃO ONLINE DOS GRUPOS DE DISCUSSÃO NO WHATSAPP PARA ESTUDANTES E PROFESSORES
<ul style="list-style-type: none"> ❖ a previsão é a de os pesquisados, no grupo para qual foram designados, interajam com os seus pares durante cinco dias, iniciando na segunda-feira e terminando na sexta-feira da mesma semana.
<ul style="list-style-type: none"> ❖ o pesquisador fará a inserção de temas nos grupos sempre às 08:00 de cada dia.
<ul style="list-style-type: none"> ❖ as postagens referentes ao tema e as discussões que surgirem poderão ocorrer até às 23:59 do dia.
<ul style="list-style-type: none"> ❖ o pesquisador poderá interagir com os grupos sempre que necessário e de acordo com os objetivos da pesquisa.
<ul style="list-style-type: none"> ❖ os participantes possuem total liberdade para utilizar os recursos do aplicativo WhatsApp para que possam livremente, dentro do decoro, expressar as suas opiniões e sentimentos acerca dos temas e das discussões. Isso significa que texto, foto, vídeo, gif, podcast, emoji, emoticon, entre outras possibilidades, podem ser livremente utilizadas pelos envolvidos.
<ul style="list-style-type: none"> ❖ por ser um trabalho de pesquisa, ficará a critério do pesquisador apagar qualquer mensagem que não seja relacionada ao tema proposto.
<ul style="list-style-type: none"> ❖ não será permitido que as postagens sejam apagadas para que o registro do pesquisador não seja prejudicado, mesmo nos casos em que houver discordância entre as opiniões e eventuais erros de digitação. No caso de erros de digitação, se for o desejo do pesquisado, ele poderá corrigir o texto com uma nova postagem. Caso a postagem destinada ao grupo de pesquisa seja motivo de engano, o pesquisado deverá indicar o equívoco e poderá apagar a mensagem.

APÊNDICE B

PLANEJAMENTO PARA A DINÂMICA DE INTERAÇÃO NO GRUPO DE DISCUSSÃO	
DIA	PROFESSORES
segunda-feira 21/10/19	<p>Abordagem – mensagem de texto</p> <p>Estimados professores, antes de iniciarmos as discussões em grupo, utilizando o WhatsApp como meio digital para a interação, deixo registrado o meu agradecimento e digo que conto com as contribuições de vocês para o desenvolvimento da minha pesquisa. Lembro que vocês não estão respondendo a um questionário e que as falas de um devem ser comentadas de modo que exista uma interação entre vocês. Na sequência, compartilho com todos as orientações que devem organizar a dinâmica para que os participantes possam interagir livremente dentro dos prazos e das suas possibilidades de horário. É importante registrar que as identidades presentes nas discussões serão preservadas e que o grupo de WhatsApp será dissolvido tão logo a coleta dos dados termine.</p> <p>-----</p> <p>Abordagem – compartilho mensagem de texto com as orientações, conforme Apêndice A.</p> <p>Para iniciarmos, sem a necessidade de dizer nomes, gostaria que vocês fizessem um breve apanhado profissional e dissessem a quanto tempo lecionam, se a experiência é ou foi compartilhada entre escolas públicas e privadas e se atualmente trabalham somente no Colégio dos Jesuítas, etc. Para tal, compartilho um link para que vocês possam acessar e preencher um formulário no Google Docs.</p> <hr/> <p>Abordagem – mensagem de texto.</p> <p>Após as explanações iniciais e preenchimento do formulário no Google Docs, compartilho com vocês o trecho retirado de LIMA, 2012, p.18:</p> <p>A sociedade contemporânea convive com mudanças globais que revelam um panorama desafiador, múltiplo em possibilidades, riscos e incertezas. Os reflexos desse cotidiano são as reconfigurações do <i>modus operandi</i> social, o qual evidencia uma dinâmica contínua de modernização e de (re)adaptação a esse cenário mutante.</p> <p>Com base nesse excerto e pensando em sua prática docente cotidiana, tendo como pano de fundo o Colégio dos Jesuítas, proponho que discutam, COMO as tecnologias digitais estão sendo</p>

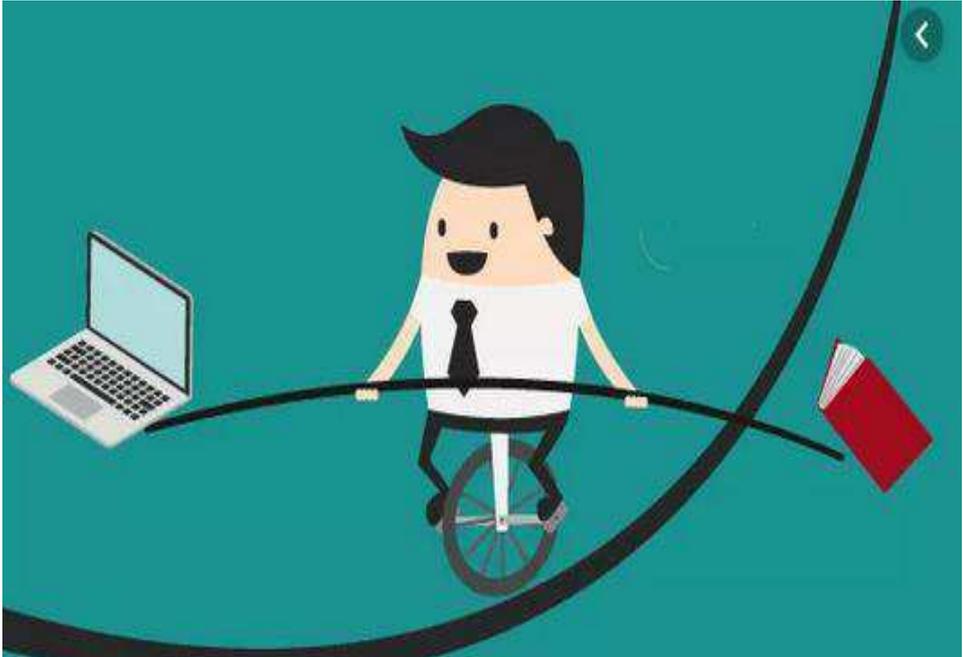
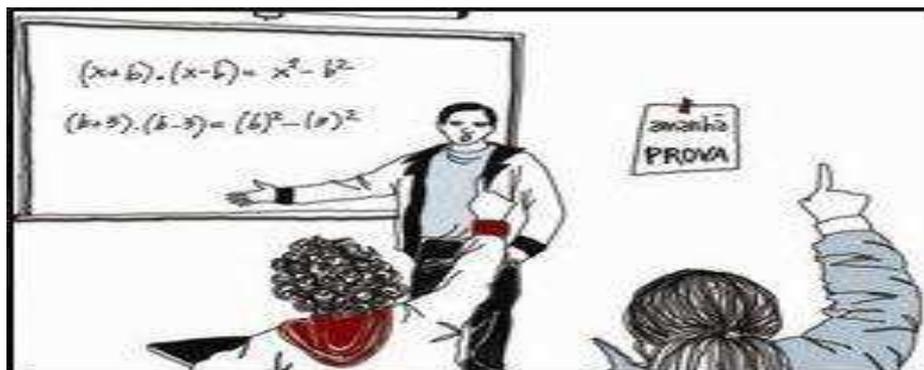
	<p>inseridas, ao longo do tempo, pela equipe gestora no contexto da nossa escola.</p>
<p>terça-feira 22/10/19</p>	<p>Abordagem – áudio e compartilhamento de link</p> <p>. Bom dia! Para iniciarmos as discussões de hoje, solicito que vocês acessem o link que disponibilizarei e assistam à animação. Na sequência, gostaria que vocês discutissem e argumentassem sobre o que assistiram na tentativa de localizar o Colégio dos Jesuítas na linha do tempo que foi construída pelos autores. Segue o link: https://youtu.be/tcLLTsP3wlo</p>
<p>quarta-feira 23/10/19</p>	<p>Abordagem – mensagem de texto</p> <p>Bom dia! As discussões de hoje devem partir de uma outra animação. Para iniciarmos gostaria que vocês assistissem e, posteriormente, considerassem a minha provocação. Segue o link: https://youtu.be/IJY-Nlhdw_4 Eu poderia atribuir o nome de Colégio dos Jesuítas à escola apresentada na animação, considerando o ensino de um determinado conteúdo?</p>
<p>quinta-feira 24/10/19</p>	<p>Abordagem – mensagem de texto</p> <p>Bom dia! A discussão de hoje deverá partir da análise de algumas imagens. Vejam abaixo:</p> <p>IMAGEM 1</p>  <p>www.eadbox.com</p>

IMAGEM 2

Download from
Dreamstime.com
This watermark is for previewing purposes only.

97630515
Kawen Wateesatogij | Dreamstime.com

IMAGEM 3

<http://teoriasdaeducacao.blogspot.com>

Durante as discussões que ocorreram na semana vocês abordaram temas e trouxeram opiniões que falaram sobre o uso das tecnologias no Colégio dos Jesuítas e como elas estão mobilizadas para o ensino e para a aprendizagem, diante da realidade e da demanda que temos. Compartilharei três imagens e solicito que elas sejam analisadas. Posteriormente, gostaria que discutissem pensando em qual delas faz mais sentido para o seu trabalho hoje e se há alguma outra imagem que poderá ser vista em nossa escola nos próximos cinco anos. Lembrando que não existem respostas certas ou erradas e que o importante são os argumentos utilizados para a defesa de um ponto de vista e/ou para a crítica ao que os colegas apontarem.

sexta-
feira

Abordagem – áudio e compartilhamento de Qr Code e link.

25/10/19

Bom dia! Entramos no último dia da pesquisa! Para hoje gostaria que vocês acessassem, via Qr Code ou através do link, a reportagem proposta.



<https://www.stoodi.com.br/blog/2017/03/15/como-seria-escola-perfeita/>

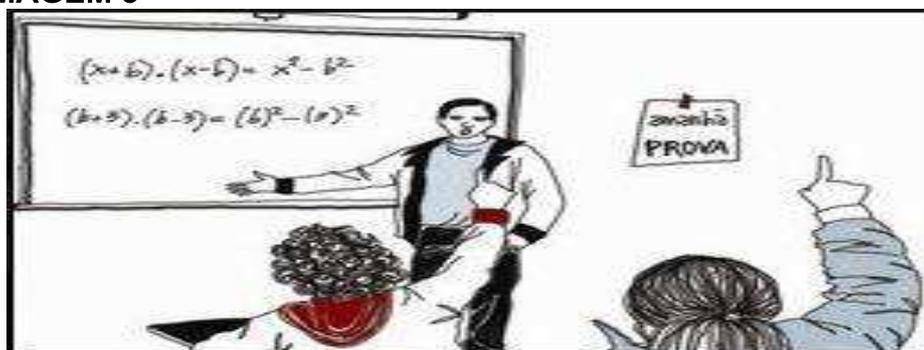
A matéria aponta para os resultados de uma pesquisa que convidou os estudantes para pensar em como seria a escola perfeita. Conhecendo os nossos alunos do Ensino Médio, do matutino e do integral, vocês pensam que as opiniões deles seriam semelhantes ao que disseram os estudantes pesquisados? Você concorda com a análise dos professores que comentaram a pesquisa? Bom trabalho!

Mensagem texto final com agradecimento.

APÊNDICE C

PLANEJAMENTO PARA A DINÂMICA DE INTERAÇÃO NO GRUPO DE DISCUSSÃO	
DIA	ESTUDANTES
segunda-feira 21/10/19	<p>Abordagem – mensagem de texto</p> <p>Estimados estudantes, antes de iniciarmos as discussões em grupo, utilizando o WhatsApp como meio digital para a interação, deixo registrado o meu agradecimento e digo que conto com as contribuições de vocês para o desenvolvimento da minha pesquisa. Lembro que vocês não estão respondendo a um questionário e que as falas de um devem ser comentadas de modo que exista uma interação entre vocês. Na sequência, compartilho com todos as orientações que devem organizar a dinâmica para que os participantes possam interagir livremente dentro dos prazos e das suas possibilidades de horário. É importante registrar que as identidades presentes nas discussões serão preservadas e que o grupo de WhatsApp será dissolvido tão logo a coleta dos dados termine.</p> <p>-----</p> <p>Abordagem – compartilho mensagem de texto com as orientações, conforme Apêndice A.</p> <p>-----</p> <p>Abordagem – mensagem de texto</p> <p>Para iniciarmos, sem a necessidade de dizer nomes, gostaria que vocês traçassem um breve perfil considerando o tipo de estudante que você é. Tipo assim: quanto tempo estuda em casa, se faz um horário de estudo regular; utiliza as manhãs e as noites, suas preferências em relação aos conteúdos, etc. Para tal, compartilho um link para que vocês possam acessar e preencher um formulário no Google Docs.</p> <p>-----</p> <p>Abordagem – áudio</p> <p>Vocês marcaram no formulário algumas opções referentes aos conteúdos e disciplinas, de maneira que puderam indicar preferências, dificuldades, facilidades e sobre a forma como estudam. Gostaria que aprofundassem nessa discussão e tentassem de alguma forma mostrar para os colegas os motivos que os levaram a indicar tal opção. Por exemplo: tenho muitas dificuldades com a disciplina X na área Y. Acho que é por isso... Penso que se algo fosse feito diferente... etc.</p>

<p>terça-feira 22/10/19</p>	<p>Abordagem – áudio e compartilhamento de link</p> <p>Solicito que vocês acessem o link que disponibilizarei e assistam à animação. Na sequência, gostaria que vocês discutissem e argumentassem sobre o que assistiram na tentativa de localizar o Colégio dos Jesuítas na linha do tempo que foi construída pelos autores. Segue o link: https://youtu.be/tcLLTsP3wlo</p>
<p>quarta-feira 23/10/19</p>	<p>Abordagem – áudio e compartilhamento de link</p> <p>Bom dia! As discussões de hoje devem partir de uma outra animação. Para iniciarmos gostaria que vocês assistissem e, posteriormente, considerassem a minha provocação. Segue o link: https://youtu.be/IJY-NIhdw_4</p> <hr/> <p>Abordagem – mensagem de texto</p> <p>Estudando no Jesuítas você poderia afirmar que as aulas ministradas em nosso colégio estão próximas ou distantes das aulas preparadas pela professora após a chegada das tecnologias?</p>
<p>quinta-feira 24/10/19</p>	<p>Abordagem – áudio e compartilhamento de imagens</p> <p>Bom dia! A discussão de hoje deverá partir da análise de algumas imagens. Durante as discussões que ocorreram na semana vocês abordaram temas e trouxeram opiniões que falaram sobre o uso das tecnologias no Colégio dos Jesuítas e como elas estão mobilizadas para o ensino e para a aprendizagem, diante da realidade e da demanda existente. Compartilharei três imagens e solicito que elas sejam analisadas. Posteriormente, gostaria que discutissem pensando em qual delas faz mais sentido para a sua aprendizagem hoje. Lembrando que não existem respostas certas ou erradas e que o importante são os argumentos utilizados para a defesa de um ponto de vista e/ou para a crítica ao que os colegas apontarem.</p> <p>IMAGEM 1</p>  <p>www.eadbox.com</p>

IMAGEM 2**IMAGEM 3**

<http://teoriasdaeducacao.blogspot.com>

Abordagem – mensagem de texto

Após observarem as imagens, gostaria que discutissem pensando em qual delas faz mais sentido para sua aprendizagem hoje e, diante da realidade e do que vocês percebem se há alguma outra imagem que representa uma possibilidade para os próximos cinco anos. Lembrando que não existem respostas certas ou erradas e que o importante são os argumentos utilizados para a defesa de um ponto de vista e/ou para a crítica ao que os colegas apontarem.

sexta-
feira

25/10/19

Abordagem – mensagem de texto

Bom dia! Entramos no último dia da pesquisa! Para hoje gostaria que vocês acessassem, via Qr Code ou através do link, a reportagem proposta.



<https://www.stoodi.com.br/blog/2017/03/15/como-seria-escola-perfeita/>

Sobre a escola perfeita, temática abordada pela pesquisa, observei que as respostas dos estudantes não apontaram para questões que diretamente tratavam sobre espaços digitais de diálogo, aplicativos, estudos online, disponibilidade de internet, entre outras questões relacionadas ao uso das tecnologias digitais. No entanto, percebi que a estudante Andréia acredita que a escola necessita de se reinventar saindo dos moldes tradicionais. Nesse sentido, gostaria que vocês discutissem sobre a escola perfeita e em qual medida a opinião de vocês se aproxima ou se afasta da opinião dos estudantes pesquisados e sobre a observação que eu faço. Bom trabalho!!!

Mensagem texto final com agradecimento.

APENDICE D

Juiz de Fora, 08 de outubro de 2019.

CARTA DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Eu, Welerson Mazzo Spada, coordenador da Unidade III do Colégio dos Jesuítas e aluno regularmente matriculado no curso de Mestrado Profissional em Gestão Educacional da Universidade do Rio dos Sinos – UNISINOS, sob orientação da professora Dr^a Laura Habekost Dalla Zen, estou realizando uma pesquisa que dará origem a minha dissertação de mestrado.

O objetivo da pesquisa é compreender de que modo a sala de aula, hoje, tem se apropriado da cultura digital sem estabelecer uma dicotomia com o analógico. A metodologia adotada será a formação de dois grupos de discussão em ambiente digital, com estudantes e professores da 2ª série do EMIV.

Venho por meio desta apresentar a pesquisa, e solicitar autorização para a realização do estudo nesta escola. Os dados coletados estarão sob sigilo ético. Os nomes dos participantes e das instituições não serão mencionados nem na Dissertação, nem em qualquer apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado.

Desde já agradeço a contribuição para o desenvolvimento desta atividade acadêmica e me coloco à disposição para possíveis esclarecimentos.



Welerson Mazzo Spada



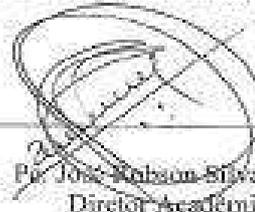
Laura Habekost Dalla Zen

Frente ao que foi exposto acima, expresso autorização para a realização da pesquisa.

Juiz de Fora, 08 de outubro de 2019.



Pe. Mário Sundermann SJ
Diretor Geral



Pe. José Roberto Silva Sousa SJ
Diretor Acadêmico

Pe. José Roberto Silva Sousa, SJ
Diretor Acadêmico
Assoc. Integr. de Educação e Invest. Social
CNPJ: 33.544.370/0007-84

Pe. José Roberto Silva Sousa, SJ
Diretor
TEL: 031 7842311 - 58E/JF-MG
2019-2020

APÊNDICE E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A pesquisa intitulada ***TECNOLOGIAS DIGITAIS NA ESCOLA: DO CRUZAMENTO DE OLHARES A UMA PROPOSTA PARA A SALA DE AULA DO ENSINO MÉDIO***, desenvolvida pelo mestrando **Welerson Mazzo Spada**, do Programa de Pós Graduação em Gestão Educacional da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, tem como objetivo compreender de que modo a sala de aula da 2ª série do Ensino Médio Integral Vespertino – EMIV, do Colégio dos Jesuítas, hoje, tem se apropriado da cultura digital sem estabelecer uma dicotomia com o analógico, identificando de que maneiras os docentes mobilizam os recursos tecnológicos para o ensino e de que formas os estudantes percebem a presença das tecnologias digitais em seu processo de aprendizagem. Essa investigação está sendo desenvolvida sob orientação da **Profª Drª Laura Habckost Dalla Zen**.

A sua adesão à pesquisa é totalmente voluntária e consistirá na participação em um grupo de discussão que acontecerá em espaço digital, durante cinco dias, o qual reunirá outros professores que lecionam no EMIV. As discussões e as formas de expressão utilizadas serão registradas para os fins da pesquisa.

Os dados coletados estarão sob sigilo ético. Os nomes dos participantes não serão mencionados nem na Dissertação, nem em qualquer apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado.

Sua participação é de fundamental importância para a investigação que está em curso e, desde já, agradeço a colaboração.

Pelo presente Termo de Consentimento, declaro que fui informado:

- Dos objetivos e procedimentos da pesquisa;
- De que nenhum participante será identificado, sendo mantido o caráter confidencial e anônimo das informações. Assim sendo, as informações e gravações estarão sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado;
- De que as informações serão usadas, unicamente, para fins de pesquisa;
- Da garantia de receber esclarecimentos a qualquer momento sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados à pesquisa.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

Juiz de Fora, 16 de outubro de 2019.

APÊNDICE F

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A pesquisa intitulada ***TECNOLOGIAS DIGITAIS NA ESCOLA: DO CRUZAMENTO DE OLHARES A UMA PROPOSTA PARA A SALA DE AULA DO ENSINO MÉDIO***, desenvolvida pelo mestrando **Welerson Mazzo Spada**, do Programa de Pós Graduação em Gestão Educacional da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, tem como objetivo compreender de que modo a sala de aula da 2ª série do Ensino Médio Integral Vespertino – EMIV, do Colégio dos Jesuítas, hoje, tem se apropriado da cultura digital sem estabelecer uma dicotomia com o analógico, identificando de que maneiras os docentes mobilizam os recursos tecnológicos para o ensino e de que formas os estudantes percebem a presença das tecnologias digitais em seu processo de aprendizagem. Essa investigação está sendo desenvolvida sob orientação da **Profª Drª Laura Habckost Dalla Zen**.

A sua adesão à pesquisa é totalmente voluntária e consistirá na participação em um grupo de discussão que acontecerá em espaço digital, durante cinco dias, o qual reunirá outros estudantes do EMIV. As discussões e as formas de expressão utilizadas serão registradas para os fins da pesquisa.

Os dados coletados estarão sob sigilo ético. Os nomes dos participantes não serão mencionados nem na Dissertação, nem em qualquer apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado.

Sua participação é de fundamental importância para a investigação que está em curso e, desde já, agradeço a colaboração.

Pelo presente Termo de Consentimento, declaro que fui informado:

- Dos objetivos e procedimentos da pesquisa;
- De que nenhum participante será identificado, sendo mantido o caráter confidencial e anônimo das informações. Assim sendo, as informações e gravações estarão sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado;
- De que as informações serão usadas, unicamente, para fins de pesquisa;
- Da garantia de receber esclarecimentos a qualquer momento sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados à pesquisa.

Assinatura do responsável

Assinatura da participante

Assinatura do pesquisador

Juiz de Fora, 16 de outubro de 2019.